

convergência

MAIO • 1998 • ANO XXXIII Nº 312



convergência

- O ESPÍRITO SANTO NAS RELIGIÕES NÃO CRISTÃS
- O SÍNODO DA AMÉRICA
- EDUCAÇÃO À ESPERANÇA
- A INTUIÇÃO JUVENIL DA VIDA CONSAGRADA
- PROCLAMAR A PALAVRA NA COMUNIDADE CULTUAL

SUMÁRIO

| | |
|-----------------------------------------------------------------------------------------------------|-----|
| EDITORIAL | 193 |
| Ir. Carmelita de Freitas, FJ | |
| PALAVRA DO PAPA | 196 |
| INFORME CRB | 201 |
| Irmãzinha Therezinha de Jesus | |
| O ESPÍRITO SANTO NAS RELIGIÕES NÃO CRISTÃS | 206 |
| Pe. Mario de França Miranda, SJ | |
| O SÍNODO DA AMÉRICA | 218 |
| Aloísio Card. Lorscheider Arcebispo de Aparecida-SP | |
| EDUCAÇÃO À ESPERANÇA | 225 |
| Pe. Adriano Sella Belém - PA | |
| A INTUIÇÃO JUVENIL DA VIDA CONSAGRADA | 231 |
| José Maria Arnaiz Tubilleja SM Conselheiro Geral da Congregação dos Padres Marianistas - Roma | |
| PROCLAMAR A PALAVRA NA COMUNIDADE CULTUAL .. | 238 |
| Pe. José Raimundo de Melo, S.J. | |

NOSSA CAPA

A ilustração para os próximos anos chama a atenção para a participação e o envolvimento da Conferência dos Religiosos do Brasil (CRB) no projeto de evangelização "Rumo ao novo milênio". Trata-se de uma fotografia tomada do mural artístico confeccionado em pedras de variadas cores numa parede interna, junto à capela da sede da CRB Nacional. Inspirado no logotipo escolhido pela Comissão Central da Santa Sé para o Jubileu, presidida pelo Cardeal Roger Etchegaray, a partir de um concurso vencido pela estudante de arte italiana Emanuela Rocchi, o artista plástico José Antonio Abreu, de Igarapé, MG, compôs o mosaico com grande expressão e beleza. Nele se destacam o globo terrestre, os cinco continentes representados pelas pombas, a cruz estilizada e as palavras: CRISTO, ONTEM, HOJE, SEMPRE, sinalizando o anúncio principal do projeto (Pe. João Roque Rohr, SJ).

ASSINATURA PARA 1998:

BRASIL: taxa única

Terrestre ou aérea R\$ 60,00

EXTERIOR: taxa única

Terrestre ou aérea R\$ 85,00

Número avulso (Brasil) R\$ 6,00

Os artigos assinados são da responsabilidade pessoal de seus autores e não refletem necessariamente o pensamento da CRB como tal.



convergência

Revista Mensal da
Conferência dos Religiosos
do Brasil: CRB

DIRETOR-RESPONSÁVEL:

Pe. João Roque Rohr, SJ

REDATOR-RESPONSÁVEL:

Pe. Marcos de Lima, SDB (Reg. 12679/78)

EQUIPE DE PROGRAMAÇÃO:

Coordenadora:

Ir. Maria Carmelita de Freitas, FI

Conselho editorial:

Ir. Afonso Tadeu Murad, FMS

Pe. Francisco Taborda, SJ

Pe. Jaldemir Vitorio, SJ

Frei Prudente Nery, OFM Cap.

DIREÇÃO, REDAÇÃO, ADMINISTRAÇÃO:

Rua Alcindo Guanabara, 24 • 4º andar

Cinelandia • Tel.: (021) 240-7299

20038-900 • Rio de Janeiro • RJ

DIAGRAMAÇÃO E IMPRESSÃO:

Edições Loyola

Rua 1822 n. 347 • Ipiranga

04216-000 • São Paulo • SP • Tel.: (011) 6914-1922

Registro na Divisão de Censura e Diversões Públicas do DPF sob o n. P.209/73

SEREIS MINHAS TESTEMUNHAS

O Evangelista Lucas, no início do Livro dos Atos dos Apóstolos, narra o episódio da ascensão de Jesus (At 1,6-12). A narrativa é sóbria, mais preocupada com o núcleo substancial do acontecimento do que com os detalhes de caráter circunstancial. Por isso mesmo, é densa de significados e de interpelações para a comunidade dos seguidores de Jesus de todos os tempos e lugares.

De acordo com a narrativa, Jesus se distancia e uma nuvem o oculta. É sobejamente conhecido o simbolismo da nuvem no Antigo Testamento. Elemento constitutivo das teofanias, a nuvem, ao mesmo tempo, vela e revela a presença salvífico-libertadora de Deus. Convida homens e mulheres a buscar no claro/escuro da fé a presença de Javé no meio do povo, a deixar-se conduzir pelos misteriosos caminhos do Senhor, numa progressiva experiência da sua salvação, nas vicissitudes da história.

Por isso, antes que a nuvem vele a sua presença física no meio deles, Jesus renova aos apóstolos a promessa do Espírito e confirma enfaticamente o envio ou mandato de que serão investidos: “recebereis uma força, a força do Espírito Santo que virá sobre vós e sereis minhas testemunhas em Jerusalém, em toda a Judéia e Samaria, até as extremidades da terra” (At 1,8). Do mesmo modo, depois que a visão de Jesus é envolvida pela nuvem e a perplexidade toma conta dos Apóstolos, a admoestação dos dois “mensageiros de

vestes brancas” os desperta para a realidade da promessa e do envio que deverá, daí para a frente, dar sentido e rumo definitivo às suas vidas, palavras e realizações: “homens da Galiléia, porque ficais aí a olhar para o céu?... Deixando, então a colina chamada ‘Monte das Oliveiras’, eles voltaram para Jerusalém (At 1,11-12).

A narrativa une, assim, de maneira indissociável, fé em Jesus, que volta para o Pai, dom do Espírito, e envio missionário até os confins da terra. A partir dessa experiência fontal para a Igreja, já não será possível pensar isoladamente nenhum desses três eixos fundamentais da vocação cristã. Não será possível aderir a Jesus e à sua proposta centrada no Reino, senão pela força do Espírito e na perspectiva da missão.

Todo o livro dos Atos vem a ser uma demonstração dessa verdade básica do cristianismo. A narrativa da itinerância missionária de Paulo, que é conduzido pelo Espírito, adquire no texto lucano caráter modélico ou paradigmático do seguimento para cristãos e cristãs através dos tempos. Todos e todas, imbuídos da força do Espírito, são co-responsáveis pela missão, pelo anúncio da Boa Nova do Evangelho a todos os povos, raças e culturas, em todas as épocas da história. A missão é constitutiva da experiência do seguimento de Jesus no Espírito, e configura a própria identidade cristã no mundo. É dessa fonte primigênia que nasce o “dever” e o “direito” de evangelizar, e é em razão desse envio fontal que cada um (cada uma) é constituído apóstolo, enviado,

missionário, testemunha, no coração da história e em todos os “areópagos” do mundo.

A narrativa lucana do evento da ascensão nos recorda, portanto, o mais fundamental da nossa vocação como Igreja e como Vida Religiosa. Ser fiel a essa vocação implicará, como na experiência de Jesus e dos Apóstolos, itinerância e riscos, preocupações e solitudes, incompreensões e entrega da vida. E fará que a semente lançada ao sabor do vento, que é o Espírito, germine ocultamente, cresça e frutifique para a vida do mundo. E então se cumprirá a Palavra de Jesus: “Sereis minhas testemunhas em Jerusalém, em toda a Judéia e Samaria, até as extremidades da terra”.

Os textos de CONVERGÊNCIA deste mês de maio situam-se, de modo geral, nesse amplo horizonte da Missão a que todos somos enviados pela graça da nossa vocação e na força do Espírito.

O texto do Pe. Mário de França Miranda – “O Espírito Santo nas Religiões não Cristãs” – focaliza a importância temática da presença e atuação do Espírito Santo fora do âmbito cristão. Com notável competência, o autor trata questões de grande alcance teológico e de iniludíveis conseqüências para a evangelização e, sobretudo, para o diálogo inter-religioso. A relevância e atualidade dessas questões, bem como a clareza e pertinência com que são abordadas fazem o artigo extremamente sugestivo e interessante.

O Cardeal D. Aloísio Lorscheider no interessante artigo – “O Sínodo da América” – oferece aos Religiosos e Religiosas um valioso material de reflexão sobre o recente Sínodo dos Bispos. Membro da Assembléia Sinodal, D. Aloísio, no seu texto, se detém sobretudo naquilo que ele chama a “espinha dorsal” do Sínodo, ou seja, o encontro pessoal com Jesus Cristo vivo. Nessa perspectiva, lembra que “a missão a Igreja é levar todas as criaturas ao encontro com Jesus Cristo”, e faz uma sucinta referência aos outros temas que o

Sínodo abordou e que, como problemas comuns, solicitam uma pastoral de conjunto e a integração do Continente.

“Educação à Esperança” é o título do breve mas interessante artigo do Pe. Adriano Sella. O autor descreve com tintas fortes a drástica situação do povo da Amazônia, particularmente do Estado do Pará, sob o domínio do neoliberalismo capitalista. A partir daí, traça pistas bem concretas e pertinentes para uma educação que vise formar homens e mulheres de esperança, capazes de resistir ao clima de pessimismo derrotista, que a ideologia neoliberal vem difundindo no meio do povo mais pobre. Para ele, “a fé cristã é a esperança de que o Reino de justiça e paz deixe de ser sonho e se torne um dia pão cotidiano dos nossos povos”.

O artigo do Pe. José Maria Arnaiz – “A intuição juvenil da Vida Consagrada” – constitui uma inspirada e perspicaz análise do Congresso internacional da Vida Consagrada jovem, ocorrido em Roma há alguns meses. O autor participou do desenrolar do Congresso e apresenta no seu artigo as principais intuições dos jovens religiosos(as) participantes do evento. Essas intuições, de certa maneira, desenharam o perfil da Vida Religiosa com que esses jovens e essas jovens sonham, e que gostariam de ver florescer na Igreja, nessa virada de milênio.

Pe. José Raimundo de Melo, no seu artigo – “Proclamar a Palavra na Comunidade Cultural”, oferece aos leitores um rico material de reflexão para a adequada compreensão do sentido e da importância da Palavra proclamada na celebração, particularmente na celebração eucarística. Além de fartamente documentado, o texto tem um caráter prático, e abre perspectivas bem concretas, no sentido de orientar as práticas evangelizadoras e pastorais de ministros e fiéis, em relação com a proclamação da Palavra e sua incidência transformadora na vida.

A palavra do Papa este mês – “O Espírito e a Esposa dizem vem!” – constitui um inspirado apelo à oração pelas vocações na Igreja. O Papa insiste na importância de rezar ao “Senhor da Messe” para que envie “operários” para o anúncio da Boa-Nova do Evangelho no mundo atual, pós-moderno, onde, muitas vezes o sentido profundo da vocação cristã e das vo-

cações específicas na Igreja perde o seu verdadeiro significado e a sua força de interpelação. Com o Papa rezemos para que a Igreja possa continuar a sua missão e seu testemunho especialmente no meio da juventude. Que a invocação do Papa “o Espírito e a Esposa dizem vem” ilumine constantemente nossa oração e nossa vida.

MENSAGEM DO SANTO PADRE PARA O XXXV DIA MUNDIAL DE ORAÇÃO PELAS VOCAÇÕES 03 DE MAIO DE 1998 – IV DOMINGO DE PÁSCOA

Tema: "O Espírito e a Esposa dizem: vem!"

(Ap 22,17)

Veneráveis Irmãos no Episcopado,
queridos Irmãos e Irmãs do mundo
inteiro!

O caminho de preparação para o Grande Jubileu do ano 2000 situa o Dia Mundial de Oração pelas Vocações deste ano, sob a 'nuvem luminosa' do Espírito Santo, que age perenemente na Igreja, enriquecendo-a com aqueles ministérios e carismas de que precisa para levar a termo a sua missão.

1. "Jesus foi conduzido ao deserto,
pelo Espírito..." (Mt 4,1).

Toda a vida de Jesus transcorre sob o influxo do Espírito Santo; no início é Ele que envolve a Virgem Maria, no mistério inefável da Encarnação; no rio Jordão, ainda é Ele que dá testemunho ao Filho predileto do Pai, e o conduz ao deserto. Na sinagoga de Nazareth, Jesus atesta pessoal-

mente: "O Espírito do Senhor repousa sobre mim" (Lc 4,18). Ele promete esse mesmo Espírito aos discípulos, como garantia perene da sua presença no meio deles. No alto da cruz, o entrega de volta ao Pai (Jo 19,30) selando assim a madrugada de Páscoa da Nova Aliança. Por fim, no dia de Pentecostes, o efunde sobre a comunidade primitiva, para consolidá-la na fé e lançá-la nas estradas do mundo.

Desde então, a Igreja, corpo místico de Cristo, percorre os caminhos do tempo impelida pelo *vento* do mesmo Espírito, iluminando a História com o *fogo ardente* da palavra de Deus, purificando o coração e a vida dos homens com os *rios de água viva* que brotam de seu seio (Jo 7,37-39).

Dessa forma se realiza a sua vocação a ser «povo reunido pela unidade do Pai, do Filho e do Espírito Santo» (S. Cipriano, *De Dominica Oratione*, 23: CCL 3/A, 105), e «depositária do mistério do Espírito Santo, que consagra para a missão aqueles que

o Pai chama, mediante seu Filho, Jesus Cristo» (*Pastores dabo vobis*, 35).

2. "Vós sois uma carta de Cristo... escrita com o Espírito do Deus vivo... sobre as tábuas de carne dos vossos corações" (2 Cor 3,3).

Com o Batismo, cada cristão começa a viver na Igreja sob "a lei do Espírito, que dá vida em Cristo Jesus" (Rm 8,2) e, sob a guia do Espírito, entra em diálogo com Deus e com os irmãos, e reconhece a extraordinária grandeza da própria vocação.

A celebração deste Dia é uma ocasião propícia para anunciar que o Espírito Santo de Deus escreve, no coração e na vida de cada batizado, um projeto de amor e de graça, o único que pode dar pleno sentido à existência, abrindo a estrada para a liberdade dos filhos de Deus e habilitando a oferecer a própria contribuição, pessoal e insubstituível, para o progresso da humanidade no caminho da justiça e da verdade. O Espírito não somente ajuda a pessoa a colocar-se com sinceridade perante as grandes perguntas do próprio coração — de onde venho, para onde vou, quem sou eu, qual é a finalidade da vida, como empregar o meu tempo — mas abre caminho para respostas corajosas. A descoberta de que cada homem e mulher tem o seu lugar no coração de Deus e na história da humanidade, constitui o ponto de partida para uma nova cultura vocacional.

3. "O Espírito e a Esposa dizem: Vem!" (Ap 22,17).

Essas palavras do Apocalipse levam-nos a considerar a relação fecunda entre o Espírito Santo e a Igreja, da qual brotam as diversas vocações, e a fazer memória daquele «Pentecostes» em que cada humanidade cristã é gerada na unidade, plasmada pelo fogo do Espírito na multiplicidade dos dons, e enviada a levar a Boa Notícia a todo coração que espera por ela.

De fato, se é verdade que o chamado sempre tem a sua fonte em Deus, é igualmente verdadeiro que o diálogo vocacional se dá na Igreja e por meio da Igreja. A energia do Espírito que impeliu Pedro a ir à casa do centurião Cornélio, para levar a ele a salvação (At 10,19) e que disse: "Separem para mim Barnabé e Saulo, para a obra à qual os destinei" (At 13,2), não se esgotou. O Evangelho continua a se difundir "não somente por meio da palavra, mas também com poder e com o Espírito Santo" (1Ts 1,5).

O Espírito Santo e a Igreja, sua mística Esposa, repetem também aos homens e às mulheres do nosso tempo o seu "Vem!".

Vem ao encontro do Verbo Encarnado, que quer tornar-te partícipe de sua própria vida!

Vem acolher o chamado de Deus, vencendo titubeios e adiamentos! Vem e descobre a história de amor que Deus teceu com a humanidade: Ele quer realizá-la também contigo.

Vem, e saboreia a alegria do perdão acolhido e dado. O muro de separação que existia entre Deus e o homem, e entre os mesmos seres humanos, foi demolido. As culpas foram perdoadas, o banquete da vida está preparado para todos.

Felizes aqueles que, atraídos pela força da Palavra, e plasmados pelos Sacramentos pronunciam o seu «Estou aqui!».

Eles se encaminham pela estrada da total e radical pertença a Deus, fortes da esperança que não decepciona, "porque o amor de Deus foi derramado em nossos corações por meio do Espírito Santo que nos foi dado" (Rm 5,5).

4. "Há diversidade de Carismas, mas um só é o Espírito" (1Cor 12,4).

Na vida nova que brota do Batismo e se desenvolve mediante a palavra e os Sa-

cramentos, alimentam-se os carismas, os ministérios e as várias formas de vida consagrada. Quando a comunidade cristã vive em atitude de plena fidelidade ao seu Senhor, é possível gerar novas vocações no Espírito. Isso supõe um intenso clima de fé e de oração, um generoso testemunho de comunhão e de estima dos múltiplos dons do Espírito, uma paixão missionária que, vencendo os fáceis e ilusórios egoísmos, impulsiona ao dom total de si, pelo Reino de Deus.

Cada Igreja particular é chamada ao compromisso de sustentar o desenvolvimento dos dons e dos carismas que o Senhor suscita no coração dos fiéis. Neste Dia, no entanto, a nossa atenção se volta, de modo especial, para as vocações ao sacerdócio e à vida consagrada, para o papel fundamental que elas têm na vida da Igreja e no cumprimento de sua missão.

Oferecendo-se ao Pai, na cruz, Jesus fez de todos os seus discípulos “um reino de sacerdotes e uma nação santa (Ex 19,6), e os constituiu como “um edifício espiritual”, “um sacerdócio santo, para oferecer sacrifícios espirituais agradáveis a Deus” (1Pd 2,5). A serviço desse sacerdócio universal da Nova Aliança, ele chamou os Doze, a fim de que “estivessem com ele, e também para mandá-los a pregar, e para que tivessem o poder de expelir os demônios (Mc 3,14-15). Hoje o Cristo continua a sua obra de salvação, por meio dos Bispos e dos sacerdotes que, na Igreja e para a Igreja, «são uma representação sacramental de Jesus Cristo Chefe e Pastor, proclamam autorizadamente a sua palavra, repetem seus gestos de perdão e de oferta da salvação» (*Pastores dabo vobis*, 15).

Além disso, como «não recordar com gratidão ao Espírito a abundância das formas históricas de *vida consagrada* suscitadas por Ele e presentes no tecido eclesial? Elas se apresentam como uma árvore de

muitos ramos, que aprofunda suas raízes no Evangelho e, em todas as estações da Igreja, produz frutos copiosos». (Exort. Apost. *Vita Consecrata*, 5). A vida consagrada se situa no próprio coração da Igreja, como elemento decisivo para a sua missão, já que exprime a íntima natureza da vocação cristã e a tensão de toda a Igreja-Esposa para a união com o ‘único’ Esposo.

Essas vocações, necessárias em todos os tempos, hoje o são ainda mais, num mundo marcado por grandes contradições e tomado pela tentação de marginalizar Deus das escolhas fundamentais da vida. Vêm à mente as palavras evangélicas: “A messe é grande, mas os operários são poucos! Rogai, pois, ao dono da messe, que mande operários para a sua messe!” (Mt 9,37-38; Lc 10,2). A Igreja acolhe todos os dias essa ordem do Senhor e, com esperança confiante, eleva suas preces ao “dono da messe”, reconhecendo que só Ele pode chamar e enviar seus operários.

Faço votos de que a celebração anual do Dia Mundial de Oração pelas Vocações suscite no coração dos fiéis uma invocação mais intensa para obter novas vocações para o sacerdócio e a vida consagrada, e desperte a responsabilidade de todos, especialmente dos pais e dos educadores da fé, no serviço às vocações.

5. Dai as razões da esperança que existe em vós (1Pd 3,15).

Em primeiro lugar, convido a vós, caríssimos Bispos, e convosco os presbíteros, os diáconos e os membros dos Institutos de vida consagrada, a incansavelmente darem testemunho da plenitude espiritual e humana que impele cada um de vós a se fazer “todo para todos”, para que o amor de Cristo possa atingir o maior número possível de pessoas.

Estabelecei relações apropriadas com todos os componentes da sociedade; valorizai as vocações ministeriais e carismáticas que o Espírito suscita nas vossas comunidades, facilitando a complementaridade e a colaboração; dai o vosso contributo, para que cada qual cresça na direção da plena maturidade cristã. Que, olhando para vós, alegres servidores do Evangelho, os jovens e as jovens possam perceber o fascínio de uma existência inteiramente dedicada a Cristo, no ministério ordenado ou na escolha radical da vida consagrada.

Vós, esposos cristãos, estai prontos a dar razões da realidade profunda da vossa vocação matrimonial: a harmonia em casa, o espírito de fé e de oração, o exercício das virtudes cristãs, a abertura para os outros, sobretudo os pobres, a participação na vida eclesial, a serena fortaleza em enfrentar as dificuldades quotidianas, constituem o terreno favorável para a maturação vocacional dos filhos. Entendida como «*igreja doméstica*», sustentada pela graça sacramental do matrimônio, a família é a escola permanente da *civilização do amor*, onde é possível aprender que a plenitude da vida só pode brotar do livre e sincero dom de si.

E vós, professores, catequistas, animadores pastorais e todos que desempenhais papéis educativos, no vosso serviço importante e difícil, senti-vos cooperadores do Espírito. Ajudai a juventude a liberar o coração e a mente de tudo que lhe impede a caminhada; estimulai-os a dar o melhor de si, numa constante tensão de crescimento humano e cristão; com a luz e a força da palavra evangélica, formai neles os sentimentos mais profundos de modo que, se forem chamados, possam realizar sua vocação para o bem da Igreja e do mundo.

Neste ano, colocando no centro o Espírito Santo, a caminhada de preparação para o Jubileu do Ano 2000 convida-nos a dar

uma especial atenção ao sacramento da Crisma. Por isso, desejo agora reservar uma palavra específica para aqueles que, nesse tempo recebem tal sacramento. Caríssimos, voltando-se para vós, durante o rito da Confirmação, o Bispo diz: «O Espírito Santo, que agora estais recebendo de presente, como uma marca espiritual, completará em vós a semelhança com Cristo, e irá unir-vos mais fortemente à Igreja, como seus membros vivos». Portanto, começa para vós um tempo privilegiado, durante o qual sois convidados a vos questionardes e a questionar a comunidade cristã, da qual vos tornastes membros vivos, sobre o sentido pleno a dar à vossa existência. É um tempo de discernimento e de escolha vocacional. Escutai o convite de Jesus: “*Vinde e vereis*”. Dai o vosso testemunho a Cristo na Comunidade eclesial, segundo o projeto inteiramente pessoal e irrepetível que Deus tem sobre vós. Deixar que o Espírito Santo, derramado em vossos corações, vos guie para a verdade e faça de vós testemunhas da liberdade autêntica e do amor. Não vos deixeis subjugar pelos mitos fáceis e falazes do efêmero sucesso humano e da riqueza. Pelo contrário, não tenhais medo de percorrer os caminhos exigentes e corajosos da caridade e do empenho generoso. Aprendei a dar, perante todos, “os motivos da esperança que existe em vós” (1Pd 3,15)!

6. “O Espírito vem em socorro da nossa fraqueza” (Rm 8,26).

O Dia Mundial pelas Vocações se qualifica, antes de tudo, pela oração pelas vocações ao sacerdócio e à vida consagrada, expressão máxima de um clima habitualmente orante, que a comunidade cristã não pode dispensar. Neste ano, queremos nos dirigir com muita confiança ao Espírito Santo, para que conceda à Igreja de hoje e de amanhã o dom de numerosas vocações:

*Espírito de Amor eterno,
que procedes do Pai e do Filho,
nós te agradecemos por todas as vocações
de apóstolos e de santos que fecundaram a Igreja.
Nós te suplicamos: continua ainda essa tua obra!
Recorda-te de quando, no dia de Pentecostes,
desceste sobre os Apóstolos reunidos em oração
com Maria, a mãe de Jesus,
e olha para a tua Igreja que hoje
tem uma necessidade especial de sacerdotes santos,
de testemunhas fiéis e legítimas da tua graça;
ela precisa de consagrados e consagradas
que revelem a alegria de quem vive só para o Pai,
de quem faz sua a missão e a oferta de Cristo,
de quem, com a caridade, constrói o mundo novo.
Espírito Santo, Fonte perene de alegria e de paz,
és Tu que abres ao divino chamado o coração e a mente;
és Tu que tornas eficaz todo impulso
para o bem, a verdade, a caridade.
Do coração da Igreja que sofre e luta pelo Evangelho,
sobem ao Pai os teus 'gemidos inexprimíveis'.
Abre os corações e as mentes dos jovens e das jovens,
para que uma nova florescência de santas vocações
revele a fidelidade do teu amor,
e todos possam conhecer Cristo,
luz verdadeira vinda a este mundo
para oferecer a cada ser humano
a firme esperança da vida eterna. Amém.*

Com afeto, envio a todos uma especial Bênção Apostólica.

Castel Gandolfo, 24 de setembro de 1997.

Joannes Paulus II

1. 3ª SEMANA SOCIAL BRASILEIRA Extraído do Comunicado Mensal da CNBB

Relatório das Atividades de 1997

O presente relatório visa informar e avaliar rapidamente o processo da 3ª Semana Social Brasileira no ano de 1997.

1. Seminários Preparatórios à 3ª SSB

Foram realizados 20 seminários regionais nos 16 regionais da CNBB, sendo que 04 aconteceram também em sub-regionais para possibilitar maior participação (as datas e locais figuram em anexo). Participaram desses seminários cerca de 1950 pessoas, que tomaram conhecimento do projeto, foram capacitadas para desencadear o processo da 3ª SSB nas bases, identificar as principais dívidas sociais existentes no local, quem são os devedores, e, principalmente descobrir formas que possibilitem o resgate das dívidas sociais. Ao lado das iniciativas localizadas, passíveis de serem resgatadas pelos próprios sujeitos, os animadores foram orientados no sentido de levantar aquelas, cujo resgate depende de instâncias mais amplas, relacionando-as com a questão da dívida internacional e sugerindo formas de mobilização e articulação, em diferentes níveis.

Dentre as dívidas identificadas em todo o território nacional, destacam-se as econômicas, como o desemprego, a concentração de renda e de terra; as sociais, como aquelas

relativas à saúde, educação, moradia, saneamento básico; as políticas, como corrupção, nepotismo, clientelismo e concentração de poder. As dívidas culturais são menos perceptíveis à média dos participantes. Após alguma reflexão, surgem questões relativas a preconceitos, discriminação, racismo e violência. Num segundo momento, as dívidas ambientais aparecem, principalmente, em algumas regiões do país.

Com relação às ações de resgate, fica claro que as dívidas não são somente do Estado para com a população, mas da própria Igreja e das Organizações sociais e populares, sobretudo, quando não se posicionaram na defesa dos excluídos.

Embora, nem o texto do projeto nem o roteiro dos seminários apontem dívidas internas à comunidade eclesial, notamos que em muitos encontros elas são indicadas, em geral na linha da situação da mulher e de maior participação nas instâncias de decisão pastoral.

Os seminários suscitaram, a nosso ver, os seguintes avanços:

- Conhecimento do projeto da 3ª SSB e organização das equipes regionais.
- Estabelecimento e consolidação das parcerias para levar adiante o projeto.
- Identificação das principais dívidas sociais.

- Criatividade na busca de saídas para a cobrança das dívidas.
- Esperança e ânimo para muitos movimentos populares e pastorais que estavam desanimados.

Ampliação do trabalho ecumênico (embora ainda incipiente), pois há várias Igrejas envolvidas no processo da 3ª SSB, inclusive em nível de Coordenação Nacional e da Secretaria Executiva.

Vale ressaltar que toda a região Norte reuniu-se num Seminário sobre a Amazônia, marcado pelo enfoque da configuração e resgate das dívidas sociais, com imensa repercussão através dos meios de comunicação social de Manaus. Os Estados da Bahia e Sergipe, que não haviam realizado a 1ª e a 2ª Semana Social Brasileira, realizaram sua 1ª Semana Social. Na Bahia, participaram 412 pessoas e, em Sergipe, 518 pessoas. Estas duas Semanas, porém, seguiram basicamente o esquema dos seminários preparatórios. Atualmente, os dois Estados estão realizando suas semanas sociais diocesanas.

Já foram realizadas inúmeras semanas sociais diocesanas, cujos relatórios estão sendo enviados para a secretaria nacional. Com este material, será elaborado o Instrumento de Trabalho, com o qual deverão se preparar os que irão participar no momento nacional da 3ª Semana Social Brasileira.

2. Material Publicado da 3ª Semana Social Brasileira:

– **3ª Semana Social Brasileira – rumo ao novo milênio.** Trata-se do projeto propriamente dito, publicado na coleção do Projeto Rumo ao Novo Milênio da CNBB, pelas Edições Paulinas (4ª edição), Editora Salesiana Dom Bosco e Editora Paulus.

Total: 20.000 exemplares.

O livreto foi traduzido para o espanhol e o inglês, com tiragem reduzida, proporcional aos pedidos que chegam à Secretaria Geral.

– Cartaz da 3ª Semana Social Brasileira

Total: 16.000 exemplares.

– Tablóides da 3ª Semana Brasileira

Nº 1 – 20.000 exemplares: tratou do conteúdo básico do projeto, sendo o primeiro material a ser lançado para uma primeira divulgação.

Nº 2 – 10.000 exemplares: noticiou os primeiros seminários de treinamento para as semanas sociais diocesanas.

Nº 3 – 10.000 exemplares: trouxe uma síntese das discussões e debates da Plenária Nacional, da 3ª Semana Social Brasileira.

Nº 4 – 7.000 exemplares: tratou dos demais seminários realizados em todo o território nacional.

Nº 5 – 5.000 exemplares: tratou de informações das atividades dos diversos seminários realizados em todo Brasil e introduzindo a reflexão sobre a dívida internacional.

Nº 6 – edição, nos mesmos moldes que o informativo anterior, porém, com o dobro de páginas, em virtude do volume de notícias.

– **Camisetas** (em 5 modelos).

– **Resgatando Dívidas I** –

Livreto, com tiragem de 4.500 exemplares, que trata das dívidas sociais, dívida externa e dívida interna. Está servindo para embasar a discussão sobre as dívidas sociais, relacionando-as com a dívida externa. Neste sentido, faz eco com a proposta do Papa sobre o perdão da dívida internacional que pesa sobre os países do 3º mundo.

Está em vias de publicação o **Resgatando Dívidas II**, que tratará, basicamente, do posicionamento de diversas Conferências Episcopais e iniciativas de outras entidades, com relação ao cancelamento da dívida internacional, em vista do resgate das dívidas sociais.

- Publicações locais

Além de todo material publicado em nível nacional, cada Região ou Diocese, a partir do projeto da 3ª Semana Social Brasileira e da produção de conhecimento local, estão publicando cartazes próprios, folders, bonés, adesivos e diversos tipos de material, revelando bastante criatividade.

- Outros materiais de apoio:

Direitos da Gente, assunto de fé, publicação nº 13, da coleção Rumo ao Novo Milênio. Trata da questão dos direitos humanos.

A Prática da Cidadania como Educação Política. Elaborado pelo Setor Pastoral Social, alerta para a educação para a cidadania a partir do cotidiano da convivência social, capacitando as pessoas ao exercício amplo da atividade política.

Participação Popular em Conselhos Paritários. Publicações do Setor Pastoral Social, referente aos Conselhos previstos pela Constituição de 1988. Considera-os como canais, por meio dos quais os cidadãos podem participar da elaboração e fiscalização das políticas públicas estaduais e municipais, exercitando a democracia e a cidadania. Analisa algumas experiências concretas, apontando seus limites e potencialidades.

3. Reuniões

A Coordenação Nacional reuniu-se, três vezes, no ano. Dela participam, além de pastorais e organismos da Igreja católica, entidades ecumênicas e representantes de movimentos sociais do campo e da cidade. No mês de julho, em São Paulo, foi realizada a Plenária Nacional da 3ª Semana Social Brasileira (53 pessoas), objetivando envolver outras organizações não governamentais, movimentos, sindicatos, associações, etc., no processo da 3ª Semana Social Brasileira. A Coordenação acompanha, assim, o desenvolvimento do processo, tendo-se dedicado a planejar os eventos nacionais de 1998.

A Comissão Executiva reuniu-se, mensalmente, supervisionando as atividades da Secretaria Geral. Tomou, também a iniciativa de realizar um debate sobre "Sociedade e Cultura na atual realidade brasileira", na sede da CNBB, com a presença do Secretário de Cultura do Distrito Federal.

4. O Grito dos Excluídos

Projeto oficial da CNBB, por fazer parte do Projeto Rumo ao Novo Milênio, está sendo realizado em parceria com movimentos populares, sindicatos, entidades não governamentais, etc. Neste ano, foi realizado em torno de 1000 cidades brasileiras. Está intimamente articulado com a 3ª Semana Social Brasileira e pretende dar-lhe visibilidade. Para o ano de 1999, deverá acontecer em muitos países da América Latina.

Avanços do Grito em 1997:

A CNBB ter assumido, oficialmente, o Grito dos Excluídos.

As parcerias, que tendem a crescer e, o empenho das organizações, em sair do corporativismo. O Grito não foi palco de disputa e capitalização de grupos, o que significa certa maturidade do movimento social no Brasil.

As orientações do MST e CUT às suas bases, para que se envolvessem, em cheio, no processo; a polêmica com o Presidente da República e a tentativa frustrada de desqualificar o Grito, que favoreceu seu impacto junto à opinião pública, através dos meios de comunicação de massa.

O resgate da mística e a simbologia, que suscitaram esperança. O sentido ecumênico de uma mística que fala a partir da vida.

O símbolo expressivo do cartão vermelho e do apito e as palavras de ordem, em sintonia com a realidade, através das quais o povo expressa o que está vivendo e querendo.

O fato de ter sido construído coletivamente, a partir de uma agenda comum. Mesmo quem não participou, não marcou outra atividade para este dia.

O Grito foi expressão dos excluídos a partir de sua situação de informalidade. É um retorno ao povo, para muitos movimentos que deles se distanciaram.

O número de participantes que se envolveram, em todos os Estados do Brasil e o fato de ter-se realizado em, aproximadamente, 1000 localidades.

A participação de escolas e professores, em todo o Brasil.

A significativa presença de indígenas e de portadores de deficiências.

Publicações de dois tablóides com 50.000 folders, elaborados pela secretaria nacional do Grito dos Excluídos.

5. Perspectivas para 1998

Instrumento de Trabalho sobre as dívidas sociais do Brasil e iniciativas visando seu resgate – Será elaborado a partir dos conhecimentos produzidos nos municípios, Dioceses, Regiões e servirá para a preparação do evento nacional da 3ª Semana Social Brasileira.

Simpósio: “Dívida Externa: implicações e perspectivas” – Será realizado, de 21 a 23 de julho de 1998, em Bolívia. Constituirá, também um ponto de partida para uma campanha massiva sobre o tema, até o final de 1999.

O Momento Nacional da 3ª SSB será realizado, de 5 a 9 de agosto de 1998, em Itaici, com a presença de aproximadamente 450 pessoas. O Grito dos Excluídos fica desvinculado, em 07 de setembro, em todo território nacional (sem menção de Aparecida).

2. PARTICIPAÇÃO DOS BISPOS DO BRASIL NA ASSEMBLÉIA ESPECIAL DO SÍNODO DOS BISPOS PARA A AMÉRICA Extraído do Comunicado Mensal da CNBB

**“Cristo aponta para a Amazônia!”
(Paulo VI)**

Intervenção de Dom Erwin

Kräutler, CPPS, Bispo Prelado de Xingu, PA, na Assembléia Sinodal.

Empresto minha voz aos povos da Amazônia e às Igrejas particulares deste imenso mundo de selva e águas, dádiva especial do amor do Deus Criador, cuja parte brasileira é maior que a Itália.

Antes da vinda dos europeus, a Amazônia pertencia aos indígenas. Depois, a ambição dos brancos os dizimou sem dó nem piedade.

A cada ano, milhares de quilômetros quadrados de selvas são destruídos pelo fogo. Os interesses de latifundiários, madeireiros, garimpeiros, deixaram crateras, rios poluídos e contagiam os índios indefesos com todo tipo de enfermidades.

Se a destruição continuar no ritmo atual, não passarão duas décadas, até o dia em que iremos officiar o “Requiem” pela Amazônia.

Amazônia continua sendo terra de missão. Nós não queremos separar a “cura de almas” da defesa intransigente dos direitos humanos. Por isso, muitos são perseguidos ou assassinados, como Humberto, meu irmão de congregação.

Propostas:

- Assumir a evangelização inculturada no meio dos pobres, dos indígenas e dos afro-americanos.
- Analisar as estruturas eclesiais, liturgias, ritos, teologias, linguagens e ministérios.

- Denunciar o despojo das terras dos indígenas e a destruição de suas culturas e acompanhar as suas lutas.
- Pregar nova ascese no uso dos bens e nova bioética que ultrapasse reivindicações ecológicas setorializadas.
- Defender os povos indígenas como parte da defesa mais ampla de um patrimônio único da humanidade.
- “Conseguir que os indígenas católicos se convertam em protagonistas da sua própria promoção e evangelização” (João Paulo II).

3. FAX DA CRB AO PONTIFÍCIO CONSELHO PARA OS LEIGOS

Rio, 05/02/98

A Conferência dos Religiosos do Brasil – CRB – através de sua Presidência, quer manifestar seu profundo sentimento pela perda que representa para toda a Igreja o falecimento do Cardeal Eduardo Pirônio, nosso amigo, benfeitor, companheiro, pastor e irmão tão querido.

Toda a vida religiosa do Brasil pode dar testemunho da autenticidade do serviço prestado pelo Cardeal Pirônio, durante os longos anos de sua presença na CIVCSVA, então SCRIS. Pudemos contar sempre com sua acolhida, compreensão, ajuda, defesa e incentivo, numa atitude despida de protagonismo e revestida de simplicidade e de entranhas de misericórdia manifestada no carinho que dispensava a quem o procurasse.

Na América Latina, a marca deixada por sua atuação será inesquecível e os Capítulos de nossas Congregações sentirão durante anos, a influência de suas palavras cheias de esperança e de paz.

Sua partida para a Casa do Pai, onde o acolhe a virgem da Esperança, a Mãe dos Pobres, nos entristece porque sentimos uma perda; mas nos alegra porque sabemos que de lá terá melhores condições de velar pela nossa terra, pela vida religiosa, pelo seu presente e futuro, neste momento crucial de incerteza e de busca, rumo ao novo milênio.

Oferecemos sufrágios pelo seu descanso, mas lhe confiamos as intenções e anseios da vida religiosa do Brasil, na certeza que temos do grande amor que nos dedicava e da oblação de vida que fez em favor de nossa Igreja.

Estamos em comunhão profunda com todos e todas que sentem essa partida.

Cardeal Pirônio, as Religiosas e Religiosos do Brasil lhe dizem de coração: Receba a recompensa de sua bondade e carinho e saiba que nós o amamos e lhe devemos muito.

DESCANSE EM PAZ!

O ESPÍRITO SANTO NAS RELIGIÕES NÃO CRISTÃS

Pe. Mario de França Miranda, SJ

Na tradição, o Espírito é aquele que santifica, nos leva à fé, nos faz confessar Cristo, fundamenta nossa esperança e possibilita viver o amor teologal.

Abordar a questão da presença e atuação do Espírito Santo fora do âmbito cristão parece, à primeira vista, chover no molhado. Pois ao reconhecer a possibilidade de salvação nas outras religiões como o fez o Vaticano II (LG 16; GS 22), afirmava com isso a consciência de fé eclesial, dada a íntima participação do Espírito na salvação de Jesus Cristo, também a ação do mesmo Espírito nas tradições religiosas não cristãs. Daí a afirmação conciliar de “que o Espírito Santo já operava no mundo antes da glorificação de Cristo” (AG 4).

Mas ao examinarmos mais cuidadosamente a compreensão neotestamentária do Espírito de Deus, em que Este aparece, em sua ação, todo voltado para a pessoa e a vida de Jesus Cristo, então começam a surgir os problemas do nosso tema. Pois como chegará a um termo esta ação cujo objetivo é desconhecido ou mesmo rejeitado pelos adeptos de outros credos religiosos? Poderia esta ação desembocar em outras figuras religiosas, como afirmam alguns teólogos em nossos dias? Haveria então uma economia salvífica paralela à

do Verbo encarnado? Pode-se separar o que aparece intimamente conexo no Novo Testamento, a saber, a atuação do Filho e do Espírito? Que graves conseqüências acarretaria tal separação para a revelação do Deus Trinitário?

O atual magistério da Igreja reconhece sem mais o “Espírito da verdade operante para além das fronteiras visíveis do Corpo Místico” (RH 6), numa ação universal que precede e se ordena à economia salvífica cristã (DV 53). E numa alocução à Cúria Romana, depois do dia de oração em Assis (1986), afirmou João Paulo II que “toda a oração autêntica é suscitada pelo Espírito Santo, o qual está misteriosamente presente no coração de cada homem”, quer seja cristão ou não (DA 27). Dada a enorme diversidade doutrinal, ética, cültica e comunitária das múltiplas tradições religiosas, como explicar a ação de um *mesmo* Espírito dinamizando tais manifestações?

A Bíblia nos fala do Espírito Santo porque sua atuação foi experimentada por homens e mulheres no interior do povo eleito. Aqui aparece já a fundamentação primeira para a diversidade de denominações e ações atribuídas ao Espírito de Deus. A força divina irrompe no humano, de certo modo é captada como tal e tematizada conforme sua ação específica no interior do contexto sociocultural e religioso onde se dá. Este será o primeiro tema de nosso estudo.

Numa segunda parte, de cunho mais teológico, examinaremos as experiências do

Espírito Santo relatadas nas Escrituras. Não pretendemos apresentar uma exposição completa de uma teologia do Espírito Santo, mas simplesmente buscar os dados revelados que nos permitam uma reflexão teológica sobre o nosso tema de fundo. Estaremos buscando uma fundamentação teológica para nossa reflexão posterior, sem deixar de estar atentos aos critérios de discernimento oferecidos pela própria Sagrada Escritura.

Numa terceira parte iremos confrontar a reflexão anterior com a problemática que nos ocupa, para que possamos justificar teologicamente a presença e a atuação do Espírito de Cristo fora do âmbito propriamente cristão. Como já era de se esperar pelos questionamentos postos no início deste trabalho, a temática pneumatológica arrastará consigo uma outra de ordem cristológica, que nos levará seja à possibilidade da atuação do Espírito em outras tradições religiosas, seja a critérios que legitimam esta mesma atuação.

I. EXPERIÊNCIA RELIGIOSA

1. A experiência humana e suas implicações

Não pretendemos entrar na complexa problemática atual em torno do termo "experiência", um dos conceitos filosóficos mais obscuros¹. Apenas mencionaremos algumas características desta noção, necessárias para o nosso estudo. Entendemos a *experiência* como uma *modalidade* (e também fonte) de conhecimento, *imediata* enquanto não acontece pela atividade discursiva da inteligência, como seria a conclusão de um silogismo, nem por uma reflexão posterior, e nem pelo acolhimento do saber em razão da autoridade ou de uma tradi-

ção histórica. Portanto trata-se de uma percepção simples e imediata de algo, que provoca grande certeza fundada numa evidência específica.

Naturalmente esta percepção tem sua dimensão intelectual, como veremos mais adiante, mas ela, por si, implica todo o ser humano (inteligência, vontade, sentimentos, imaginação). Jean Mouroux distingue três tipos de experiência: a empírica, a experimental e a *existencial*. A primeira é cotidiana, ingênua, provinda das realidades inevitáveis da vida concreta. A segunda é uma experiência provocada; busca-se uma resposta da realidade a uma questão bem determinada. A terceira é a experiência pessoal do ser humano no horizonte total da realidade, onde vive e se realiza como homem ou mulher. A experiência religiosa é deste último tipo².

A experiência humana, enquanto humana, é um fenômeno captado e percebido pelo ser humano. Nela entra não só a percepção, mas também o pensamento que a entende como tal. Daí devermos afirmar que toda experiência humana é *experiência interpretada*. Não experimento e posteriormente faço uma leitura do que experimentei. Experimento interpretando, experimento identificando o experimentado, mesmo se não reflexivamente, seja uma árvore ou uma cadeira. Uma experiência mística pode ser incomunicável, inexplicável ou mesmo inefável, mas nunca inidentificável³.

A experiência não é só objetiva, nem só subjetiva. Daí a falsidade seja do fundamentalismo no primeiro caso, seja do relativismo no segundo. A experiência influi na interpretação e a suscita, mas também o quadro interpretativo influi na experiência. A experiência é *outra*, se é diversamente experimentada. Assim os primeiros discí-

1. H. G. GADAMER, *Wahrheit und Methode*, Tübingen, 1960, 329.

2. J. MOURoux, *L'expérience chrétienne*, Paris, 1954, 24.

3. T. W. TILLEY, "The Institutional Element in religious Experience", *Modern Theology* April 1994, 185-212, aqui 210.

pulos de Jesus fizeram com Ele uma experiência salvífica, enquanto seus opositores fizeram uma experiência *especificamente diferente*, considerando-O uma ameaça a ser eliminada.

O quadro interpretativo implica modelos de pensamento, teorias, valores, sentimentos, expectativas, que constituem a linguagem da época. O experimentado, a interpretação e a linguagem ou quadro interpretativo se condicionam mutuamente, vindo a constituir a experiência humana. Esta, enquanto humana, é necessariamente epocal, situada, numa palavra, histórica. Embora a realidade experimentada seja a mesma, tanto a experiência com ela, quanto sua expressão, são historicamente condicionadas. Esta afirmação vale também quando esta realidade é Deus.

A realidade experimentada goza também de certa autonomia com relação ao quadro interpretativo onde se situa. Pois ela nem sempre corresponde ao que dela se esperava, questionando e fazendo explodir o modelo que a interpretava. Este último é assim corrigido, ampliado, aperfeiçoado, reinterpretado ou, em certos casos, até mesmo substituído. A experiência dos primeiros cristãos com Jesus Cristo revelou a insuficiência do quadro interpretativo veterotestamentário, inadequado para a percepção e expressão da pessoa do Salvador. Portanto a relação entre quadro interpretativo e experiência é constitutivamente *dialética*⁴.

Também o surgimento de novas realidades, novas situações vitais, novos desafios, desencadearão novas experiências, que acabarão por influir no próprio quadro interpretativo. São os fatores endógenos e exógenos responsáveis pelas mudanças culturais. Pois a cultura, em última instância, exprime como determinadas situações existenciais estão sendo *vividas* por um

grupo humano. A modalidade de vida se manifesta na cultura respectiva, que é, portanto, não apenas *representação* da conduta real deste grupo social, mas que implica igualmente o *estar-sendo-vivida-de-fato* pelo mesmo. Cultura implica uma unidade fundamental de *ação e representação*, unidade encontrada sempre em todo comportamento social⁵.

Este dado revela-se muito importante para o nosso tema. Mais adiante vamos tratar da experiência cristã. Mas desde já podemos dizer que esta é uma experiência humana, que acontece em contextos socioculturais bem concretos e em situações existenciais bem determinadas. Como estes condicionamentos incidem no quadro interpretativo, também incidirão nas experiências humanas e por fim nas experiências cristãs e suas expressões. Portanto como há experiências humanas diversificadas, também se darão diversas experiências cristãs, devido aos diversos contextos vitais. A tentação aqui seria querer absolutizar uma expressão cristã inevitavelmente contextualizada e histórica. Proclamada em outros contextos e portanto desvinculada da experiência nela implícita, perderia ela sua força mistagógica e sua pertinência salvífica.

2. A experiência cristã e suas expressões

A experiência cristã acontece na própria experiência humana interpretada num quadro fornecido pela fé cristã. Conforme o que foi dito anteriormente, o cristão não tem apenas uma interpretação diversa da leitura do não cristão ou do ateu. Ele tem realmente uma *outra experiência*. A realidade é não somente interpretada, mas sobretudo interpretada "a partir de Deus". Assim como a linguagem científica permite ao pesquisador não só uma interpretação científica da

4. E. SCHILLEBEECKX, *Cristo y los cristianos. Gracia y Liberación*, Madrid, 1982, 21-57; T. IWASHIMA, *Menschheitsgeschichte und Heilserfahrung*, Düsseldorf, 1982.

5. E. DURHAM, "A dinâmica cultural na sociedade moderna", *Ensaio de Opinião* n.4 (1977).

experiência, mas realmente uma experiência científica.

Naturalmente algumas experiências humanas possibilitam mais uma leitura cristã: o sentido da transcendência, a consciência moral, o compromisso de vida, a sensação estética, as relações interpessoais, o sofrimento e a morte⁶. São exemplos que não confinam contudo a experiência cristã a setores da realidade. De qualquer modo nela deve estar presente uma *intencionalidade própria*, dirigida à Realidade última, que confere ao que realiza esta experiência um *sentido último* para o sujeito e para toda a realidade envolvente⁷. Esta é a *intencionalidade da fé*, dirigida a Deus, revelado e atuante em Jesus Cristo.

A experiência cristã não é um mero produto da interpretação humana, criação do "sagrado" pelo próprio homem, mas acontece por iniciativa do próprio Deus. Este dado distingue a noção teológica de experiência cristã de outras leituras de cunho fenomenológico, que nem sempre respeitam os limites da própria perspectiva e do nível epistemológico de onde são pensadas. De fato, é um pressuposto fundamental da Bíblia, participado também por outras religiões, o que afirma a *ação de Deus* no ser humano e na história, mesmo que não consigamos dar uma explicação racional satisfatória para esta atuação.

Como consequência fundamental desta verdade devemos afirmar que a experiência cristã é também *determinada por Deus*. Mantendo tudo o que anteriormente dissemos sobre o quadro interpretativo e sua importância para qualquer experiência humana, esta não se reduz ao mesmo, pois a realidade experimentada goza de certa *autonomia*, realidade que aqui, na experiência cris-

tã, é o próprio Deus. Caso contrário não poderíamos falar de revelação cristã e de tudo o que dela decorre.

Outra característica básica da experiência cristã de Deus é que ela é essencialmente *cristológica*⁸. Pois Jesus Cristo como o Verbo encarnado é uma manifestação única de Deus. Pois nele o Deus que pode ser visto e tocado (1Jo 1,1-3) é simultaneamente o homem que vê e toca Deus (Jo 6,46). Daí ser *toda* a vida de Jesus Cristo, suas ações, comportamentos e palavras, revelação de Deus (Jo 1,18). A unidade do Pai e do Filho permite que se faça no Filho uma experiência de Deus. Portanto a experiência de Deus encarnado (Filho) com o Pai (genitivo subjetivo) possibilita a experiência (Jo 14,9) com Deus encarnado (genitivo objetivo). Daí derivam todas as experiências *cristãs* de Deus.

Em correspondência com nossa terminologia diríamos que Jesus Cristo é elemento fundamental do quadro interpretativo cristão, sempre presente na experiência cristã. Ou, com outras palavras, é o único e exclusivo hermeneuta da nossa experiência cristã. Porém só podemos experimentar Deus encarnado *através da fé*, já que a pessoa de Jesus Cristo permite, como qualquer realidade, uma pluralidade de leituras e portanto de experiências. O texto de João acima citado (1Jo 1,1-3) não implica empirismo, pois pressupõe a fé. Esta fé, que resulta da atuação do Espírito em nós (1Cor 12,3), significa mais do que uma perspectiva teórica de interpretação, pois só assumindo a existência mesma de Cristo teremos acesso à sua experiência de Deus.

A experiência cristã é portanto constituída pela *ação de Deus* (manifestada definitivamente em Cristo) vivida na *experiên-*

6. J. MACQUARRIE, "God in Experience and Argument", em: E. T. LONG (ed.), *Experience, Reason and God*, Washington, 1980, 33-42, aqui 34s. Ver ainda os exemplos dados por K. RAHNER, "Erfahrung des Heiligen Geistes", *Schriften zur Theologie XIII*, Einsiedeln, 1978, 226-251.

7. H. VAZ, "A linguagem da experiência de Deus", *Escritos de Filosofia. Problemas de Fronteira*, S. Paulo, 1986, 241-256.

8. URS VON BALTHASAR, *La Gloire et la Croix I*, Paris, 1964, 271-279.

cia humana. Já que na ordem histórica natureza e graça constituem sempre uma unidade mais primordial, podem se dar experiências de Deus autênticas, que não são percebidas *como tais* pelos que as fazem. Mas aqui tratamos de experiências cristãs *conscientes*, porque se dão dentro de um quadro interpretativo cristão. O que chamamos “expressão de fé” vem a ser o que articula e tematiza esta experiência fundamental.

Este quadro interpretativo nos é oferecido na *Tradição da Igreja* que chega até nós. Esta significa a tradição de experiências cristãs das gerações anteriores, que teve seu início em Jesus Cristo. As experiências salvíficas feitas com Ele pelos primeiros discípulos, realizadas à luz e na vivência da fé, portanto interpretadas, vividas e confessadas, constituem o Novo Testamento. Trata-se por conseguinte de um *testemunho de fé de experiências feitas*. Não estamos lidando primariamente com uma doutrina, embora ela esteja também implicada nestas experiências da Igreja Primitiva, e muito menos com meros relatos históricos de fatos acontecidos.

Nossa fé é apostólica, provém do testemunho dos apóstolos, onde encontramos a instância primeira para avaliarmos nossas expressões de fé. Mas não esqueçamos que este testemunho é a expressão de uma *experiência de fé* feita com Jesus Cristo. Daí ser fundamental que nossas expressões hoje sejam também expressões de experiências de fé feitas num contexto sociocultural de nossos dias.

Com isto chegamos ao segundo constitutivo da experiência cristã. Esta deve acontecer nas *experiências humanas de hoje* que, interpretadas e vividas na fé, remetem a Deus. Porém tais experiências só se dão envolvidas numa linguagem e inseridas em modelos de pensamento. Daí a importância de expressões e modos de pensar condizentes com as experiências (hu-

manas) cristãs atuais. Não se trata de traduzir uma linguagem arcaica numa nova, e sim de evocar, articular e exprimir experiências cristãs hodiernas. O que só se pode dar numa linguagem e modelos interpretativos atuais.

Costuma-se dizer que o problema fundamental da evangelização hoje é um problema de linguagem. Mais propriamente deveríamos dizer que é um problema de experiência cristã. Pois no momento em que as expressões não mais se enraízam em experiências vividas atuais, encontram-se elas banidas da vida concreta, reduzidas a símbolos anódinos e ineficazes na memória das pessoas. E aí constata-se o hiato nefasto entre fé e vida, tão marcante no catolicismo latino-americano.

Naturalmente o horizonte de compreensão hodierno inevitavelmente privilegia certos aspectos da realidade, deixando outros no esquecimento. Deste modo a interpretação que “atualiza” as expressões das experiências cristãs é *histórica*, como são históricas as mesmas expressões nelas implicadas. Como a realidade experimentada é a mesma (Deus mediatizado cristologicamente), irá ela se desvendando “para nós” ao longo da história.

II. A EXPERIÊNCIA DO ESPÍRITO NO CRISTIANISMO

1. Dados bíblicos

O acesso às experiências do Espírito, constitutivas da nossa fé, se dará primeiramente através dos testemunhos de fé do povo eleito e das primeiras comunidades cristãs. Numa palavra, através dos textos da Escritura. Neste sentido deve ser observado de antemão que as expressões e mesmo os gêneros literários da Bíblia não são neutros com relação às experiências que constituem e expressam. E nem estas são indiferentes à linguagem que as exprime, como bem ob-

serva P. Ricoeur⁹. Esta observação revela-se fundamental para o nosso tema dada a íntima inter-penetração de experiência e expressão na manifestação do Espírito de Deus. Com isto reconhecemos não só a Escritura como regra suprema da nossa fé como Palavra de Deus (*Dei Verbum* 21), mas ainda a importância da mediação lingüística que a manifesta.

Não é tarefa fácil tentar uma sistematização bíblico-teológica do rico material oferecido pelas Escrituras sobre o Espírito Santo¹⁰. Para a finalidade de nossa reflexão vamos priorizar duas características importantes oferecidas na Bíblia, mesmo reconhecendo não sermos completos.

Na tradição, sobretudo ocidental da Igreja, o Espírito é visto como Aquele que santifica, que nos leva à fé, que nos faz confessar Cristo, que fundamenta nossa esperança e nos possibilita viver o amor teologal. Entretanto a Escritura nos apresenta também o Espírito de Deus já atuante na criação do mundo (Gn 2,7)¹¹, dando *vida* aos seres animados, e ainda introduzindo-nos na vida nova pela ressurreição dos mortos. O Espírito que nos é dado, que habita em nós (Rm 8,9; 1 Cor 3,16), é o criador da vida e portanto também da *nova vida*, sendo portanto para aqueles que o recebem “penhor” da ressurreição. Só nesta visão mais ampla aparece o sentido profundo de Pentecostes: *levar à sua realização última a vida iniciada na criação*.

A tríplice atuação do Espírito na História da Salvação se dá juntamente com a do Filho. Na criação um é a origem da vida, o outro a Palavra segundo a qual tudo é cons-

tituído. No evento histórico-salvífico o Filho realiza o desígnio salvífico do Pai e o Espírito nos torna o mistério acessível. Na plenitude escatológica o Espírito nos capacita e transforma para entrarmos na vida plena com Deus, enquanto o Filho, como juiz definitivo, é o critério que distingue e qualifica os que se salvam¹².

A ressurreição de Jesus Cristo revela a realidade escatológica de sua vida plenamente (Jo 3,34) dotada do Espírito, pois com ela se encontra unido à fonte mesma da vida, constituindo-se num “ser espiritual” (1Cor 15,45). Ao contrário do que aparece no Antigo Testamento (Ecl 12,7) o Espírito de Deus não volta a Deus no momento de sua morte. Daí enviar Ele aos fiéis este seu Espírito que, como dom escatológico, aparece como a antecipação da vida imortal e bem-aventurada para todos os que assumem a sua existência.

A Escritura nos apresenta o Espírito Santo como vivificante numa multiplicidade de concretizações. A começar pelo sopro vital (Sl 104, 29), passando pela capacidade compreensiva, pelos dotes artísticos, pela inspiração profética, pelo carisma de governo. Todas são antecipações perceptíveis do dom escatológico: neste une-se de tal modo o Espírito com a vida de quem o recebe que não mais pode dele se separar, nem com a morte¹³.

A outra característica marcante do Espírito Santo, bastante ressaltada por João e Paulo, é a de ser Aquele que nos conduz à plenitude da verdade que é Jesus Cristo. “Eu ainda tenho muitas coisas a vos dizer, mas,

9. P. RICOEUR, “Expérience et langage dans le discours religieux”, em: *Phénoménologie et théologie*, Paris, 1992, 15-39. Ver também D. SIMON, “Rahner and Ricoeur on Religious Experience and Language”, *Église et Théologie* 28 (1997) 77-99.

10. Ver Y. CONGAR, *Je crois en l'Esprit Saint I*, Paris, 1981, 19-91; F. LAMBIASI, *Lo Spirito santo: mistero e presenza*, Bologna, 1987, 29-89.

11. W. PANNENBERG, “Der Geist des Lebens”, em: Id. *Glaube und Wirklichkeit*, München, 1975, 31-56.

12. W. PANNENBERG, *Systematische Theologie III*, Göttingen, 1993, 13-16.

13. IBID. 24. Na mesma linha, embora sem alcançar o nível de sistematização de Pannenberg, ver J. MOLTSMANN, *Der Geist des Lebens*, München, 1991. Sobre o perigo de um panteísmo (Espírito como alma do mundo) ver URS VON BALTHASAR, *Theologik III. Der Geist der Wahrheit*, Basel, 1987, 381-395.

atualmente, não sois capazes de as suportar; quando vier o Espírito da verdade, Ele vos conduzirá à verdade plena, pois Ele não fala por si mesmo, mas dirá tudo o que ouvir e vos comunicará tudo o que está por vir. Ele me glorificará, pois receberá do que é meu e vo-lo comunicará (Jo 16,12-14).

A verdade para João é a revelação de Deus (Pai) através do Filho encarnado (Jo 1,18). A totalidade desta verdade só será revelada quando a Palavra de Deus tiver sido dita até o fim, a saber, na paixão, morte e ressurreição de Jesus Cristo. Aí então o crucificado entrega seu Espírito (Jo 19,30), que de agora em diante será seu "intérprete" junto a nós. "Se eu não partir, o Paráclito não virá a vós; se, pelo contrário, eu partir, eu vo-lo enviarei" (Jo 16,7).

Porém a plenitude da verdade é o amor que é Deus (1Jo 4,8) e que se revela em Jesus Cristo, sendo o Espírito no seio da Trindade este amor recíproco entre o Pai e o Filho. Assim só pode chegar à "verdade toda" aquele que, acolhendo o Espírito, passa a viver este amor teologal (de Deus). "Quem não ama não conhece Deus, pois Deus é amor" (1Jo 4,8). Portanto a ação do Espírito, como Aquele que introduz na e interpreta a verdade que é Jesus Cristo, não se enquadra numa atividade meramente racional. Acolher o Espírito implica acolher na vida o seu dinamismo de amor, ou, como dizemos hoje, o seguimento real de Cristo é condição sem mais para conhecê-lo.

Paulo desenvolve uma rica pneumatologia, que ultrapassa o âmbito de nosso estudo. Interessa-nos sobretudo o que nos diz sobre o Espírito como o que nos conduz ao mistério de Deus. "O Espírito esquadrinha tudo, mesmo as profundezas de Deus. Quem dentre os homens conhece o que é próprio do homem, a não ser o espírito humano que nele está? Assim também, ninguém conhece

o que é de Deus, a não ser o Espírito de Deus" (1Cor 2,10s). E porque recebemos este Espírito é que podemos conhecer os dons de Deus (12), comunicá-los não através de palavras ditadas pela sabedoria humana, mas com palavras ensinadas pelo Espírito (13). Este mistério permanece inacessível para a sabedoria do mundo, que o considera loucura (14).

Paulo também insiste na práxis cristã como componente necessária do acolhimento do Espírito, e conseqüentemente do encontro autêntico com Jesus Cristo. "Se vivemos pelo Espírito, procedamos também de acordo com o Espírito" (Gl 5,25). É a vida na fidelidade ao Espírito que nos garante o acesso à verdade plena. "Se alguém não tem o Espírito de Cristo, não pertence a Cristo" (Rm 8,9). Aqui ganha toda a sua densidade teológica a afirmação paulina: "Ninguém pode dizer, 'Jesus é Senhor', a não ser pelo Espírito Santo" (1Cor 12,3), ou mesmo o discurso sobre os frutos do Espírito (Gl 5, 13-25)¹⁴.

2. Critérios de discernimento

Depois do que vimos no início sobre a complexidade da experiência cristã, não deve nos admirar constituir a busca de critérios, que garantam sua presença e realidade, uma constante ao longo da história do cristianismo. Uma constatação imediata da presença e da atuação do Espírito, que ignore a mediação histórica, hermenêutica, comunitária deste fenômeno, constituiu sempre uma forte tentação no interior do cristianismo, até em nossos dias¹⁵. A necessidade de distinguir a ação autêntica do Espírito das falsas manifestações é preocupação já de S. Paulo, que fala mesmo de um carisma do Espírito Santo (1Cor 12,10), que não exclui um exercício geral de discernimento, próprio de *todos* os cristãos (1Cor 14,29; 1Ts 5,21). Também S.

14. BALTHASAR, *Theologik III*, 57-94.

15. Y. CONGAR, *ob. cit.*, II, 214-217.

João recomenda a todos que examinem os espíritos, para ver se são de Deus (1Jo 4,1).

Tanto Paulo como João apresentam a aceitação do Verbo encarnado, como *critério decisivo* para a autêntica experiência do Espírito. “Nisto reconheceis o Espírito de Deus: todo o espírito que confessa Jesus Cristo vindo na carne é de Deus” (1Jo 4,2). “Ninguém, falando sob a inspiração do Espírito de Deus, pode dizer: maldito seja Jesus” (1Cor 12,3). E como o Espírito está todo voltado, não para uma realização sua, e sim para a obra de Cristo e seu crescimento, seus carismas visam à edificação de seu Corpo, que é a Igreja (1Cor 12,12). Portanto “a cada um é dado o dom de manifestar o Espírito em vista do bem de todos” (1Cor 12,7), isto é, “para a edificação da assembléia” (1Cor 14,12).

Outro critério que emerge claramente nestes escritos neotestamentários é o da *caridade cristã*. Paulo apresenta-o como o dom supremo (1Cor 12,31), que garante sem mais a autenticidade cristã aos outros dons (1Cor 14,1-3). João é bastante incisivo: “Nisto se manifestam os filhos de Deus e os filhos do diabo: todo o que não pratica a justiça não é de Deus, nem aquele que não ama o seu irmão” (1Jo 3,10).

Lucas nos oferece um outro critério que desenvolve a perspectiva joanina do Espírito como intérprete do evento salvífico Jesus Cristo. Como aparece claramente nos Atos dos Apóstolos o Espírito é enviado em vista do anúncio de Jesus Cristo, seja por ocasião de Pentecostes (At 2,4), seja posteriormente (4,31; 11,27s; 13,1; 15,28; 19,6; 21,9s). A experiência cristã do Espírito comporta uma *dimensão missionária*¹⁶, que não está centrada no Espírito, mas em Cristo que nos remete ao Pai. E mesmo esta relação a Cristo não se resume a um conhecimento teórico,

mas implica seu seguimento, vivência real de sua práxis, abertura aos mais necessitados e conseqüentemente empenho por uma sociedade mais justa e fraterna.

III. A EXPERIÊNCIA DO ESPÍRITO FORA DO CRISTIANISMO

1. Fundamentação teológica

A ação do Espírito na criação, na santificação e na glorificação de todo ser humano, conforme vimos anteriormente, será agora refletida explicitamente com relação às tradições religiosas não cristãs. A universalidade do Espírito, como a do vento que sopra onde quer (Jo 3,8), foi recebida e cada vez mais valorizada na consciência de fé da Igreja. Sobre isto não pretendemos oferecer uma exposição detalhada¹⁷. Parece-nos mais importante enfatizar a crescente evolução teológica a partir do Vaticano II.

Este concílio defende claramente a salvação daqueles que estão fora do âmbito cristão, devido à ação do Espírito Santo que lhes oferece “a luz e a força para corresponder à sua vocação suprema” (GS 10). Esta atuação do Espírito faz com que elementos da Verdade, que é Cristo, já estejam presentes nas outras religiões (LG 16), embora devam ser “sanados, elevados e aperfeiçoados” (LG 17). É através destas sementes do Verbo que o “Espírito Santo chama todos os homens a Cristo” (AG 15). Ainda mais fundamentalmente é “o homem impulsionado sem cessar pelo Espírito de Deus” (GS 41), que o provoca a buscar o sentido profundo de sua vida.

Porém ainda mais importantes pela novidade que representam são as afirmações conciliares referentes não às manifestações

16. F. LAMBIASI, *ob. cit.* 68s.

17. Ver HANS SCHWARZ, “Reflections on the Work of the Spirit outside the Church”, em: *Credo in Spiritum Sanctum. Atti del Congresso Teologico Internazionale di Pneumatologia*, Roma, 1983, 1455-1471.

religiosas, mas concernentes às atividades humanas em favor da vida, da justiça e da paz. Também elas aparecem como frutos da ação do Espírito de Cristo! A ordem e o progresso social em contínua evolução tem no Espírito Aquele “que dirige o curso da história e renova a face da terra” (GS 26). Cristo ressuscitado opera por força de seu Espírito nos corações humanos, de tal modo que “anima, purifica e fortalece também aquelas aspirações generosas com as quais a família humana se esforça por tornar mais humana a sua própria existência e submeter a terra inteira a este fim” (GS 38).

Além de valorizar a presença do Espírito nestas realidades não propriamente religiosas, a constituição pastoral *Gaudium et Spes* vai mais longe, convidando todo o Povo de Deus a “auscultar, discernir e interpretar as várias linguagens do nosso tempo, e julgá-las à luz da palavra divina, para que a Verdade revelada possa ser percebida sempre mais profundamente, melhor entendida e proposta de modo mais adequado” (44). Deste modo reconhece a contribuição que as tradições culturais e religiosas poderão dar a uma melhor compreensão e formulação da própria fé. Este é um ponto que exigirá uma reflexão posterior de nossa parte.

João Paulo II enfatiza estas declarações conciliares ao reconhecer sem mais a ação “do Espírito da verdade operante para além das fronteiras visíveis do Corpo Místico” (RH 6), antes da economia do Evangelho (DV 53), de tal modo que “a presença e a atividade do Espírito não digam respeito somente aos indivíduos, mas à sociedade e à história, aos povos, às culturas, às religiões” (RM 28). Daí considerar “nas virtudes de educação, bondade, discreção, doçura e coragem, inculcadas pelas tradições religiosas (dos japoneses), os frutos deste Espírito divino”¹⁸. E num discurso à Cúria Roma-

na afirma sem mais o papa: “podemos portanto reconhecer que toda oração autêntica é suscitada pelo Espírito Santo, o qual está misteriosamente presente no coração de cada homem”¹⁹.

2. Reflexão teológica

As afirmações do magistério eclesial, acima expostas, requerem uma reflexão de cunho mais sistemático, que as justifique no quadro da fé cristã. Enquanto “Sopro Criador” que dá vida a todos os seres animados e sobretudo ao ser humano (Gn 2,7; 6,3; Jó 21,3; 33,4; Ez 37; Ecl 12,7) age o Espírito universalmente na humanidade. Contudo esta ação vivificante não se limita à vida física, mas diz respeito a tudo aquilo que a possibilita, a mantém, a desenvolve. Bem sabemos que, graças às criações de sua inteligência, pôde o homem sobreviver às catástrofes da natureza e aos ataques de animais mais poderosos. Como ser eminentemente social teve de se organizar em sociedade, estabelecendo normas de conduta fundamentadas em leituras da realidade, produtos de sua reflexão. Portanto podemos dizer que a cultura, a linguagem, as instituições sociais, resultam não só do gênio humano, mas da ação do Espírito que o vivifica.

Do mesmo modo poderíamos acrescentar tudo o que torna a vida humana mais vida, como o amor fraterno, a confiança, a solidariedade, a justiça, a paz, o cuidado com a natureza, a vivência estética. Esta ação permanente do Espírito ganha certa evidência quando, em momentos de intensa criação, sentimos impelidos por uma força e um poder que sentimos não serem nossos. Assim na intuição de uma obra de arte, na descoberta súbita da verdade, na experiência gaudiosa de libertação ou no compromisso moral assumido com alegria interior²⁰.

18. *Documentation Catholique* 78 (1981) 321.

19. *Documentation Catholique* 84 (1987) 136.

20. W. PANNENBERG, “Der Geist des Lebens”, 54s.

O ponto onde chegamos já nos permite um olhar positivo para as outras formações culturais e tradições religiosas, as quais sempre se encontram interpenetradas. Enquanto são também fruto da ação do Espírito ganham uma *valência teológica*, pois podem indicar pontos de vista, dimensões da realidade, valores humanos, expressões religiosas, horizontes teóricos ou construções institucionais omitidas ou esquecidas em nosso contexto sociocultural e religioso. Daí a importância de estarmos atentos aos “sinais dos tempos” para podermos ouvir o que nos diz o Espírito, daí o imperativo para a Igreja de dialogar com a sociedade e cumprir assim a recomendação de Paulo: “ocupai-vos com tudo o que é verdadeiro, digno de respeito ou justo, puro, amável ou honroso, com tudo o que é virtuoso ou louvável” (Fl 4,8).

Também é ação do Espírito a inquietação do ser humano com o sentido último de sua existência, e a conseqüente indagação e busca de uma realidade transcendente. A unidade e a universalidade do desígnio salvífico de Deus (DA 28) que pervade toda a realidade criada (cristocentrismo da criação) faz da humanidade uma só família, torna a vocação cristã uma realidade intrínseca a todo ser humano e nos permite afirmar a presença vivificante do Espírito em todas as expressões religiosas autênticas. Nestas o homem reconhece sua finitude e contingência, e se volta para uma realidade que o transcende numa atitude de respeito, reverência e adoração. Uma dessas expressões, a oração autêntica, foi explicitamente reconhecida por João Paulo II como vimos anteriormente.

3. O discernimento do Espírito nas religiões

Já vimos os critérios oferecidos por Paulo e João que garantem a atuação e a

presença do Espírito nas comunidades cristãs. Poderíamos acrescentar com relação a um agir que correspondesse ao Espírito o que nos diz Paulo, de modo geral (Rm 2,6-11), da prática do bem, para ele prática realmente salvífica. Também o documento *Diálogo e Anúncio* afirma taxativamente: “É através da prática daquilo que é bom nas suas próprias tradições religiosas e seguindo os ditames da sua consciência, que os membros das outras religiões respondem afirmativamente ao convite de Deus e recebem a salvação em Jesus Cristo, mesmo se não O reconhecem como o seu Salvador” (DA 29).

Embora corretos estes critérios revelam-se insuficientes. Pois como vimos no início deste estudo a ação do Espírito é captada, vivida e expressa sempre dentro de um contexto sociocultural e religioso. Mesmo que não possa ser reduzida a este último por gozar de autonomia, que desconserta e inova, questiona e modifica o próprio quadro interpretativo, deixando assim sua marca na experiência efetuada. Conseqüentemente as múltiplas expressões religiosas não se equívalem sem mais, nem são relativas e intercambiáveis, como se refletissem apenas a diversidade dos contextos onde nasceram.

Porque acontece realmente revelação na atuação do Espírito, pudemos sintetizar suas características: como *dom do amor* divino que cria *vida*, atesta a *Verdade*, fundamenta a *liberdade*²¹. Mas mesmo tais denominações encontram-se sempre contextualizadas, podendo mesmo apresentar conteúdos diversos. Esta afirmação torna-se ainda mais problemática se consideramos que o Espírito, enquanto divino, é transcendente, inacessível e não disponível pelos seres humanos. O que não deixou de ser observado por João: “O vento sopra onde quer, e tu ouves a sua voz, mas não sabes nem de onde vem, nem para onde vai. Assim acontece com todo aquele que nasceu do Espírito”(Jo 3,8).

21. B. J. HILBERATH, “Zur Personalität des Heiligen Geistes”, *ThQ* 173 (1993) 98-112, aqui 107.

Até agora procuramos detectar a presença do Espírito nas outras religiões atendendo-nos à sua característica de *criador de vida*. Porém a compreensão neotestamentária do Espírito O apresenta também como *introdutor e intérprete de Jesus Cristo*. Entretanto este critério, que aparece tão evidente em João e Paulo, revela-se altamente problemático quando aplicado às religiões não cristãs. Pois neste caso não se dispõe da figura histórica de Jesus, confessada pela comunidade cristã, por obra do Espírito, como Cristo. Se a atividade básica do Espírito consiste numa mistagogia crística, como encontrar a mesma nas outras tradições religiosas?

Se temos bem presente ser Jesus Cristo a *verdade* de toda a realidade e mais concretamente a *verdade do homem* (GS 22), então sua ação será realmente crística na medida em que leva mais o ser humano à sua verdade. Naturalmente as expressões e as práticas desta verdade poderão (o que seria de se esperar) confirmar as expressões e práticas cristãs já conhecidas. Observemos entretanto que estas por terem se sucedido ao longo da história do cristianismo, que é afinal a história da ação do Espírito acolhida pelas gerações humanas, são inevitavelmente contextualizadas, mesmo as relatadas nas Escrituras e reconhecidas como Palavra de Deus. Portanto verdadeiras, mas não exaustivas.

Daí a possibilidade de outras expressões e práticas, frutos autênticos do Espírito, por serem vividas, entendidas e expressas em outros contextos culturais e religiosos. Não poderiam as religiões asiáticas ou africanas, ou mesmo as tradições dos nos-

sos índios, enriquecerem nossas experiências do Espírito, necessariamente confinadas à linguagem e à compreensão ocidental do evento Jesus Cristo? Não poderiam estas experiências novas do Espírito enriquecer ainda mais a percepção de sua atuação salvífica e conseqüentemente a compreensão de sua Pessoa?

Fundamental em toda esta nossa reflexão é a fidelidade ao critério neotestamentário. Toda a ação do Espírito é a de nos levar à *verdade plena* que é Cristo, pois Ele “não fala por si mesmo”, sendo que “receberá do que é meu e vo-lo comunicará” (Jo 16,13s). Deste modo não deverá haver, em princípio, uma contradição clara entre práticas consideradas inspiradas pelo Espírito e as práticas decorrentes da vida e ensinamento de Cristo. Dizemos em princípio, pois mesmo discordando das mediações evangélicas não significam *ipso facto* não brotarem da ação do Espírito Santo. Pois uma consciência errônea pode estar concretizando numa prática equivocada um impulso do Espírito, devido ao condicionamento do contexto cultural e religioso onde vive.

Entretanto as religiões são grandezas porosas, e o simples fato de estarem atualmente muito próximas já lhes trazem novos questionamentos, e portanto novas compreensões de si próprias. Ainda mais se aceitam entrar num autêntico diálogo inter-religioso, quando então as *marcas* do Espírito vivificante poderão se mostrar mais claramente aos participantes, apontando na sua múltipla diversidade para a fonte única de toda vida que é o Espírito da Verdade!

QUESTÕES PARA AJUDAR A LEITURA INDIVIDUAL OU O DEBATE EM COMUNIDADE

1. A primeira parte do texto se ocupa da experiência religiosa e, mais especificamente da experiência cristã, como espaço da ação do Espírito que irrompe no humano. Compartilhe com a sua comunidade os principais questionamentos que a leitura desta parte do artigo suscitou em você.
2. Na segunda parte do artigo, o autor oferece uma sistematização bíblico-teológica do material oferecido pelas Escrituras sobre o Espírito Santo. Depois da leitura orante desta parte do texto, procure partilhar com a comunidade estes aspectos:
 - a) características da ação do Espírito presentes na Bíblia, que o autor prioriza na sua sistematização;
 - b) critérios de discernimento sobre a autenticidade das experiências do Espírito.
3. Como você e sua comunidade se posicionam diante da terceira parte do artigo que trata da experiência do Espírito fora do cristianismo? Que idéias lhes parecem mais fecundas? Quais os principais questionamentos que a leitura do texto suscita para a prática do diálogo inter-religioso? Como continuar aprofundando essa temática na comunidade?

O SÍNODO DA AMÉRICA

Aloísio Card. Lorscheider
Arcebispo de Aparecida-SP

O Sínodo não trouxe novidade, mas foi novidade porque, pela primeira vez, o Continente pôs em comum seus problemas e desafios contribuindo para uma integração mais profunda.

INTRODUÇÃO

Dar uma visão do Sínodo especial para o Continente Americano não se torna fácil. Os aspectos tratados foram muito diversificados. Nas apreciações de algumas revistas nota-se um aspecto crítico negativo. Há uma referência menos favorável ao fato de o Sínodo se ter realizado em Roma, no Vaticano. Fica, nestes comentários, a impressão de que o Papa foi um entrave, uma espécie de bloqueio para os participantes. Eu não tive esta impressão. Antes, pelo contrário, a presença do Papa foi muito apreciada e não cheguei a perceber que constituísse um constrangimento para a Assembléia.

Outros comentários se interessaram unicamente pelos aspectos sociais que, sem dúvida, estiveram presentes, sobretudo quando se falou da solidariedade, mas não foram os únicos. É necessário buscar um equilíbrio dentro da totalidade. Um Sínodo, como também uma Conferência — só pensar em Medellín, Puebla, Santo Domingo — não é um trabalho fácil. O próprio tempo limitado dificulta um amadurecimento

maior. Pode-se a priori supor deficiências. Entretanto, olhando bem, os ganhos positivos são bem maiores do que as perdas ou falhas. Nem se devem esperar de cada reunião novidades. Não são em si as novidades que dão o pulso de um Sínodo, mas muito mais as afirmações e apoios ao que já se vem realizando. O que foi o caso deste Sínodo. Se apenas fizermos uma comparação com a Conferência Geral de Santo Domingo, percebemos com bastante evidência que o Sínodo e Santo Domingo se cobrem. São os mesmos problemas que reaparecem. O próprio ponto de partida é o mesmo. O encontro pessoal com o Cristo vivo é o mesmo que dizer: Cristo ontem, hoje e sempre, que foi o ponto de partida de Santo Domingo. Também a temática, **conversão, comunhão, solidariedade**, está toda presente em Santo Domingo. A preocupação também é a mesma: a **Nova Evangelização**. E se Santo Domingo na formulação da temática ressaltou, além da Nova Evangelização, a promoção humana e a cultura cristã, poderia ter destacado, como o fez este Sínodo, a **conversão, a comunhão, a solidariedade**. As coincidências são notáveis. Aliás, olhando ainda mais para trás, temos Medellín, Puebla. Há toda uma continuidade admirável, constituindo-se **Medellín** no momento **fundante** da Nova Evangelização hoje tão preconizada pelo nosso bom Papa João Paulo II.

Não obstante estas observações, é lícito dar uma visão sintética do Sínodo da América. A visão terá em vista, de modo especial, os religiosos e as religiosas para quem este pequeno trabalho se dirige. Contentar-nos-emos com a grande linha que perpassa o

Sínodo todo, sem deixar de lado alguns detalhes que oferecerão uma idéia mais completa do que este Sínodo de fato produziu.

ESPINHA DORSAL

A espinha dorsal de todo o Sínodo foi o encontro pessoal com Jesus Cristo vivo. É Jesus o caminho que leva à conversão, comunhão e solidariedade. “Eu sou o caminho, a verdade, a vida. Ninguém vai ao Pai a não ser por mim” (Jo 14,6). É a busca incessante deste encontro que deverá inspirar todo o programa evangelizador e pastoral da América. É em Jesus, por Jesus, com Jesus, que se realiza a Nova Evangelização. Jesus galvaniza os corações. Ninguém pode passar indiferente diante dele. O nosso mundo secularista e pluralista é muitas vezes indiferente aos valores do Evangelho, ao valor da misericórdia, da honestidade, da pureza de coração, da paciência nas dificuldades, do perdão, e não só indiferente, mas até hostil. Daí a importância de todos os fiéis darem testemunho do Cristo vivo.

A missão da Igreja é levar todas as criaturas humanas ao encontro com Jesus Cristo. Todo o esforço evangelizador deve concentrar-se na mensagem do Cristo vivo, o Filho de Deus que se fez homem, morreu e ressuscitou, o redentor de todos os homens e do homem todo, o Senhor da história que continua a agir na Igreja e no mundo mediante o seu Espírito. Não foi dado aos homens outra pessoa na qual sejam salvos a não ser a pessoa de Jesus Cristo (Atos, 4,12).

O CORAÇÃO DESSE ENCONTRO

O coração do encontro é a fé, fé que a Igreja deve manter viva através do anúncio da Palavra, a celebração do mistério pascal na liturgia e nos sacramentos, além de no serviço aos outros, sobretudo aos pobres e aos que sofrem, eles que “são o sacramento de Cristo” (Paulo VI).

O que significa encontrar o Cristo vivo? Significa acolher o seu amor preveniente, fazer a opção por Ele, aderir livremente à Sua pessoa e ao Seu plano, que é o anúncio e o cumprimento do Reino de Deus.

Na Escritura temos uma passagem muito bonita de um dos encontros com Jesus e da atitude dos discípulos, que deve ser a nossa. É o encontro narrado por São João: “Mestre, onde moras? – Vinde e vêde – Eles foram ... e naquele dia permaneceram junto dEle” (Jo 1,38-39). Este permanecer junto dEle não se deve reduzir só ao dia daquele primeiro chamado, mas é preciso estendê-lo à vida toda. Seguir a Jesus significa viver como Ele viveu, “andar como Ele andou” (1 Jo 2,6), acolher sua mensagem, assumir os seus critérios, abraçar a sua própria sorte, participar do seu objetivo que é o plano de Deus, convidar a todos para a comunhão trinitária e a comunhão com os irmãos e as irmãs numa sociedade justa e solidária.

DIVERSOS ENCONTROS

O tema-guia do documento pós-sinodal deve ser um dos textos evangélicos que falam de um dos encontros com Jesus Cristo: o encontro com os primeiros discípulos (Jo 1,38-39), o encontro com a Samaritana (Jo 4), o encontro com Zaqueu (Lc 19,1-10); o encontro com a pecadora famosa na cidade (Lc 7,36-50); o encontro com a Madalena logo no dia da Ressurreição (Jo 20,11-18); o encontro com os discípulos de Emaús (Lc 24,13-35). Notamos que em todos esses encontros, as pessoas se transformam, criam novas atitudes de vida.

Onde podemos encontrar Jesus hoje?

Um lugar importante de encontro é o da Palavra de Deus. A leitura orante da Bíblia faz-nos encontrar experiencialmente a Jesus. Aprofunda a nossa oração e vai nos revelando as inesgotáveis riquezas de Deus Pai, de Deus Filho e Deus Espírito Santo.

Outro lugar é o da sagrada liturgia, sobretudo dos sacramentos da reconciliação e da eucaristia. Somos por eles convidados à conversão pessoal e comunitária, à comunhão eclesial e ao empenho solidário por uma transformação do mundo.

Um terceiro lugar é oferecido pelas pessoas, especialmente pelos pobres, com os quais Cristo se identifica.

Finalmente, as maravilhas da criação que revelam o seu Criador e das quais Jesus se serviu freqüentemente para revelar o Seu Pai e o Seu Reino.

É este encontro pessoal de fé com Jesus Cristo que nos permite reconhecê-lo como “Evangelho do Pai” e “evangelizador vivo na Igreja” (Santo Domingo). Jesus Cristo é o primeiro e o maior dos evangelizadores (“Evangelii Nuntiandi”, 7). Ele é a boa notícia, que dá ao ser humano a Salvação ontem, hoje e sempre. A Igreja deve dirigir para o Senhor a própria atenção e o próprio empenho de evangelização: “Tudo o que a Igreja propõe em campo eclesial deve proceder de Cristo e de seu Evangelho, do testemunho do Senhor Jesus” (João Paulo II, Mensagem ao Celam, 14-9-97). A Igreja na América deve falar sempre mais de Jesus Cristo, vulto humano de Deus e vulto divino do homem. Todo povo de Deus peregrino na América tem necessidade disso. Isto golpeia o homem, acorda e transforma o interior das pessoas, converte-as. Deve se anunciar o Cristo com alegria e com coragem, mas sobretudo com o testemunho da própria vida.

Jesus é a resposta para os homens e as mulheres da América. O ser humano é um grito para Deus criador. Entretanto, o ser humano, com sua mente obnubilada pelo pecado, hoje mais do que nunca procura no poder, no prazer ou na posse de bens o modo de saciar tal fome interior, que somente Deus e o Seu plano de amor podem satisfazer. Assim Jesus não só reconcilia o ser humano com Deus, mas o reconcilia também consigo mesmo, revelando-lhe a própria natureza (cf

“Gaudium et Spes”, 22), oferecendo-lhe a participação na sua própria vida e orientando a sua destinação à vida eterna (cf Mc 10,29-30). Jesus é o modelo de total complemento pessoal para cada criatura humana. Jesus é a única razão de nossa vida e fonte de nossa missão (Santo Domingo, 288). É Ele que nos dá a vida a ser comunicada plenamente aos nossos povos. Só assim teremos comunhão, solidariedade, reconciliação e esperança. A conversão a Jesus vivo é exigência permanente para termos uma sociedade nova, justa, fraterna, solidária. Com Jesus, Deus se tornou nosso próximo. E tendo-se Ele tornado nosso próximo, a única atitude possível para nós é aproximar-nos do nosso Deus e Ele será mais e mais o nosso próximo (cf Tg 4,8): “O reino de Deus está aí, chegou até nós; convertamo-nos e creiamos no Evangelho” (Mc 1,15).

FRUTOS DO ENCONTRO

O encontro com Jesus Cristo deve trazer consigo **fraternidade e santidade**. Será que na Igreja vivemos o mandamento novo de Jesus: “Amai-vos como eu vos amei” (Jo 15,12)? Como está o nosso amor, de uns para com os outros? A impressão que muitas vezes fica é que nós nos queremos bem mais por interesses pessoais, por motivos egoísticos, do que levados por um amor sincero e robusto. Já São Paulo dizia: “Amai-vos sem fingimento” (Rm 12,9). O Apóstolo até quer que rivalizemos em atenções recíprocas. Será que é este o nosso caso?

E a santidade...Desejamos sinceramente ser santos como Deus é santo?

Se houver da nossa parte conversão real a Jesus Cristo, torna-se necessário revestirmo-nos do estilo pessoal de Jesus, estilo de simplicidade, de pobreza, de austeridade, de aproximação das pessoas, a fim de colocarmos a nossa confiança não nos meios humanos, mas na eficácia do Evangelho que brota da força do Espírito e da palavra, com abertura especial aos afastados e excluídos.

ESPIRITUALMENTE CONTEMPLATIVA

Sem Jesus nada podemos fazer (Jo 15,5). Nos momentos decisivos de Sua vida, antes de agir, Jesus se retirava para lugares desertos a fim de se dedicar à oração e à contemplação. Pediu aos apóstolos fizessem o mesmo. Por isso mesmo a dimensão **contemplativa** não pode faltar em nossa vida. Cada cristão deve sempre de novo voltar para a fonte do seu encontro com Jesus Cristo, para beber de um só Espírito (1Cor 12,13). Na contemplação a pessoa cristã se deixa fascinar por Deus e assim, partindo desta luz interior, caminha nas estradas da nova evangelização. Só a oração torna fecundo o nosso ministério.

Impõe-se uma **espiritualidade** aberta à contemplação, fundamentada nos mistérios da SS.ma Trindade, da Encarnação do Verbo, da Redenção. E todos deveriam se interessar pelos mosteiros de vida contemplativa. As pessoas dedicadas à vida contemplativa obtêm, por meio da oração, da penitência e da contemplação, graças abundantes. Os contemplativos estão inseridos na missão da Igreja no tempo presente e, com o testemunho da própria vida, colaboram ao bem espiritual dos fiéis, ajudando-os a buscar o rosto de Deus na vida diária.

Este estilo de vida contemplativa Santo Domingo aconselhava quando dizia ser necessário educar os cristãos para ver a Deus em sua própria pessoa, na natureza, na história global, no trabalho, na cultura, em todo o secular, descobrindo a harmonia que, no plano de Deus, deve haver entre a ordem da criação e da redenção (n.156).

É bom que fique bem claro que a espiritualidade não é parte da vida, mas é a vida toda guiada pelo Espírito Santo. Ela abrange também a ação desenvolvida sob o seu impulso. A referência primordial da espiritualidade é sempre Jesus, a conversão a Ele e ao seu seguimento. Aqui a comunhão joga pa-

pel importante, porque só através de uma experiência pessoal de Jesus, o cristão permanece em comunhão com Ele; e para ser um autêntico evangelizador como Jesus, deverá escutar a sua Palavra na Escritura e na vida. A oração pessoal e litúrgica conduz a pessoa cristã pouco a pouco à aquisição de um olhar contemplativo diante da realidade, que lhe permitirá reconhecer a Deus sempre em cada coisa, **contemplá-LO** nas pessoas, **buscá-LO** nos acontecimentos e aí encontrar a sua vontade ("Apostolicam Actuositatem", 4).

A espiritualidade requer uma **fé** capaz de discernir a vontade do Senhor, uma **caridade** que tenha também uma dimensão social, e uma **esperança** empenhada na transformação do mundo à luz do plano de Deus. Importa inserir na espiritualidade os valores da **piedade popular**, sem que isto signifique reduzir a espiritualidade a alguns determinados exercícios ou à mera interioridade ou a uma contraposição com respeito à dimensão social do empenho do discípulo de Jesus. Importantes da parte da piedade popular são as peregrinações aos santuários dedicados a Jesus Cristo, a Nossa Senhora, aos santos, o culto às almas do purgatório, o uso dos sacramentais (bênçãos, água, óleo, cinzas...). Essas e outras expressões da piedade popular oferecem aos fiéis oportunidade de encontro com Cristo vivo. A piedade popular tem profundas raízes em nossos povos da América e oferece especial oportunidade de evangelização e orientação aos fiéis sobre a consciência da própria pertinência eclesial. Ela sustenta e alimenta a fé do nosso povo fiel. É uma resposta válida diante dos atuais desafios da secularização. Muitas das expressões da piedade popular tomaram formas religiosas autóctones, indicando assim o caminho para inculturação do Evangelho. A pastoral nos santuários adquire grande importância para a evangelização, a catequese e a devoção.

Viver a espiritualidade é buscar a **santidade**. Um grande, imenso desejo de sermos santos, deve alimentar a nossa vida, já que ser santo significa imitar a Deus por

Jesus no Espírito Santo dando-lhe glória através das obras que realizamos em nossa vida: "Que os homens vejam vossas boas obras e glorifiquem o Pai que está nos céus" (Mt 5,16). Não se deve esquecer que Jesus é o Santo de Deus e como tal foi reconhecido (Mc 1,24). O que Ele ensina? Ensina que o amor é o coração da santidade e que este amor se manifesta do modo mais claro se estivermos dispostos a dar a nossa vida pelos nossos irmãos e irmãs (Jo 15,13). Santificar-se é, portanto, prolongar na história o amor de Deus manifestado em Jesus (Jo 3,16), especialmente amor aos pobres, aos doentes, aos carentes (Lc 10,25 ss.). O amor é o fogo que Jesus veio trazer à terra e queria tanto incendiarse o mundo inteiro (Lc 12,49). Devemos sentir-nos impelidos fortemente a edificar o Reino de Deus, mesmo com o sacrifício da nossa vida.

E eis aí o **martírio**. O Sínodo acentuou-o. É o acontecimento supremo da evangelização.

A VIDA CONSAGRADA

Na história da evangelização, da espiritualidade, da santidade, na América ocupa lugar eminente a vida consagrada. Os membros da vida consagrada prestaram um grande serviço missionário. Desde o início anunciaram o Reino e defenderam os direitos dos indígenas e com amor heróico por Cristo dedicaram-se ao serviço dos nossos povos.

Na vida consagrada há uma abundância de carismas, que ressaltam os diversos aspectos da vida cristã: os institutos de vida contemplativa testemunham o absoluto de Deus, os institutos apostólicos e missionários tornam Cristo presente nos mais diversificados campos da vida humana, os institutos seculares "ajudam de algum modo a resolver a tensão entre a abertura real aos valores do mundo e a plena e profunda doação do coração a Deus" (Puebla, 775). Atenção particular merecem as mulheres consagradas. A nova evangelização não se pode pensar sem elas ("Vita

Consecrata", 57). Elas devem encontrar espaços de participação em todos os setores, também no da elaboração das decisões ("Vita Consecrata", 58). Também em nossos dias o testemunho de uma vida plenamente consagrada a Deus é uma eloqüente proclamação do fato de que Ele basta para encher a vida de cada pessoa. Como lembra Santa Teresa de Jesus: "Só Deus basta"!

Dos Consagrados espera-se aquela audácia apostólica que, sem abandonar as obras nas quais hoje estão empenhados, leve-os aos postos avançados da missão ("Evangelii Nutiandi", 69), onde a caridade mais urge. Dediquem-se a animar e acompanhar a vida espiritual dos féis e a instaurar o diálogo com os que ainda estão afastados.

O Sínodo da América convoca a Igreja da América para pôr em ato as suas melhores capacidades a fim de promover generosamente as vocações e para apoiar todos os que respondem à vocação, como expressão de solidariedade no serviço ao Evangelho ("Vita Consecrata", 64).

Frente ao 3º milênio, o Sínodo da América propõe que a vida consagrada seja reconhecida, estimada e promovida pelos Bispos, Padres e Comunidade Cristãs; que os consagrados conscientes da alegria e responsabilidade da própria vocação, se integrem plenamente na Igreja Particular à qual pertencem e promovem a comunhão e a mútua colaboração.

O PROTAGONISMO DOS LEIGOS

Exaltando a vida consagrada, o Sínodo não esquece o que Santo Domingo chamou o protagonismo dos Leigos. Se a primeira evangelização se realizou sobretudo por obra dos Bispos, Padres e Consagrados, a segunda evangelização, que é a Nova Evangelização, deve realizar-se em primeiro lugar pelos Leigos cristãos. A renovação da Igreja na América, assim o Sínodo, não será possível sem a presença ativa dos Leigos.

Neles está em grande parte colocada a responsabilidade futura da Igreja do nosso Continente. Isto, é claro, não significa que os Bispos e Padres não sejam mais necessários, e com eles os Consagrados, mas o Sínodo apenas quer acentuar o quanto a Igreja espera dos Leigos e o quanto eles, no mundo atual, podem realizar animados por um coração Missionário. O mandato Missionário também lhes diz respeito. A presença e a missão da Igreja no mundo realizam-se de modo especial através da diversidade de carismas e ministérios do Laicato cristão. A secularidade é a nota característica e própria do Leigo e de sua espiritualidade, que o leva a agir na vida familiar, social, econômica, cultural e política, para cuja evangelização é chamado. Num Continente como o nosso, onde estão presentes a competitividade, a tendência à agressão, o consumismo exasperado e a corrupção, os Leigos são chamados a encarnar os valores profundamente evangélicos de misericórdia, perdão, honestidade, pureza de coração, paciência nas dificuldades. O Sínodo faz um apelo especial aos Leigos para que assumam na sociedade encargos de direção, ordenando a vida pública na busca do bem comum.

OUTROS TEMAS AINDA...

Tendo aqui focalizado a espinha dorsal do Sínodo da América, dentro de cuja centralidade foram lembrados alguns aspectos importantes da vivência no mundo de hoje, parece interessante apontar outros temas dignos de consideração nesta grande Assembléia. Fá-lo-ei de modo bem geral.

O Sínodo da América ocupou-se com a opção preferencial pelos pobres; com as comunidades eclesiais de base; com os movimentos eclesiais; com a educação nas escolas e universidade católicas; com os meios

de comunicação social dentro do seu enorme alcance de formação de cultura; dos direitos humanos; da globalização econômica; da dívida externa; da corrida armamentista e cultura de morte; do ecumenismo; do pluralismo religioso; do pluralismo cultural; da vocação missionária da Igreja do Continente, afirmando ser necessário responder ao desafio missionário mesmo além fronteiras, num mundo onde grande parte da humanidade não conhece a Jesus. Recomendou a cooperação entre Igrejas Irmãs, o envio de missionários para fora do Continente, a criação de institutos missionários. Numa palavra, maior impulso à animação, formação e organização missionária. Enfatizou ainda o valor dos povos indígenas e dos povos de origem africana; insistiu na renovação das paróquias; focalizou muito a pastoral vocacional; calçou a formação presbiteral e a pastoral presbiteral; chamou a atenção para a ecologia, a corrupção, o problema do narcotráfico; abordou a importância da família em si e para a vida, o cuidado pelos jovens e pelas crianças, a importância da mulher na Igreja e na sociedade, a formação da consciência, e, como já o fizera Santo Domingo, frisou a difusão da doutrina social da Igreja como prioridade pastoral.

Sem dúvida, uma gama enorme de temas e problemas. Não é a primeira vez que eles entre nós foram sublinhados, mas não deixou de ser importante recordá-los neste Sínodo a fim de fazer sentir como problemas comuns solicitam uma pastoral de conjunto, que torna ainda mais necessária a integração do Continente.

O Sínodo, bem analisado, não trouxe novidades, mas foi novidade enquanto pela primeira vez o Continente com tanta diversidade étnica e cultural se reuniu e pôs em comum os seus problemas e desafios, contribuindo para um conhecimento melhor e uma integração mais profunda. Creio que valeu a pena!

QUESTÕES PARA AJUDAR A LEITURA INDIVIDUAL OU O DEBATE EM COMUNIDADE

1. Qual a espinha dorsal do Sinodo da América? Explique.
2. Qual a sua importância para a vida consagrada neste Continente?
3. Quais os desafios e problemas levantados pelo Sinodo?
4. Como se devem relacionar ministério ordenado, carisma religioso e missão do leigo cristão?
5. Qual a grande novidade deste Sinodo?
6. Onde está a diferença das linhas pastorais deste Sinodo com as linhas pastorais de Santo Domingo?

EDUCAÇÃO À ESPERANÇA

Pe. Adriano Sella
Belém – PA

O neoliberalismo é a negação da utopia e de qualquer alternativa possível. É a destruição da capacidade de sonhar e inventar um mundo novo.

A rápida avançada do neoliberalismo parece tomar conta da história dos povos da terra. Este sistema neoliberal, através da globalização, consegue atingir os vários países do planeta e, mediante os meios de comunicação social, invade, muitas vezes sem pedir licença, a cabeça e casas também daquela família que vive na favela de São Paulo ou na aldeia da Amazônia.

O processo de globalização envolveu a Amazônia antes de envolver o Brasil. De fato, faz décadas que o capital internacional está presente na Amazônia porque ela não é somente o pulmão do mundo, mas é também um enorme galpão de riqueza mineral e uma grande reserva de recursos naturais. A implantação de grandes projetos na Amazônia se deu a partir da década de 70, através de empresas nacionais e internacionais que ateri-

zaram na região para explorar a riqueza do solo e subsolo. Podemos citar esses exemplos: Carajás (minérios de ferro, urânio, diamante, ouro...), Albrás-Alinorte (alumínio e caulim), Calhanorte (caulim, ferro), Jarí (caulim, celulose)... Nesta última década a Amazônia vem sofrendo de grande invasão por parte de poderosas indústrias de medicamentos e cosméticos, como a Merck (multinacional alemã), que descobrindo a riqueza da matéria-prima da floresta (biodiversidade²) levam para outros países e passam a explorar suas propriedades obtendo com isso muito lucro, garantindo através da lei da patente³ (biopirataria⁴).

Ao lado desta enorme riqueza amazônica está a miséria dos amazônidas. Populações indígenas invadidas e condenadas a morrer, os povos ribeirinhos e migrantes que têm de deixar o próprio lugar para sobreviver em lugares de baixadas ou alagados (palafitas) das cidades amazônicas, formando a favela do Norte do Brasil. O processo de globalização conduzido pelo sistema neoliberal, está criando bolsões de pobreza na Amazônia e “os que vêm de fora apenas aumentam as multidões dos sem-teto, dos sem-terra e, principalmente dos sem-emprego”⁵.

“Não existe o Paraíso debaixo do Equador”, afirmou Lúcio Flávio Pinto⁶ no seu

1. Lúcio Flávio Pinto, *Jornal Pessoal* n° 11 de 1988, n° 58 de 1990 e n° 64 de 1990. Eron Bezerra, *Palestra no Seminário sobre a Amazônia*, 9 a 13 de setembro de 1997.
2. Mensageiro, *Publicação do Conselho Indigenista Missionário*, março-abril/97, edição n° 103, p. 14. David Hathaway. *Palestra no Seminário sobre a Amazônia*, Manaus, 9 a 13 de setembro de 1997.
3. Mensageiro, *Publicação do Conselho Indigenista Missionário*, janeiro-fevereiro/97, edição n° 102, p.11.
4. *Documento da Assembléia dos Regionais Norte I e II da CNBB*, Manaus, 14.18 de setembro de 1997, p.7.
5. *Pronunciamento dos Bispos de Belém sobre a situação econômica e social do Estado do Pará*. Arquidiocese de Belém, 1997, p.12.
6. Não existe paraíso debaixo do Equador, artigo de Lúcio Pinto, em *Jornal Pessoal* n° 175, 2a quinzena de novembro de 1997.

REVISTA

Jornal Pessoal, apresentando a riqueza enorme presente em um dos maiores Estados da Amazônia, o Pará, e a convivência promíscua de tantos contrastes, como conflito de terra sangrento que continua expulsando o colono, ou como as ocupações urbanas recordes (a do Pará de Belém é um exemplo) que trazem um elevadíssimo índice de prostituição infantil, crianças fora da escola, baixa expectativa da vida, criminalidade em expansão (inclusive narcotráfico).

Os Bispos de Belém compararam o Pará ao Lázaro da parábola do Evangelho, afirmando que “esse Lázaro empobrecido é o rosto do Pará”⁷. De fato, dentro da nossa Amazônia há um rico e um pobre, mas o pobre não pode sentar-se à mesa comum da Amazônia que coloca à disposição fatura de recursos naturais. Essa gravíssima injustiça está derrubando a vida do pobre que nasce e morre desconhecido, que perde nome, história, identidade e lugar na sociedade, ignorado e privado de tudo, facilmente eliminável e descartável. O pobre não tem domínio de suas riquezas porque outros, espertos e com meios sofisticados, se aproveitaram apropriando-se do que a natureza o dotou. Por isso, o Pará é considerado o terceiro mundo do Brasil.

O nosso Estado é um emblema do massacre que a globalização está realizando porque ela está sendo orientada pelo neoliberalismo. O massacre não está acontecendo somente a respeito das populações amazônicas, mas também a respeito da belíssima e importantíssima natureza que destaca a Amazônia como o pulmão do mundo. “Se a destruição continuar no ritmo atual, não passarão duas décadas até o dia em que iremos officiar o ‘Requiem’ pela Amazônia” declarou Dom Erwin Kräutler durante o Sínodo da América em

Roma⁸. Então, é preciso ouvir não somente o grito dos pobres, mas também o grito da terra, como declarou o teólogo Leonardo Boff⁹. O grito da terra é forte sobretudo na época das queimadas. O relatório do WWF apresenta que as queimadas dominaram a Amazônia, com um aumento de 50% em relação a 1996. É a terra que chora lágrimas de sangue por causa de um fogo exigido pela economia neoliberal.

Esse triste quadro amazônico ressalta que o neoliberalismo tornou-se, nessa década, um sistema gigante e parece que não há alternativa ou saída diante deste monstro pós-moderno que está submetendo a si mesmo não somente a Amazônia mas também o planeta, sobretudo depois do fracasso do socialismo real. Por isso, está crescendo sempre mais a convicção que a única coisa que resta é a aceitação. É conhecida a expressão de Fukuyama¹⁰: é o fim da história, o ponto final da caminhada histórica.

O Natal 1997 destacou, mais uma vez, o Natal de Papai Noel, ou seja, a encarnação do neoliberalismo que está trazendo sucesso e que está derrubando até o Natal de Jesus Cristo. O verdadeiro Natal que transformou a festa pagã de Deus Mithra (a encarnação do sol nascente) em festa cristã (o verdadeiro sol é Jesus Cristo) está sendo derrubado, depois de dois milênios, pelo gigante pós-moderno. O capitalismo neoliberal está transformando de novo em festa pagã a festa cristã do Natal: o novo sol é o consumismo.

O neoliberalismo, para conseguir a vitória completa do seu dinamismo baseado no lucro e na privatização, está espalhando a doutrina da resignação. “Grassa na cultura de hoje um novo determinismo, extremamente infausto aos pobres. De fato, os pro-

7. *Pronunciamento dos Bispos de Belém sobre a situação econômica do Estado do Pará*. Arquidiocese de Belém 1997, p.13.

8. Dom Erwin Kräutler, A Amazônia continua a ser terra de missão, em *L'Osservatore Romano*, nº 50, 13 de dezembro de 1997.

9. Leonardo Boff, *Ecologia, Grito da Terra, Grito dos Pobres*, Ática 1996.

10. J. M. Vigil, Seguir a Jesus sob o império neoliberal na América Latina, *REB* 57, fasc. 227, p. 545.

cessos em curso: primazia do mercado, globalização, avanço tecnológico, são apresentados como inexoráveis: nada haveria a fazer, senão adaptar-se. É o fatalismo do 'pensamento único'. Essa ideologia, extremamente funcional ao capitalismo neoliberal, é uma doutrina da resignação. É, para os últimos, a ideologia do desespero"¹¹.

De fato o ceticismo está tomando conta das pessoas e também de vários líderes comunitários que por muitos anos lutaram sonhando uma nova sociedade. Usa-se dizer: "não adianta", "não vai dar em nada", "mais uma vez vai dar em pizza"... são expressões de um pessimismo preocupante que está sendo espalhado no meio das massas. Então, que adianta lutar, mobilizar-se, gritar, denunciar? O sonho não é mais hoje uma força histórica para transformar a sociedade, mas somente uma realidade virtual para evadir um pouco da nossa vida cotidiana cheia de angústias. A utopia não é mais aquela dimensão que desafia o impossível, tornando-o possível através de alternativas históricas mas, torna-se apenas uma ideologia de um tempo histórico superado. "O neoliberalismo é a negação da utopia e de qualquer alternativa possível"¹². Então, o sistema neoliberal é destruição da capacidade de sonhar e inventar um mundo novo, é uma injeção de anestesia que paralisa a grande força de pensar e construir uma humanidade de igualdade e fraternidade.

Isso não é somente uma questão social, mas também teológica porque o neoliberalismo esvazia a força de irrupção da fé, ou seja, aquela esperança de um mundo novo que irrompe na história da humanidade, realizando o Reino de Deus através da justiça e da paz. Com outras palavras, ele destrói a virtude teológica da esperança que é o motor da realização do Reino de Deus para o cristianismo, assim como o lucro é o motor da eco-

nomia capitalista para o neoliberalismo. É triste admitir que o sistema neoliberal consegue esvaziar a carga profética da Bíblia como projeto de uma humanidade igualitária e justa.

Significa, reduzir a religião a uma simples ação piedosa que acalma os sentimentos profundos levando-os a uma situação de resignação. "Não pode absolutamente fracassar o inesgotável impulso utópico para superar um mundo estruturado em torno do egoísmo e do individualismo, nem a capacidade humana de criar alternativas para exercer a utopia"¹³. Então, não se pode aceitar essa "cultura do desespero" ou a "teologia da inevitabilidade". Pode ter fracassado uma tentativa ou uma outra, mas nunca pode esvaziar-se a capacidade humana e evangélica de tender ao melhor e de procurar uma saída ao próprio problema. Senão, fracassaria o Reino de Deus, esvaziando a presença libertadora de Deus que marcou profundamente a caminhada do povo de Israel, tornando-a a Páscoa hebraica.

Para superar essa doutrina da resignação, essa ideologia do "fim da picada", essa cultura do desespero e essa teologia da inevitabilidade, estamos precisando de uma séria e aprofundada educação à esperança, que se poderia delinear com os seguintes passos:

1. Saber distinguir e não considerar tudo farinha do mesmo saco. "Todos são corruptos", "não existe candidato bom", "todo mundo age por interesse pessoal"... São expressões usadas ou espalhadas no meio do nosso povo que indicam a dificuldade de saber distinguir o bem e o mal que está no meio de nós. Um poeta escreveu: "o mal é como uma árvore muito alta que cai na floresta fazendo muito barulho, enquanto o bem é como a grama da mata que cresce em silêncio". Então o bem existe, a pessoa que luta e se compromete não falta, as comunidades e os grupos que arregaçam as

11. Clodovis Boff, Uma Igreja para o próximo milênio, *Vida Pastoral*, novembro-dezembro de 1997, p. 14.

12. J. M. Vigil, Seguir a Jesus sob o império neoliberal na América Latina, *REB* 57, fasc. 227, p. 545.

13. J. M. Vigil, Seguir Jesus sob o império neoliberal na América Latina, *REB* 57, fasc. 227, p. 544.

mangas são vários. É preciso saber apreciar todo o novo e o melhor que está transformando a nossa realidade, todos os acontecimentos que não aparecem nos jornais e na televisão e que não chamam a atenção, como faz o mal. Nesta última década pipocaram milhares de grupos, movimentos, cooperativas no Brasil, que estão organizando a nossa sociedade e que estão resgatando a cidadania. Isso não é positivo?

2. Aprender a ler os sinais da presença de Deus na história. Será que Deus cansou de agir na nossa história? Será que a eterna e amorosa presença de Deus no meio dos povos não consegue mais criar algo de novo? Será que o Espírito renovador de Deus se despediu da humanidade? A Bíblia nos ensina que quando Deus está no meio das pessoas humanas algo de novo acontece. A presença de Deus é essencialmente uma presença sempre nova. Deus nunca se repete. Por isso, é difícil descobrir onde está Deus. Anteontem tinha o rosto europeu, ontem aquele do pobre, hoje tem o rosto índio, negro ou aquele dos excluídos. Amanhã vai se apresentar como? Então, o problema é a capacidade de ler os sinais que manifestam hoje a presença moderna de Deus. Torna-se importante a escola da aprendizagem para conseguir ler e reconhecer os sinais da presença sempre nova de Deus, ainda mais hoje diante dessa nossa realidade tão complexa.

3. Assumir a paciência histórica como dimensão fundamental da caminhada. Hoje tudo é feito na hora. O resultado é quase instantâneo. A tecnologia avançada satisfaz logo o desejo. Não existe mais o processo de espera que é peculiar da natureza entre a semeadura e a colheita. Na sociedade moderna, se o resultado da ação atrasar significa a falência da atividade. É o processo dinâmico da máquina que predomina e não mais aquele da pessoa humana. A pós-modernidade tem a tendência de tratar a pessoa humana como uma máquina, acreditando que é suficiente mudar aquela peça

para fazê-la funcionar de maneira certa. Enquanto a psicologia nos diz que o processo de amadurecimento da pessoa humana tem ritmos diferentes, não aqueles da tecnologia robótica, mas da natureza. De fato, a pessoa humana precisa de tempo para crescer, amadurecer, aprender. Não é possível tratar dela como um copo vazio que é suficiente enchê-lo, mas a mudança acontece através de uma série de relações profundas a nível interpessoal. Esse ritmo demorado que atinge a profundidade do ser humano é a salvação da pessoa. Senão, ela seria manipulável de qualquer jeito e não seria livre. Assim acontece também a respeito da transformação da sociedade. A história nos ensina que, para fazer acontecer as grandes transformações históricas, os tempos são demorados porque a semente jogada na terra tem que ter o tempo necessário de apodrecer para dar vida a uma grande árvore. Por isso, o sonho das CEBs da transformação da sociedade e da igreja não acabou e nem foi derrubado. Temos de dar ao sonho o tempo necessário para tornar-se história humana e concretizar-se dentro das contradições pós-modernas. Todo mundo esperava o milagre: que a CEB pudesse mudar a realidade eclesial e social em uma década. Isto é impossível. O sinal de que o sonho das CEBs ainda está vivo é que em pouco tempo já conseguiu marcar a caminhada social e eclesial brasileira. A paciência histórica dará o tempo necessário para que a CEB possa chegar à grande colheita que será abundante.

4. Avaliando a própria vida e a do outro, saber escolher os aspectos positivos, ressaltando mais os passos dados do que as falhas. O processo educativo necessita de estima e da auto-estima como dimensões importantes para desencadear uma caminhada que estava sendo bloqueada pela incapacidade de reconhecer o potencial humano que cada um tem. Um problema de natureza psico-humana não se resolve de um dia para o outro, mas através de uma corrente de pe-

quenos passos que levam à superação do conflito. Estimar o outro, ressaltando as coisas positivas, significa ajudá-lo a desamarrar todas aquelas energias que estavam aprisionadas por causa de uma situação de frustração e libertá-las para realizar uma vida mais digna. De fato, quem não percebe as pequenas melhorias fica decepcionado de si mesmo, ou do outro, porque parece que nada de bom conseguiu e arrisca-se a entrar em uma perigosa frustração, paralisando todas as forças ou talentos que pertencem à própria vida. Seria importante que a confissão se tornasse não somente reconhecimento dos pecados, mas também agradecimento pelas vitórias que a pessoa conseguiu através da presença do Espírito Santo.

5. Acreditar na força do pequeno que pode vencer o gigante Golias, O fato bíblico de Davi que venceu o *superman* da época, chamado Golias, nos apresenta a grande chance do pequeno. A Bíblia nos ensina que Deus acredita no pequeno e constrói a história da salvação através dos pobres¹⁴. Maria, pequena mulher de Nazaré, é um exemplo da confiança que Deus tem em quem não conta nada para os poderosos. Na campanha eleitoral aparece muito claro quão pouco se acredita no candidato pequeno que tem uma caminhada com o povo; mas se acredita muito mais no candidato rico que tem poder aquisitivo de votos. É reconhecida até internacionalmente a força histórica do Movimento Sem terra (MST) para realizar a reforma agrária. Trata-se de um movimento de pequenos sem terra, mas que conseguiram desencade-

ar uma grande quantidade de energia mobilizando o povo excluído da terra e envolvendo tantas outras entidades ou grupos. A história contemporânea nos apresenta fatos acontecidos nestas décadas em vários países do mundo, onde a pressão popular conseguiu resolver graves conflitos até o ponto de fazer demitir autoridades. Então, temos de resgatar a força histórica dos pobres¹⁵ e transformá-la em mobilização popular para reivindicar os próprios direitos. O GRITO DOS EXCLUÍDOS é uma das várias formas atuais de mobilização. Quando um povo se conscientiza e se mobiliza algo de novo vai acontecer na história daquele povo, porque lá está a presença transformadora de Deus. Mas é preciso acreditar: "se o problema (ou os problemas) é o conflito de interesses, a energia para se conseguir soluções só pode vir dos próprios oprimidos. Onde há opressão haverá luta para se conseguir as condições que garantam vida, luta de classe, luta de raças, luta de nações, luta de sexos¹⁶.

Em conclusão, não consigo pensar a vida cristã sem essa carga de esperança que provém da presença encarnada de Deus na vida da humanidade. O cristão que não tem esperança, que não sabe acreditar no pequeno, que não tem um horizonte utópico não é cristão. Quero afirmar que o cristão é o homem da esperança, é a pessoa que não se cansa de lutar, é o ser que nunca se deixará envolver pela doutrina da resignação. A fé cristã é a esperança de que o Reino de justiça e de paz deixe de ser sonho e se torne um dia pão cotidiano dos nossos povos.

14. Jorge Pixley e Clodovis Boff, *Opção pelos Pobres*, Vozes, Petrópolis, 1987.

15. Gutierrez G., *A força histórica dos pobres*, Vozes, Petrópolis, 1981.

16. Jorge Pixley e Clodovis Boff, *Opção pelos Pobres*, Vozes, Petrópolis 1987, p. 274.

QUESTÕES PARA AJUDAR A LEITURA INDIVIDUAL OU O DEBATE EM COMUNIDADE

1. Comente com a sua comunidade os dados que o texto apresenta sobre a realidade atual da Amazônia, particularmente do Estado do Pará, com o impacto das medidas do capitalismo neoliberal.
2. O texto apresenta várias perspectivas ou pistas para uma educação que vise sustentar e alimentar a esperança no contexto de pessimismo e desalento gerado pela ideologia do "fim da história" e pela prepotência do sistema neoliberal vigente. Quais dessas perspectivas você e sua comunidade consideram mais importantes no seu contexto? Quais delas vocês pensam que já estão sendo implementadas? Quais deveriam ser mais trabalhadas ainda?

A INTUIÇÃO JUVENIL DA VIDA CONSAGRADA

José Maria Arnaiz Tubilleja SM
Conselheiro Geral da Congregação dos Padres Marianistas – Roma

Cabe aos adultos recordar e contar a “gloriosa história” da Vida Religiosa; aos jovens, escutá-la e invocá-la; a todos cabe construí-la.

“Temos a intuição juvenil da vida religiosa; então não nos peçam muita precisão ao expressarmos nossa opinião ou descrevê-la”. Com estas palavras respondiam quatro religiosos jovens — duas religiosas e dois religiosos — a um dos jornalistas que faziam a cobertura do Congresso internacional da Vida Consagrada jovem, quando este já chegava ao seu fim. Fiquei com a mesma impressão no penúltimo dia do Congresso, ao escutar os jovens representantes das “constelações” compartilharem suas próprias idéias e as que haviam ouvido nos grupos para tentar dar forma ao Documento do Congresso; documento que, no entanto, depois se reduziu ou se transformou em uma mensagem.

Foram muitos os participantes que confirmaram que esta intuição existe. Porém, que não insistam para que eles a descrevam com muitos detalhes. Por quê? Talvez porque está baseada em experiências apenas, não articulam um pensamento, uma reflexão ou uma proposta precisa. Talvez um dia possam fazê-lo. Por agora vivem dela. Nela há valores e exigências; há orientação e intensidade e isso basta.

1. O FUTURO ESTÁ NASCENDO NO PRESENTE

Ao terminar este Congresso, aqueles que participamos já de muitos outros, com uma certa “deformação profissional”, nos perguntamos: **O que é novo neste Congresso?** Não há dúvida que ao organizá-lo se quis “ir fundo” e saber o que os jovens podiam trazer para que o processo de renovação da vida religiosa fosse completo já que deles se pode esperar muito.

Para mim o novo foi **comprovar que há uma intuição juvenil** de vida religiosa; presumir que essa intuição vem das experiências vividas pelos jovens; pensar que por isso mesmo não é fácil formulá-la e, ao mesmo tempo, concluir que não se pode, prescindir dela ao falar e ao viver a vida religiosa tanto dos jovens quanto dos adultos. Seria preciso acrescentar que não convém, uma vez mais, que sejam os adultos os que se “aventurem” a descrevê-la; para que não perca a jovialidade e originalidade: estes deveriam limitar-se a oferecer elementos que sirvam para realizar essa desafiante tarefa.

Sem entrar em mais detalhes posso afirmar, pelo que ouvi e vi, que **essa intuição recupera o mais nuclear da vida religiosa**; mas ela é organizada e dita de modo diferente. Parte do autenticamente humano e este, por sua vez, é feito na medida do evangelho. Neste momento é mais semente que árvore crescida. Não podemos deixar

de dizer que nessa intuição há imprecisão e há que se contar com a fragilidade humana. A vida religiosa que os jovens intuem não anula a anterior, ao contrário, abre a esta novos horizontes. Deve-se dizer que esta intuição não cobre todos os elementos da vida religiosa mas não se pode prescindir dela quando se busca um paradigma novo.

Em síntese, podemos afirmar que no Congresso não faltaram os silêncios e as surpresas. Silêncio se fez quando se falou de comunidades mistas, de compromisso temporário, de martírio, do envelhecimento das Instituições religiosas, do modo maduro de viver a afetividade e a sexualidade, de alimentar a centralidade afetiva do Senhor, da exclusão das pessoas em nossa sociedade pela cor de sua pele, por ter AIDS, por serem pobres, por serem emigrantes..., do medo e da insegurança que acarretam uma perspectiva difícil e as crises pelas quais atravessam algumas Instituições religiosas, de ter que assumir, um dia, a responsabilidade de grandes obras... Houve silêncio quando, através dos modos mais diversos, se chegou a dizer que os jovens são a alma perene da vida religiosa ou se repetiu que a comunhão se vive com frequência através da Cruz, mas de uma cruz que nos leva mais além; não faltou silêncio quando se recordou que é preciso recuperar a alegria e, também, o sentido da beleza, e que se necessita lavar e refrescar o rosto das comunidades.

Pelos mesmos motivos e por outros mais houve, também, aplausos. Era um modo de reafirmar esta intuição. As palavras sugeridas, originais e com capacidade de interpelar provocaram aplausos, e os testemunhos de vida tanto dos mesmos jovens como dos adultos causaram muito impacto.

2. ALGUNS ELEMENTOS DESTA INTUIÇÃO

Não quero cair no erro antes assinalado e ser eu a definir esta intuição que vem dos jovens e a eles cabe expressar. Entre-

tanto, quero indicar alguns elementos da mesma, que foram freqüentemente evocados e escutados no Congresso.

Deve-se evidenciar que os 840 jovens falaram de modos diversos; dando seus testemunhos, organizando a liturgia, nos grupos e nas "constelações", na equipe de coordenação e na festa; na preparação e avaliação do encontro, no "site" da Internet e nos outros meios de comunicação. Sua mensagem não foi somente transmitida em palavras, mas, também, com imagens e com ação. Nesta mensagem havia valorização do passado e do presente e, também, proposta para um futuro. Dava para despertar a vida religiosa. Assim aconteceu o Congresso. Quem estava atento ao dizer dos jovens se sentiu questionado, estimulado e instigado. Falaram bem mas, certamente, sua voz nem sempre foi unânime; melhor, foi diferente mas não contraditória. Que disseram?

- Pediram à vida religiosa **um rosto jovem, alegre, empreendedor, criativo, profético, exigente, humano...** Nela o gosto pelo espontâneo, pelo relacionar e vivenciar deve primar sobre a dimensão institucional. Para isso não é necessário fazer da vida religiosa produto para "marketing", não é preciso, tampouco, que muitos religiosos sejam bailarinos, ainda que um ou outro, como vimos na festa com o Papa, o sejam. Precisa-se mais de uma vida segundo o Espírito; que se empenhe em tornar realidade o que para muitos é impossível e para todos difícil: a reconciliação dos grupos humanos, a justiça, a conversão ao evangelho, a vida simples e alegre...
- Essa intuição inclui alargar o horizonte. **"Estamos por ultrapassar barreiras e fronteiras e por valorizar a diversidade"**. Sobretudo as que são muito altas e largas e impedem a comunicação, e que não ajudam a dar identidade aos grupos e tornam difícil a integração. Por isso falaram em juntar e reunir; em reduzir o que separa e aumentar o que nos une.

Alguns destes jovens religiosos vêm de experiências religiosas ou de religiões as mais diversas e num determinado momento se fizeram cristãos, além de tudo, religiosos. Custa-lhes ver que o ecumenismo não caminhe mais rápido no restabelecimento da comunhão entre as Igrejas; custa-lhes aceitar que algumas Instituições religiosas vivam sem compartilhar; se indignam se não se chega à igualdade na linguagem quando se fala de homens e mulheres, e sobretudo, não se consegue a complementaridade e a igualdade devida entre ambos; recordam que a realidade concreta da vida de uma Instituição religiosa, em geral, é uma realidade intercultural e, portanto, diversificada. A mensagem foi clara: não se pode prescindir da identidade nem buscar a uniformidade, se se quer chegar à unidade e à comunhão; compete-nos estar abertos à unidade na pluriformidade. Esse desafio passa pela fidelidade criativa e o querem para eles, jovens, e para todos.

A comunidade é essencial à vida religiosa apostólica e a comunhão é essencial à missão. Mas a comunidade não surge por geração espontânea; é preciso recriá-la. Recordou-se, de uma maneira muito gráfica, que a comunidade é o sol da vida religiosa porque marca o caminhar da mesma. Mas as pessoas podem privar o seu rosto desse sol tão necessário com o simples gesto de colocar a mão diante do rosto. Certamente, ao se falar deste tema recordou-se o que dificulta a vida comunitária: o individualismo, o materialismo e a diversidade que pode levar à divisão quando falta o verdadeiro espírito. A comunidade é a melhor escola para contemplar e amar o mundo e para servi-lo.

“A certeza de nossa identidade não é um problema”. Estas palavras estão na mensagem final. Uma mensagem que quis condensar e expressar o que “somos”, o que “cremos” e o que “esperamos”, dizem os jovens. Certamente que a meta era

ambiciosa e não foi alcançada. Mas aí está a tentativa que é como um grande desejo e um primeiro esboço. De várias formas, lia-se em algumas das propostas dos grupos o mesmo que havia dito G. K. Chesterton do cristianismo. O problema da vida religiosa não é que seus documentos tenham fracassado; o problema está em que ainda não se tenham experimentado ou vivido. Existiam certezas básicas sobre a vida consagrada na maioria dos participantes. A preocupação que persistia consistia em como viver esta forma de vida. Efetivamente, no encontro pouco se perguntou sobre o que é a vida religiosa. Perguntou-se como vivê-la. Esta pergunta é que necessita resposta.

➤ **A convicção de uma real chamada do Senhor, chamada que é um dom.**

Sobretudo a apresentação sobre a chamada, a primeira de todas, havia insistido que a vida religiosa oferece ideal, motivação, interpelação, desafio e força para dar a vida. Para dá-la no martírio, na fidelidade diária, na “morte anunciada” da obediência, da pobreza e da castidade. Pela consciência viva desta chamada continua havendo uma resposta consistente para os que interpelam a uma jovem e lhe dizem que seria mais feliz com um marido e filhos. É uma chamada à beleza, à liberdade, à fraternidade, a estar com os pobres, a viver de um único amor. No fundo, a atualizar o evangelho na história. Uma chamada que desperta uma audácia e lucidez tais que geram ilusão e entusiasmo vocacional, que certamente são um dom do Senhor e se transformam em uma experiência de encontro com Cristo, único que sustenta a fidelidade para sempre. A história de todo religioso se resume em sua resposta à chamada a manifestar o rosto do Pai, segundo a fantasia do Espírito e seguindo as pegadas de Jesus.

3. ALGUNS AVISOS QUE CHEGAM A JOVENS E ADULTOS A PARTIR DESTA INTUIÇÃO

Quero expressá-los com umas imagens que são oferecidas pelo código de circulação e escutadas de uma jovem religiosa italiana. A partir dessa intuição os jovens recomendam à vida consagrada, em seu conjunto, o sinal de “pare” (stop). Convidam-na a parar os motores e a olhar em torno; a prestar atenção ao que se passa e a dar-se tempo de sossego. E, ao invés de seguir adiante, na direção tomada e sem mais nem menos, virar à direita ou à esquerda, segundo lhe convenha; o importante é virar. Há acontecimentos concretos que pedem não seguir adiante sem rumo. Assim não se chegará à meta. Por fim, se recomenda o sinal de “obras” ou trabalhos em curso. Necessita-se fazer obras ou, melhor dizendo, ao menos prestar atenção já que obras estão sendo feitas.

➤ Sinal de “pare”, de stop

É necessário parar, ver e ouvir. O tom do Congresso foi positivo mas ao mesmo tempo, firme. Falou-se bem. A atitude sábia dos religiosos jovens chamou-me a atenção; e não se pode dizer que eles não crêem na sabedoria dos irmãos e irmãs maiores. Crêem nela e foi agradável ouvi-lo e repeti-lo, já que se converteu em um sinal a mais dessa sabedoria para eles, os jovens. Os adultos presentes esses dias no Congresso viram serenidade, realismo, caridade, bom senso... nos mais jovens. Como se a própria vida religiosa contribuísse a fazer sábias as pessoas. Por isso mesmo, a chamada a parar, que vem dessas pessoas é mais urgente e séria. Como se disse na assembléia: “Nada pedir a quem se quer muito e não levá-lo a ser melhor é começar a vê-lo com indife-

rença e no fundo apreciá-lo pouco”. Portanto não há porque transgredir este sinal, porque senão se pagará multa e há inclusive o perigo de acidente que bem pode ser mortal. Entre as coisas que o Congresso ajudou a ver e ouvir, convém evocar, por sua capacidade para “parar-nos” e ajudar-nos a viver essas jornadas de reflexão, as seguintes:

– **Dizem-nos que somos o futuro da vida religiosa mas não nos comprometem no presente. Parem e mudem.** Alguns jovens se lamentam de que a vida religiosa não lhes permite chegar a desenvolver seus valores e suas capacidades; outros decidem por eles e eles só são levados em consideração no momento da execução. São espectadores do presente e, assim, dificilmente podem gerir o futuro. Portanto, é imperioso prestar atenção aos jovens e proceder com uma grande sensibilidade para interpretar acertadamente a sensibilidade juvenil e buscar o espaço para que participem na caminhada do grupo.

– **“Ainda não vi o Senhor”.** “*Vidimus dominum*” (“*Vimos o Senhor*”) era o lema do Congresso. Quando se pensou nesse lema a intenção era muito concreta e um pouco ambiciosa. Contam-se, dentre os religiosos, aqueles que viram o Senhor; e por isso não há barreira que possa pará-los e fechá-los, nem obra que os possa definir, nem obstáculos que cheguem a dissuadi-los de sua grande paixão pelo Reino. Essa é a melhor mensagem que os jovens religiosos deveriam poder enviar ao resto dos jovens do mundo. Assim a vida religiosa recuperará espaço na Igreja e na sociedade. Daí deveria nascer a fecundidade que o símbolo do Congresso mostrava em sua cor verde.

Alguns viram o Senhor e dele deram testemunho. É sua experiência fundante; e o viram de diferentes modos, e esses

momentos foram tempos fortes de diálogo e de revelação do Senhor. Quase todos tiveram a possibilidade de estar na beira do poço (Jo 4,6) e a partir desse momento tudo mudou para eles. Mas atenção, não faltaram os que confessaram que “ainda não viram o Senhor” e que continuam buscando. Um jovem carmelita croata, ao narrar a sua tentativa de ver o Senhor, causou-me grande impressão. Creio que esses relatos são uma forte interpelação à formação, à vida comunitária e à vida religiosa em geral, feita para ajudar a ver o Senhor e para compartilhar a experiência de tê-lo visto. Somente uma experiência singular do Senhor nos capacita a dedicar-nos ao anúncio do evangelho e ao estilo de vida que nos é pedido. Quer-se uma vida religiosa que ajude a ver o Senhor.

Este sinal é uma parada no caminho que nos permite “parar de viver, para esforçar-nos por viver realmente”. É perigoso seguir adiante sem mais nem menos. Observar o “stop” ajudará a retomar a boa marcha.

➤ **Sinal de “obras”, transformações estão sendo realizadas.**

Essa mensagem foi transmitida com muita naturalidade. Na sociedade e na Igreja estamos em obras. Trata-se de adequar-se para as novas exigências e os novos rumos. A vida consagrada não pode deixar de fazer suas transformações e algumas delas são importantes. Essas transformações devem ser estruturais. Não basta mudar o peixe da água; as mudanças devem ir mais ao fundo. Essas transformações devem dar-se no domínio da vida comunitária e da missão e, também, das formas de governo. São passos importantes.

– **Passar de uma vida em comum a uma comunidade de vida que, de um modo especial, se faz ativa e**

transparente na missão. A força que tem o Reino de Deus em uma comunidade e o desejo de que esse Reino venha ao mundo, mede como nenhum outro termômetro, sua qualidade humana e apostólica. Nessa comunidade não podem faltar as estruturas que facilitam o diálogo, o compartilhar, o trabalho em equipe, o descanso, a festa e a possibilidade de ver o Senhor. Para isso se deverão buscar pessoas comunitárias e comunidades que sejam personalizadas porque estão abertas à missão. Estas tais comunidades já são uma primeira forma de missão.

– **Passar de ser, sobretudo, administradores e sustentadores de obras, a ser animadores da fé e dos respectivos carismas.** Vê-se nos jovens medo de que determinadas estruturas extingam o vigor do carisma e a novidade do evangelho e seu próprio entusiasmo vocacional. Para que isso não ocorra, é preciso que haja criatividade, risco, compromisso com os pobres e excluídos. Entre eles comentavam que são muitos os Institutos que deixaram de fazer determinadas coisas, mas são poucos os que se sentem como quem já encontrou as novas presenças e tarefas.

– **Deixar de olhar o que morre e passar a prestar atenção ao que emerge e que é fonte de vida.** Os jovens pediram força e entusiasmo para recriar e reforçar e não tanto para rejeitar e destruir. Só assim se recupera a radicalidade evangélica de onde vem toda verdadeira fecundidade.

➤ **Sinal de “virar” à direita ou à esquerda.**

Deve haver mudança de direção. Não se pode proceder como o morto insensato que continuava cavando para baixo da cova para poder sair. Essa não é boa orientação. E no Congresso se apontaram alguns critérios para evitar isto.

- Um deles é voltar a ter os verdadeiros fundamentos da vida religiosa; isto é, **recuperar e reforçar a espiritualidade e a dinâmica teologal**. Só assim a vida religiosa será considerada e valorizada mais pelo que é do que pelo que faz. Sentia-se no Congresso que a virada é "em direção a Deus", em direção ao Deus que se fez homem.
- **Outra virada importante é ampliar o espaço comunitário**. A própria virada teologal deve ser comunitária; isto é, fundamentar-se na experiência e na prática comunitária. Tanto o individualismo pastoral como o isolamento existencial são a negação da comunidade evangélica. Os jovens esperam uma forma e um estilo comunitário muito diferente do que existe atualmente. Segundo seu parecer, são mais importantes os sinais da comunhão que os serviços.
- Uma última virada que se propunha era a de tomar a direção justa e **encaminhar-se para onde está o povo simples e pobre**. Afastar-se do pobre e do sofredor é afastar-se do jovem e entrar nas crises da vida religiosa. Estar com ele é tomar o caminho mais seguro e eficaz da verdadeira refundação. O eco e aprovação que despertou a apresentação da missão confirmam este critério. A preocupação que se advertia nos jovens não era tanto o deixar ou tomar obras, ou assumir ou prescindir de determinados compromissos. A grande preocupação é chegar a perder o zelo missionário e de entrega ao Reino. Para que isso não aconteça, a missão deve centrar-se nos oprimidos; os crucificados da história têm dado sempre intensidade à entrega e à missão dos religiosos.

Todas essas são chamadas a remodelar as formas de vida religiosa e adequá-las ao evangelho e à realidade sociocultural que muda de uma maneira rápida e profunda. Para fazê-lo deve-se proce-

der com audácia, criatividade e santidade (VC 37 a).

Várias vezes pensei, quando voltei a refletir sobre esta **intuição juvenil** que, de certo modo e em alguns lugares, ela já é um fato que sustenta a vida religiosa; é um fato que não surgiu por passo de mágica e de um momento para outro. Sua gestação foi levada a cabo e se leva a cabo em um intenso processo de busca provocado pelo esgotamento de determinadas formas de vida religiosa, que um dia tiveram força e influenciaram, mas que hoje não têm energia nem para sobreviver. Estas formas novas não se identificam com caminhos já andados; respondem à contínua fecundidade do Evangelho e à novidade criadora do Espírito na Igreja e no mundo já que, justamente, referindo-se a este tema o Concílio Vaticano II reconhece que o Espírito sopra onde quer (Jo 3, 8).

Não posso deixar de compartilhar uma constatação. Esta intuição produziu e produz nos jovens um bom fruto. **Acaba com o medo do futuro e dá entusiasmo para enfrentar o presente**. Por isso mesmo puderam expressar que para eles o problema não era a falta de vocações; e nem o fato de serem poucos. **O grande problema é a credibilidade do que professamos, testemunhamos e anunciamos**. O desafio consiste em viver algo e vivê-lo de tal forma que seja verdadeiro e questionador; viver a partir de dentro, aquilo que já tenha sido internalizado e com autenticidade. Não se pode ignorar o que é crise ou caos e enfiar a cabeça debaixo da asa; é preciso animar-se a identificar corretamente os problemas. Mas não há dúvida que os jovens nos aceitam mais facilmente como frágeis, já que eles também são frágeis, do que como hipócritas ou iludidos. Esta debilidade é parte da realidade da intuição juvenil de vida religiosa. Por isso mesmo, alguns adultos quando ouvem ou lêem sobre este tema reagem de uma maneira muito dura: "você sabem bem, mas não será surpresa se vocês

saírem e nós ficarmos sozinhos a conduzir o barco...". Isto pode ocorrer e ocorre. Mas deve-se concluir, olhando para trás e para os dias do Congresso que o barco é nosso, e é de uns e de outros, e se deseja vê-lo consertado para que não vá a pique, com um destro capitão a conduzi-lo, rumo ao porto seguro e com bons passageiros, e deixando nele um pouco de espaço para o Espírito do Senhor.

Confiamos e esperamos que este Congresso tenha uma "segunda vez" e nele se possa falar mais claramente sobre esta intuição, conversar melhor para aprender mais e ensinar menos, para que haja mais integração entre as diferentes gerações e para che-

gar à verdade que é de todos, quando aflora como fruto do amor. Em relação à "gloriosa história" da vida religiosa que nos uniu e agora nos reuniu, a nós, adultos, cabe recordá-la e contá-la, aos jovens cabe escutá-la e invocá-la, a todos, "construí-la" (VC 110). Ao terminar o Congresso desejamos a todos nós sorte e generosidade na tarefa, já que esta intuição é para ser realizada em dias difíceis. Trata-se de levá-la a cabo em tempos de globalização econômica e técnica, de um avassalador neoliberalismo; da avidez por ter, gozar e dominar; do ódio étnico ou das loucuras homicidas... Inimigo não falta. Por isso nos animamos a caminhar na luz e a seguir as inspirações que chegam do Espírito.

QUESTÕES PARA AJUDAR A LEITURA INDIVIDUAL OU O DEBATE EM COMUNIDADE

1. Qual a principal contribuição que a intuição juvenil da Vida Consagrada oferece à Igreja e à Vida Religiosa neste momento histórico? Reflita sobre isso e partilhe a sua reflexão com a comunidade.
2. O artigo descreve os vários elementos constitutivos dessa intuição. Quais deles você e sua comunidade consideram mais questionadores para a Vida Religiosa na sua globalidade e, mais concretamente, para a sua congregação e/ou Província?
3. Que acolhida estamos dando à novidade que o Espírito pode estar suscitando na Vida Religiosa através dessa intuição juvenil?

PROCLAMAR A PALAVRA NA COMUNIDADE CULTUAL

Pe. José Raimundo de Melo, S.J.

NOTAS À MARGEM DE ALGUNS DOCUMENTOS DO MAGISTÉRIO UNIVERSAL NO PÓS-CONCÍLIO¹

A palavra e o sacrifício eucarístico se unem intensamente na ação cultual com a precisa finalidade de alimentar, restaurar e enriquecer o conjunto da assembléia celebrante.

Nos últimos tempos a Igreja como que redescobriu a palavra de Deus na sua inimaginável riqueza, sobretudo em sua

dimensão litúrgica, e esta redescoberta se fez muito mais intensa a partir do Vaticano II. Este Concílio se põe assim como um divisor de águas entre uma época em que a palavra na liturgia, além de escassamente proclamada, era largamente incompreendida, por causa sobretudo da barreira da língua, e uma outra época em que as proclamações litúrgicas se tornaram freqüentes, mesmo abundantes. Assim é que encontramos, seja na *Sacrosanctum Concilium*, como em inúmeros documentos conciliares e pós-conciliares, uma perfeita consciência do valor e função da palavra de Deus proclamada e acolhida em meio à assembléia litúrgica.

I. Siglas dos documentos citados (cf. também citação dos documentos nas notas):

- AP = "Actio pastoralis", Instrução da S. Congr. do Culto Divino, 15 de maio de 1969
- CL = De interpretatione textuum liturgicorum, "Comme le prévoit", Instrução do "Consilium", 25 de janeiro de 1969
- CN = "Cum nostra aetate", Decreto da S. Congr. dos Ritos, 27 de janeiro de 1966
- DCD = "Diretório para as celebrações dominicais na ausência do presbítero", da Cong. do Culto Divino, 2 de junho de 1988
- DMC = "Diretório para missas com crianças", da S. Cong. do Culto Divino, 1 de novembro de 1973
- DOC = "Dominicae cenae", Carta de João Paulo II, 24 de fevereiro de 1980
- EM = "Eucharisticum mysterium", Instrução da S. Cong. dos Ritos, 25 de maio de 1967
- EP = "Eucharistiae participationem", Carta circular da S. Cong. do Culto Divino aos Pres. Conf. Episcopais, 27 abril 1973
- ID = "Inaestimabile donum", Instrução da S. Congr. dos Sacramentos e o Culto Divino, 3 de abril de 1980
- IGMR = "Instrução Geral sobre o Missal Romano" in: *Missal Romano...*, segunda edição, 1975
- IO = "Inter oecumenici", Instrução da S. Cong. dos Ritos, 26 de setembro de 1964
- LI = "Liturgicae instaurationes", Instrução da S. Cong. do Culto Divino, 5 de setembro de 1970
- MR = "Missale romanum", Constituição Apostólica de Paulo VI, 3 de abril de 1969
- OLM = "Ordo lectionum Missae", "Praenotanda", (Introdução às Leituras da Missa) segunda edição, 1981
- PS = "Paschalis sollemnitatis", Carta circular da S. Congr. do Culto Divino, 16 de janeiro de 1988
- VQ = "Vicesimus quintus annus", Carta Apostólica de João Paulo II, 4 de dezembro de 1988

Mas todo este movimento conciliar em direção à palavra de Deus se insere no interior de um outro movimento ainda maior e que em definitivo tornou-o possível. Na verdade, assistimos neste último século a uma significativa preocupação por parte do magistério eclesiástico no sentido de fazer retornar a palavra de Deus ao coração da vida da Igreja. Tal esforço liga-se às realizações dos movimentos bíblico e litúrgico, autênticos dons do Espírito a favor da Igreja neste nosso tempo. Isso fez crescer a convicção de que é a Igreja quem escuta na fé a palavra de Deus na sua riqueza múltipla, quem interpreta esta palavra vivencialmente e a celebra, proclamando-a na ação litúrgica da assembléia dos fiéis². Por tudo isso, tomando agora por base uma série de documentos lançados após o Concílio pelo Magistério Universal da Igreja e deixando, na medida do possível, os textos falarem, procuraremos evidenciar de modo particular a questão da palavra do Senhor que no culto dos cristãos é anunciada e celebrada.

1. A IMPORTÂNCIA DA PALAVRA DE DEUS NA CELEBRAÇÃO

1.1 O lugar da palavra no conjunto da ação cultural da assembléia

É relevante o lugar que a palavra de Deus ocupa nas celebrações litúrgicas da assembléia, especialmente no conjunto da ação eucarística. A liturgia, ocupando-se do mistério da história sagrada, mistério de Cristo e da Igreja, recebe este mistério em sua totalidade

da leitura da Escritura Sagrada. A expressão litúrgica do mistério de Cristo é toda ela escriturística; e na liturgia, as composições não escriturísticas, além de serem muito reduzidas, outra coisa não fazem que sublinhar, interpretar e coordenar com sobriedade as passagens da Escritura, as quais ocupam sempre o lugar principal³. A Sagrada Escritura, assim, é essencial à liturgia.

A proclamação da palavra de Deus na celebração eucarística não tem por função apenas preparar os ânimos dos fiéis para o momento da liturgia do sacramento que se segue, ou adornar o ato litúrgico com belos e edificantes pensamentos, mas em si mesma a palavra bíblica é já uma palavra sacramental. Por isso, assim se exprime o Vaticano II a propósito do significado da Sagrada Escritura na vida da Igreja:

A Igreja sempre venerou as divinas Escrituras, da mesma forma como o próprio Corpo do Senhor, já que, principalmente na Sagrada Liturgia, sem cessar toma da mesa tanto da palavra de Deus quanto do Corpo do Cristo o pão da vida, e o distribui aos fiéis (DV 21).

Na celebração litúrgica, em especial na Eucaristia, a palavra que exorta, que admoesta, que chama a atenção, que aclama, bem como a linguagem dos gestos e dos sinais ocupam importante lugar porque estão sempre a serviço do mistério contido na mensagem escriturística, que se desvela em cada celebração da assembléia. Mais ainda:

“A palavra proclamada e celebrada exerce uma função anamnética: recorda, mas recordando, torna presente o mistério salvífico que recorda... Pode-se falar de uma sacramentalidade da Palavra”⁴

2. Cf. A. TRIACCA, *Bíblia e Liturgia: Dicionário de Liturgia*, ed. Paulinas/ed. Paulistas (S. Paulo 1992) 135.

3. Cf. C. VAGAGGINI, *Il senso teologico della Liturgia. Saggio di liturgia teologica generale (= Theologica 17)* Ed. Paoline, 4ª ed. (Roma 1965) 427; L. DEISS, *Vivre la parole en communauté*, Desclée de Brouwer (Paris 1974) 297.

4. I. SCICOLONE, *La proclamazione della sacra Scrittura nella liturgia: AA.VV., Gli spazi della celebrazione rituale*, a cura della Facoltà Teologica di Sicilia (Milano 1984) 157. Este e outros textos citados em língua estrangeira são traduzidos pelo autor do artigo.

A palavra é assim um dos elementos mais típicos e essenciais à assembléia, e parece mesmo que ela foi escrita para ser proclamada na assembléia litúrgica, se não exatamente em vista da celebração mesma, embora sem excluir que pudesse ser lida em particular e durante a catequese⁵.

A importância da palavra de Deus e o uso das Sagradas Escrituras na liturgia foram exaustivamente tratados pelo Vaticano II em inúmeros de seus documentos⁶, o que por si só já indica o lugar especial que os padres do Concílio conferiram à palavra revelada no seio da Igreja. E uma igual atenção pela palavra do Senhor pode ainda ser observada em uma grande quantidade de documentos publicados depois do Concílio pelo magistério da Igreja, claro sinal da importância que esta palavra encerra.

A Instrução *Eucharisticum Mysterium*⁷ como que abre o grupo dos textos que sublinham a relevância da palavra no âmbito celebrativo, ao afirmar: *O povo tem direito de ser nutrido na missa com o anúncio e a explicação da palavra de Deus* [EM 20]. Ser instruído pela palavra é “direito” dos fiéis que os ministros têm a obrigação de respeitar e favorecer. E com esta finalidade, continua o mesmo artigo: *Para isso os ministros sejam preparados com exercícios adequados, sobretudo no seminário e nas casas religiosas.*

Apresentando o novo Missal na Constituição apostólica *Missale Romanum*⁸ Paulo VI vai dizer que a divisão das leituras festivas em três anos leva a *...aumentar cada*

vez mais nos fiéis “a fome da Palavra de Deus” (cf. Amós 8,11)... [MR]. O ampliado contato com as Escrituras deve provocar a unidade do povo da nova aliança. A *Introdução Geral sobre o Missal Romano*⁹ também indica a relevância devida à palavra de Deus, na medida em que *...as leituras da Palavra de Deus...vão aparecer aí como ...elemento de máxima importância na Liturgia, que todos devem escutar com veneração [IGMR 9]. Deve-se manifestar a maior veneração por ocasião da leitura do Evangelho, completará o n. 35 da mesma IGMR.* A liturgia, aliás, bem ensina isto, na medida em que cerca a proclamação do evangelho de uma honra toda especial. A dignidade da palavra exigirá ainda na igreja *...um lugar condigno de onde possa ser anunciada e para onde se volte espontaneamente a atenção dos fiéis no momento da liturgia da Palavra [IGMR 272].*

No n° 2 da Instrução *Liturgicae instaurationes*¹⁰ assim se pede: *Tenha-se em honra máxima a Liturgia da Palavra.* Por isso, entre os textos proclamados na assembléia, *...os livros da divina Escritura gozam de particular dignidade [LI 2].* Já o *Directorio para Missa com Crianças*¹¹, declara: *Porque as leituras escolhidas da Sagrada Escritura constituem «a parte principal da liturgia da palavra», mesmo nas missas para crianças, jamais deve faltar a leitura bíblica [DMC 41].* Poderíamos sublinhar ainda mais esta idéia, dizendo que é exatamente nas assembléias de crianças que a palavra de Deus deve ser proclamada com maior força, vigor e entusiasmo, adaptando-se sempre às idades, para

5. Cf. *Ibid.*

6. Cf. sobretudo SC 7, 24, 33, 35, 48, 51, 52, 56; DV 1, 21, 25, 26; AG 6; PO 18.

7. *Eucharisticum Mysterium*: Instrução da Congregação dos Ritos (25 de maio de 1967): AAS 59 (1967) 539-573.

8. *Missale Romanum*: Constituição Apostólica de Paulo VI (3 de abril de 1969): AAS 61 (1969) 217-222.

9. *Introdução Geral sobre o Missal Romano (Institutio Generalis Missalis Romani)*: da Congregação do Culto Divino, 2ª ed. (27 de março de 1975): *Notitiae* 11 (1975) 297-308.

10. *Liturgicae instaurationes*: Instrução da Congregação do Culto Divino (5 de setembro de 1970): AAS 62 (1970) 692-704.

11. *Directorio para Missas com crianças (Directorium de Missis cum pueris)*: da Congregação do Culto Divino (1 de novembro de 1974): AAS 66 (1974) 30-46.

já desde cedo ir criando raízes nos corações infantis. Preocupação com a proclamação da palavra bíblica é manifestada também no documento sobre as celebrações na ausência do presbítero: *...mesmo que não houver a missa, no dia de domingo, ofereça-se com abundância aos fiéis, reunidos para diversas formas de celebrações, as riquezas da Sagrada Escritura*¹². Sendo impossível a missa, faça-se ao menos a celebração da palavra (cf. SC 35,4), conforme nos indica sobejamente toda a tradição litúrgica¹³, podendo ser oportunamente seguida da comunhão: *Assim os fiéis podem nutrir-se ao mesmo tempo da palavra e do corpo de Cristo* [DCD 20].

Na Carta apostólica de João Paulo II, *Vicesimus quintus annus*¹⁴, a presença da palavra de Deus, que foi abundante e variadamente restaurada na liturgia, vai aparecer como o segundo princípio diretivo da *Sacro-sanctum Concilium* [cf. VQ 9], precedido apenas pela atualização do mistério pascal [cf. VQ 6]. O valor desta palavra é de tal modo elevado, que o texto pede explicitamente: *Que nenhuma outra leitura substitua a palavra bíblica, e que as palavras dos homens estejam a serviço da palavra de Deus, sem obscurecê-la* [VQ 10]. Em outro lugar rende graças a Deus, entre outras coisas, *...pela mesa da palavra de Deus, enfim abundantemente aberta a todos...* [VQ 12].

1.2 A valorização da palavra nos Praenotanda do novo Ordo Lectionum Missae

Concentrando-nos agora no *Ordo Lectionum Missae*¹⁵, que constitui o documento, digamos, "técnico" sobre a palavra de Deus em sua relação com a assembléia litúrgica, podemos constatar nos *praenotanda* o imenso valor que reveste a palavra proclamada no culto¹⁶. E se bem que todo este documento nada mais seja que uma constante exaltação do uso da palavra de Deus em ambiente litúrgico, algumas passagens podem ser aqui evocadas como exemplo da grande importância que esta palavra ocupa na celebração da assembléia dos fiéis. No nº 10 do OLM assim lemos:

A Palavra de Deus e o mistério eucarístico foram honrados pela Igreja com a mesma veneração, embora com diferente culto. A Igreja sempre quis e determinou que assim fosse, porque, impelida pelo exemplo de seu Fundador, nunca deixou de celebrar o mistério pascal de Cristo, reunindo-se para ler «todas as passagens da Escritura que a ele se referem» (Lc 24,27) e realizando a obra da salvação, por meio do memorial do Senhor e dos sacramentos.

12. *Diretório para as celebrações dominicais na ausência do presbítero*: Diretório da Congregação do Culto Divino (2 de junho de 1988): *Notitiae* 24 (1988) 366-378.

13. Para um completo conhecimento da história e do valor da celebração da palavra na vida da Igreja, veja: L. DELLA TORRE, *Le celebrazioni della Parola di Dio*: AA.VV., *La Parola di Dio nell'assemblea liturgica* = «Culmen et fons» 10 (Brescia 1966) 198-248.

14. *Vicesimus quintus annus*: Carta apostólica de João Paulo II (4 de dezembro de 1988): AAS 81 (1989) 898-918.

15. *Ordo Lectionum Missae [Praenotanda]* (Introdução às leituras da Missa) 2ª ed. (de 1981): *Notitiae* 17 (1981) 358-462.

16. Os *Praenotanda* da atual segunda edição do OLM, em relação à primeira edição de 1969 foram completamente revistos e ampliados, apresentando um significativo tratado teológico e pastoral a respeito da proclamação litúrgica da palavra (cf. LSCICOLONE, *La proclamazione della sacra Scrittura* 157, nota 2). Este documento assim renovado, apresenta a síntese melhor de todos os documentos conciliares e pós-conciliares no que concerne ao uso litúrgico da palavra (cf. A. TRIACCA, *La comunità si raduna convocata dalla parola di Dio*: AA.VV., *Celebrare l'eucaristia per costruire la chiesa* [33ª settimana liturgica nazionale, Varese 1982] [Roma 1983] 43). Os atuais *Praenotanda* do OLM constam de um próêmio e duas partes, que totalizam seis capítulos. O próêmio inicia apresentando as relações entre a palavra de Deus e a ação litúrgica. Segue-se a primeira parte, que trata mais particularmente da palavra de Deus na celebração eucarística (cap. I-III). A segunda e última parte expõe a estrutura e a ordenação das leituras da missa (cap. IV-VI).

Toda a celebração eucarística da assembléia, que a Igreja obediente ao mandamento do Mestre, desde o dia de Pentecostes jamais cessou de cumprir, nada mais é que uma reunião, na qual se lê nas Escrituras a mesma obra salvífica de Deus que em seguida é atualizada no momento sacramental que se segue. A assembléia eucarística é assim o *locus* privilegiado em que “proclamação” e “atualização da redenção” se encontram e se concretizam em todo o seu esplendor.

Na celebração da missa, os fiéis escutem a palavra de Deus com tal devoção interior e exterior que cada dia neles aumente a vida espiritual, pede a OLM 45. E no final da proclamação da leitura convém que se cante, pois, deste modo, a assembléia honra a Palavra de Deus recebida com fé e com espírito de ação de graças [OLM 18].

O n° 106 do OLM afirma que a palavra bíblica do Antigo Testamento foi de tal modo distribuída na liturgia eucarística que ... o tesouro da Palavra de Deus ficará de tal forma aberto que todos que participam da missa dominical conhecerão quase todas as passagens mais importantes do Antigo Testamento. Naturalmente que isso se aplica com maior força ainda às leituras do Novo Testamento e do Evangelho. Oferecendo o tesouro da palavra, a Igreja apenas responde positivamente à determinação do último Concílio, que pedia para a assembléia dos fiéis uma mais abundante e variada mesa da palavra de Deus (cf. SC 35,1). Ao exigir uma tal coisa, o Concílio estava convencido de que *quanto mais profundamente se compreender a celebração litúrgica, mais profundamente também se estimará a importância da Palavra de Deus...* [OLM 5], pois, *a Palavra de Deus, proposta continuamente na Liturgia, é sempre viva e eficaz (cf. Hb 4,12)...* Ora, toda esta eficácia, deve-se à potência do Espírito que “trabalha” no interior da palavra [cf. OLM 4].

A abundância de leituras é oferecida não de qualquer modo, mas através de uma sábia didática: *Convém advertir que foram escolhidas somente leituras bastante breves e não muito difíceis para a compreensão dos fiéis [OLM 107].* A atenção para não cansar o povo ou comprometer a sua compreensão foi o critério que presidiu a distribuição do tesouro escriturístico entre os três ciclos. Também aqui no OLM, a proclamação do evangelho aparece como o momento maior da liturgia da palavra: *A leitura do Evangelho constitui o ponto alto da liturgia da palavra...* [OLM 13]. O n. 17 do mesmo OLM tem parecer semelhante, na medida em que, referindo-se à IGMR 35 e 95, recomenda: *Entre os ritos da liturgia da palavra deve-se ter presente a veneração devida à leitura do evangelho.*

Vemos como toda a renovação da liturgia trabalhou no sentido de tornar a palavra de Deus mais próxima da mesa litúrgica dos fiéis. E os seus frutos, possibilitados pela potente e incessante atuação do Espírito na liturgia e na vida do povo da assembléia, podem já ser abundantemente observados em toda a Igreja. Tal constatação levou o papa João Paulo II a afirmar na epístola sobre a sagrada eucaristia, *Dominicae cenae*¹⁷: *A palavra de Deus, a Sacra Escritura, começa a pulsar de nova vida em muitas comunidades cristãs [DOC 10].*

2. A HOMILIA OU APLICAÇÃO DA PALAVRA À VIDA DO POVO DA ASEMBLÉIA

Para que os fiéis possam compreender intensamente o significado da palavra proclamada e cultuada em meio à assembléia congregada e atualizá-la nas suas vidas, se faz necessário prolongar a proclamação

17. *Dominicae Cenae*: Carta de João Paulo II aos bispos da Igreja universal (de 24 de fevereiro de 1980): AAS 72 (1980) 113-148.

para além das leituras bíblicas, através da palavra falada que explica, explicita, profunda e aplica a mensagem¹⁸. Trata-se assim da partilha do pão da palavra, antes da repartição do pão eucarístico¹⁹, no sentido de que os cristãos possam assimilar corretamente, concretamente e frutuamente aquilo que, em meio à comunidade, foi anunciado e celebrado.

A homilia tem grande importância no interno da celebração, reconhecida seja pela tradição da Igreja²⁰, seja por documentos do último Concílio do Vaticano²¹. O seu valor na formação catequética e pastoral dos fiéis já havia sido mesmo assinalado pelo Concílio de Trento, que a indicara nos domingos e festas, o que, porém, não foi completamente obedecido [cf. IGMR, Proêmio 13]. A prática homilética, de fato, era um elemento antigo do culto da Igreja e muito importante para a instrução dos fiéis e aprofundamento da mensagem contida nas leituras, mas com o passar do tempo caiu no esquecimento [cf. MR]; agora, porém, foi novamente proposta pela Igreja oriunda do Concílio Vaticano II.

2.1 Sentido e finalidade da homilia na eucaristia

Num artigo da instrução *Inter Oecumenici*²², primeiro texto pós-conciliar a enfatizar a questão da homilia, ela é assim descrita:

Por homilia, a ser realizada a partir do texto sagrado, se entende a explicação de qualquer aspecto das leituras da Sagrada Escritura ou de outros textos do ordinário ou do próprio da missa do dia, tendo-se na devida conta o mistério celebrado e as particulares exigências dos ouvintes [IO 54].

Já o artigo seguinte, colocando-se de acordo com o costume então em vigor, vai também permitir o uso na missa de «esquemas de pregação» catequética²³, contanto que se respeite os tempos principais e festas do ano litúrgico: ...a homilia, com efeito, é parte da Liturgia do dia [n. 55]. No artigo 41 da IGMR, assinalando um avanço em relação à IO 55, a homilia é descrita como ... parte da liturgia e vivamente recomendada, sendo indispensável para nutrir

18. Cf. L. DELLA TORRE, *A pregação na liturgia*: AA.VV., *Em vossas assembléias*. 1 - *Teologia da missa*; ed. J.GELINEAU, Paulinas (S.Paulo 1975) 185-216. Sobre esta questão da homilia, tenha-se ainda presente: D.SARTORE, *Problemi dell'omelia, oggi*: *Rivista Liturgica* 57 (1970) 615-626; C.BISCONTIN, *L'omelia come parte della celebrazione*: AA.VV., *Il linguaggio liturgico* = «Oggi e domani» - serie II, nº 7 (Bologna 1981) 293-311; e mais recentemente o volume publicado a partir de uma semana de estudos de S. Serge: AA.VV., *La prédication liturgique et les commentaires de la liturgie* (Conférences S.Serge, XXXVIII semaine d'études liturgiques, Paris 1991) = Bibliotheca «Ephemerides Liturgicae» «Subsidia» 65 (Roma 1992).
19. Cf. DV 21. No que toca a esta metáfora da mesa da palavra de Deus aplicada à liturgia da palavra, assim se expressa L. della Torre: «A imagem clássica da mesa e do alimento aplicada à Palavra de Deus distribuída ao povo cristão e retomada pelo Vaticano II (DV 21), é metáfora susceptível de úteis aprofundamentos, tanto para os pastores que devem preparar este alimento, quanto para os fiéis que dela devem nutrir-se. Já que comer é atividade não só de quem prepara o alimento, mas também de quem dele se nutre, ela ajuda a superar a impressão de passividade da assembléia que parece caracterizar a escuta da palavra bíblica e homilética» (L. DELLA TORRE, *Homilia: Dicionário de Liturgia*, ed. Paulinas/ed. Paulistas [S. Paulo 1992] 566).
20. Uma ampla descrição tanto da tradição bíblica vétero e neotestamentária, como da tradição eclesial no que se refere à homilia, pode ser encontrada em: L. DELLA TORRE, *Homilia* 556-562. Percebe-se porém que, muito embora a homilia constitua um momento importante da celebração ainda na época de Gregório Magno (590-604), ela cai em desuso pelos tempos carolíngios. No *Ordo Romanus I* já nada encontramos afirmado sobre a homilia (cf. J.A.JUNGMANN, *El Sacrificio de la Misa. Tratado historico-liturgico (Missarium sollemnia)* = BAC 68 [Madrid 1963] 94; R.CABIÉ, *Histoire de la messe. Des origines à nos jours* = Bibliothèque d'histoire du christianisme 23 [Paris 1990] 46).
21. Muitos documentos conciliares tratam da questão do ensino e da pregação. Entre estes podemos citar: SC 35,2.52; DV 21.24; LG 12.25.29; PO 4.
22. *Inter Oecumenici*: Instrução da Congregação do Ritos (26 de setembro de 1964): AAS 56 (1964) 877-900.
23. Cf. L. DELLA TORRE, *Homilia*, 562.

B
I
B
L
I
O
T
E
C
A

a vida cristã²⁴. Esta, porém, é a única novidade que este artigo 41 apresenta, pois a seguir se limita apenas a repetir a parte final da IO 54. A homilia, pois, não deve aparecer como algo independente da liturgia do dia, tal como os famosos “sermões” moralistas e tantas vezes desencarnados da vida dos fiéis, largamente em uso nos tempos anteriores ao Vaticano II, mas trata-se de uma conversação ou colóquio²⁵, realizado com a finalidade de nutrir o povo com os tesouros da palavra de Deus que inundam cada celebração litúrgica. Ora, nesta linha se faz importante ressaltar que por pregação homilética não se compreende aqui qualquer tipo de pregação dirigida também aos não crentes, mas explicação da mensagem bíblica à assembleia dos fiéis catequizados, portanto, dos já iniciados e que percorrem o caminho da fé²⁶.

A IGMR 9, descrevendo a palavra de Deus como elemento a ser acolhido com veneração na celebração da ceia eucarística, vai afirmar que muito embora ... *a palavra divina contida nas leituras da Sagrada Escritura se dirija a todos os homens de qualquer época, e seja entendida por eles, a sua eficácia é aumentada pela exposição viva, isto é, a ho-*

milia, que é parte da ação litúrgica. Na IGMR 33, enfim, a homilia, a profissão de fé e oração dos fiéis são consideradas como desenvolvimento da parte principal da liturgia da palavra: *Pois nas leituras explanadas pela homilia, Deus fala ao seu povo...*

O OLM 24, refazendo-se à grande inspiração da SC 35,2, vai dizer que a finalidade da homilia na missa é fazer que a palavra proclamada, juntamente com a liturgia eucarística, se tornem «*uma proclamação das maravilhas realizadas por Deus na história da salvação ou mistério de Cristo*». A homilia, portanto, ...*deve levar a assembleia dos fiéis a uma ativa participação na Eucaristia, a fim de que «vivam sempre de acordo com a fé que professaram» (SC 10).* No OLM 38 e 41, cabe ao presidente da assembleia por meio da homilia, apresentar o alimento da palavra, favorecer a sua recepção, ajudar fiéis a compreender e saborear a mensagem e conduzi-los à ação de graças e à prática da vida cristã²⁷. E o n° 45 diz que o direito do povo de receber com abundância o tesouro da palavra de Deus foi em parte satisfeito com o ... *uso do Ordo Lectionum, com a homilia e com a ação pastoral*²⁸.

24. Convém observar aqui a evolução que a questão da homilia na liturgia conheceu numa época ainda recente. Na IGMR 41, como vimos, ela aparece de maneira positiva como “parte da liturgia”. Antes, na IO 55, a homilia era apenas “parte da liturgia do dia”. Mas no *Código das Rubricas* de 1960, ela nem mesmo chega a ser considerada parte da celebração, pois aí se diz que, em determinada circunstância, a celebração seja suspensa enquanto se realiza a homilia: *A homilia, portanto, se feita por um sacerdote que não o celebrante, não se sobreponha à celebração da missa, impedindo a participação dos fiéis. Neste caso, pois, suspenda-se a celebração da missa e seja retomada somente após o término da homilia* (CONGREGAÇÃO DOS RITOS, *Rubricae Generales Missalis Romani*, Cap. VIII, n° 474: AAS 70 [1960] 676). Neste sentido é que, tempos antes do último Concílio do Vaticano, J.A. Jungmann, com uma visível ponta de ironia, assim definia a pregação na missa: “A pregação que se realiza depois do Evangelho na língua própria do país constitui, segundo o conceito que prevalece hoje, junto ao seu enquadramento, mais uma interpolação no curso da liturgia, que um passo avante no seu desenvolvimento” (J.A. JUNGSMANN, *Missarum sollemnia* 503).

25. De fato, a palavra homilia, do grego ‘, traz em sua significação original, também o sentido de conversação, reunião, companhia, relações familiares, intimidade (cf. I. PEREIRA, *Dicionário Grego-Português e Português-Grego*, Ed. Livraria Apostolado da Imprensa, 4ª ed. [Porto 1976] 404).

26. Cf. L. DELLA TORRE, *Homilia* 566.

27. *Quem preside a liturgia da palavra... continua sendo sempre o primeiro ao qual se confiou a função de anunciar a Palavra de Deus, compartilhando com os fiéis, sobretudo na homilia, o alimento que esta palavra contém [OLM 38] ...a homilia conduz seus irmãos a uma compreensão saborosa da Sagrada Escritura; abre as almas dos fiéis à ação de graças pelas maravilhas de Deus; alimenta a fé dos presentes acerca da Palavra que na celebração se converte em sacramento pela intervenção do Espírito Santo; finalmente, prepara os fiéis para uma comunhão fecunda e os convida a praticar as exigências da vida cristã [OLM 41].*

28. Outros documentos também vão se referir à homilia, mas sem apresentar novidades: LI 2a, EP 15 e ID 3.

2.2 O modo e o momento de proferir a homilia

Também o modo próprio de se realizar a homilia na missa vai ocupar os textos pós-conciliares. Na VQ 8, pede-se uma ... *diligente preparação da homilia, através do estudo e da meditação...*, para que assim se possa chegar a um «*suave e vivo afeto pela sagrada Escritura*» (SC 24). E o n. 10, descrevendo a importância da palavra escriturística na liturgia, dirá: *Porque a liturgia é toda permeada pela palavra de Deus, é necessário que qualquer outra palavra esteja em harmonia com ela, em primeiro lugar a homilia, mas também os cantos e as monições.* O valor da homilia está, pois, em ser correta e fiel expressão da palavra que Deus dirige à assembleia. Daí que o mesmo n.º 10 ainda diga: *... que a palavra dos homens esteja a serviço da palavra de Deus, sem obscurecê-la.*

A epístola *Dominicae cenaë*, mostrando que a leitura da Escritura não pode ser substituída na missa pela leitura de outros textos, mesmo de claro valor religioso e moral, sugere então que estes textos sejam utilizados na homilia. E continua descrevendo assim a homilia:

Com efeito, a homilia é maximamente idônea à utilização destes textos, contanto que respondam às exigidas condições de conteúdo, enquanto cabe à natureza da homilia, entre outras coisas, demonstrar a convergência entre sabedoria divina revelada e o nobre pensamento humano, que por vários caminhos procura a verdade [DOC 10; cf. também CL 31²⁹].

Na homilia, portanto, deve-se fazer convergir a sabedoria divina revelada e o

pensamento humano sedento de verdade e de vida.

Uma outra função importante da homilia é recordar as ligações entre a Igreja universalmente considerada, a sua expressão local e esta concreta assembleia celebrante, como nos sugere a Instrução *Actio Pastoralis*³⁰: *Na homilia, o sacerdote recorda o caráter particular da celebração e as suas ligações com a Igreja local e universal [AP 6g].*

A homilia também é vista como passível de uma mais completa adaptação por parte de cada celebrante [cf. EP 14]. Tal adaptação se faz tanto mais necessária nas missas com crianças, na qual tanto a homilia como o modo próprio de realizá-la é sumamente importante. Em tais celebrações, a homilia deve sempre adaptar-se à situação própria do público infantil. Assim pode ela ... *realizar-se algumas vezes em forma de diálogo com eles, a menos que não se prefira que escutem em silêncio [DMC 48].*

Em outras passagens encontramos referências quanto ao momento em que se deve fazer a homilia na celebração: domingos, festas de preceito, férias do Advento e Quaresma e ocasiões em que fiéis vêm à Igreja em grande número [cf. IO 15, 53; IGMR 42; OLM 25]. Mas todos estes textos nada mais fazem que retomar a SC 52, que pede a homilia nos domingos e festas de guarda³¹ [cf. ainda: EM 20, 28; IGMR 338; PS 12, 13].

3. A MESA DA PALAVRA E DO SACRIFÍCIO (“AS DUAS MESAS”)

Segundo o pensamento do Concílio Vaticano II, expresso na SC, DV, e PO, e

29. *De interpretatione textuum liturgicorum* (“Comme le prévoit): Instrução do “*Consilium ad exsequendam Constitutionem de sacra Liturgia*” às Conferências Episcopais e Comissões litúrgicas (25 de janeiro de 1969) Ed. francesa: *Notitiae* 5 (1969) 3-12.

30. *Actio pastoralis*: Instrução da Congregação do Culto Divino (15 de maio de 1969): AAS 61 (1969) 806-811.

31. O novo *Código de Direito Canônico* (CIC), cân. 767, § 2, dirá a este propósito que: “Entre todas as missas que se celebram com participação do povo, nos domingos e festas de preceito, deve-se fazer a homilia, que não se pode omitir, a não ser por causa grave”.

mais tarde retomado e aprofundado por inúmeros textos pós-conciliares, na celebração do sacrifício do Senhor, a mesa da palavra se encontra intimamente relacionada à mesa da eucaristia, sendo que a primeira como que conduz naturalmente à segunda³². Esta importante idéia, porém, não deve a sua origem a este Concílio, mas remonta aos inícios da fé cristã, com a teologia dos Padres da Igreja [cf. DOC 10]. Nesta parte do nosso estudo, vejamos brevemente como os documentos recuperam e aprofundam esta realidade tão fundamental à correta compreensão da estrutura essencial da celebração da eucaristia.

Na EM 10, encontramos já referências às duas mesas num contexto em que são citados todos os três documentos do Vaticano II. Com efeito, numa parte deste artigo, assim lemos: *Os fiéis, pois, escutando a palavra de Deus, reconheçam que as maravilhas anunciadas encontram o seu coroamento no mistério pascal, cujo memorial é celebrado sacramentalmente na missa. A grande função da liturgia da palavra é, portanto, bem conduzir os fiéis à compreensão experiencial de que o mistério anunciado na palavra se realiza a seguir na liturgia do sacramento.*

A IGMR vai dizer que ensinar e alimentar os fiéis é função das duas mesas, as quais, na missa, estão intimamente unidas: *De fato, na Missa se prepara tanto a mesa da palavra de Deus como a do Corpo de Cristo, para ensinar e alimentar os fiéis* [IGMR 8]. Contribuindo para isto, as partes que prece-

dem a liturgia da palavra têm a clara finalidade de fazer com que *...os fiéis, reunidos em assembléia, constituam uma comunhão e se disponham a ouvir atentamente a palavra de Deus e celebrar dignamente a eucaristia* [IGMR 24]. E o fato de liturgia da palavra e liturgia eucarística formarem *um só ato de culto* (SC 56), é utilizado pela LI como razão suficiente para dizer: *Não é lícito separar uma parte da outra, celebrando-a em tempos e em lugares diferentes* [LI 2b]. Desde aqui percebemos como palavra e sacrifício eucarístico se unem intensamente na ação cultual com a precisa finalidade de alimentar, restaurar e enriquecer o conjunto da assembléia celebrante.

A epístola *Dominicae cenae* vai ainda evocar a antigüidade da união entre as duas mesas que compõem a celebração da missa, ao dizer:

Sabemos bem que a celebração da eucaristia foi unida, desde os tempos mais antigos, não somente à oração, mas também à leitura da Sagrada Escritura e ao canto de toda a assembléia. Graças a isso foi possível, desde muito tempo, referir à Missa a relação feita pelos padres com as duas mesas, sobre as quais a Igreja prepara para os seus filhos a palavra de Deus e a eucaristia, isto é, o pão do Senhor [DOC 10; cf. nn. 11 e 12].

A seguir a *Inaestimabile donum*, após citar literalmente uma parte da SC 56, completará: *Não se deve aproximar-se da mesa do pão do Senhor senão depois de se ter*

32. A *Sacrosanctum Concilium*, num texto em que se refere às duas mesas, diz que a união entre elas é tão estreita, a ponto de constituírem um único ato de culto: "As duas partes, de que constam de certa forma a missa, a liturgia da palavra e a liturgia eucarística, devem estar tão estreitamente unidas, que formem um único ato de culto (n. 56). A seguir, também a Constituição dogmática *Dei Verbum* dirá algo sobre a questão: "A Igreja sempre venerou as divinas Escrituras, da mesma forma como o próprio corpo do Senhor...", pois toma o pão da vida tanto da mesa da palavra como do Corpo do Senhor para ser distribuído aos fiéis. Assim, ambas as mesas oferecem o pão de vida eterna de que a Igreja se nutre (n. 21). Em terceiro lugar, se pronunciará ainda a *Presbyterorum ordinis*: "Isso vale antes de tudo para a Liturgia da palavra na celebração da Missa, na qual se unem inseparavelmente o anúncio da morte e da ressurreição do Senhor, a resposta do povo que escuta e a própria oblação, pela qual Cristo confirmou em Seu Sangue a Nova Aliança, oblação de que participam os fiéis tanto pelo desejo como pela recepção do Sacramento" (n. 4). Neste ponto aparecem em unidade inseparável na missa o anúncio e a acolhida da palavra de Deus e a oblação-realização da aliança nova e eterna no sacrifício de Cristo.

participado da mesa de sua palavra [ID 1]. Se é verdade que não pode haver celebração cristã sem proclamação da palavra de Deus, com muito mais razão não pode haver participação na ceia do Senhor sem acolhida da palavra de Deus liturgicamente anunciada. Palavra e eucaristia estão de tal maneira intimamente unidas, que a segunda exige naturalmente a primeira. Afinal, o momento sacramental nada mais é que a realização mistérica, real e sensível da mesma palavra que na celebração foi proclamada.

O novo *Ordo Lectionum Missae* vai também evocar a ligação entre as duas principais partes da celebração eucarística em muitos de seus artigos, alguns deles chegando mesmo a apresentar um aprofundamento na reflexão. É o caso do n. 10, que afirma:

Nutrida espiritualmente de uma e de outra mesa, a Igreja, de uma parte, se enriquece na doutrina e, de outra, se reforça na santidade [...] Ali a história da salvação é novamente evocada ao som das palavras, aqui a mesma história é representada nos sinais sacramentais da liturgia.

Especialmente recomendada como capaz de interligar as duas mesas é a homilia do presidente da celebração [cf. OLM 24.41.43], cuja função é precisamente explicitar a palavra para conduzir ao sacrifício. Função semelhante espera-se da oração universal, na qual o povo sacerdotal ora por todos os homens. *Desta forma, recolhendo o fruto da liturgia da palavra, a assembléia poderá passar mais adequadamente para a liturgia eucarística* [OLM 30]. E até a disposição arquitetônica e visual do ambão e do altar devem sugerir as ligações na missa entre palavra e corpo do Senhor [cf. OLM 32]³³.

A *Vicesimus quintus annus*, enfim, citando a aguda inspiração evangélica da nova *Liturgia das Horas*, declara que uma das exigências que a renovação litúrgica continua a impor à Igreja é o *...intenso desejo de descobrir o Cristo, como fizeram os discípulos de Emaús, à mesa da palavra e do pão*³⁴.

Vemos, portanto, que palavra e eucaristia estão intimamente e profundamente ligadas na celebração da missa, não tendo sentido receber o **Pão da Vida** sem receber igualmente a **Palavra da Vida**. Esta relação tão estreita entre palavra e sacramento demonstra-a magnificamente S. Agostinho ao afirmar ser o sacramento nada mais que "palavra feita visível": *Se ao elemento se une a palavra, forma-se o sacramento, o qual é, por sua vez, como uma palavra feita visível*³⁵.

4. A ACOLHIDA DA PALAVRA E A RESPOSTA DA ASSEMBLÉIA

Elemento relevante na análise da proclamação da palavra de Deus na assembléia eucarística é a questão da acolhida que esta mensagem deve receber por parte dos fiéis congregados para o culto. Já vimos acima que é o Senhor quem toma a iniciativa no diálogo que se realiza na assembléia, é o Senhor quem primeiro fala ao seu povo reunido, propondo-lhe a salvação e a vida. Mas para que se realize verdadeiramente um diálogo, uma comunicação entre Deus e o povo, se faz necessário que também o povo participe ativamente da conversação, acolhendo com atenção e respondendo ao que o Senhor lhe propõe.

33. Outros artigos do OLM que tratam das duas mesas na celebração eucarística são precisamente os nnº 44.46.55.61.

34. Cf. *Liturgia das Horas*, Vésperas da segunda-feira da IV semana, vol. III, p. 1066 [VQ 8].

35. *Accedit verbum ad elementum, et fit sacramentum, etiam ipsum tamquam visibile verbum* (S. AUGUSTINI, *In Iohannis evangelium tractatus* 80,3: *Opere di Sant'Agostino* (= Nuova biblioteca agostiniana 24/2) 2ª ed. [Roma 1985] 1236).

A IGMR já indica a atitude inicial e fundamental a ser adotada neste diálogo: *...todos devem escutar com veneração* [IGMR 9; cf. n. 35]. Ouvir atentamente, escutar e acolher com veneração é, sem dúvida, o início de qualquer experiência dialogal com Deus [cf. IGMR 24]. Tal experiência, porém, para ser de fato litúrgica, deve se processar num ambiente de fé, em clima de oração e no seio da assembléia cultual.

4.1 Uma acolhida-resposta na fé

É certo que a palavra de Deus proclamada na reunião do povo, reaviva a fé dos fiéis. Mas ao mesmo tempo, para que esta palavra possa ser corretamente acolhida, exige-se anteriormente da parte do homem uma atitude de fé, a qual, por sua vez, será intensificada com o acolhimento da própria mensagem.

4.1.1 A palavra reaviva a fé dos fiéis

A IGMR 5, citando a SC 59, salienta que não só a proclamação da palavra, mas toda a liturgia, se realiza *...por meio de sinais sensíveis que alimentam, fortalecem e exprimem a fé...* E o OLM 10, citando literalmente a PO 4, diz que: *«a pregação da palavra é necessária para o próprio ministério dos sacramentos, visto que são sacramentos da fé, a qual nasce da palavra e dela se alimenta»*. A palavra assim alimenta a fé dos fiéis, *...e mediante o uso constante da Sagrada Escritura, o povo de Deus se faz dócil ao Espírito Santo por meio da luz da fé e assim pode dar ao mundo, com sua vida e seus costumes, o testemunho de Cristo* [OLM 12].

A fé que nasce da palavra não é uma fé morta, mas leva ao vivo testemunho de Cristo diante do mundo. Esta fé da assembléia é ainda reavivada quando a comunidade canta a saudação e conclusão à leitura do evangelho, bem como o *Aleluia* de aclamação [cf. OLM 17-18.23]. A finalidade do símbolo ou profissão de fé na missa é recordar a regra de fé da Igreja *...antes de começar a cele-*

bração do mistério da fé na Eucaristia [OLM 29; cf. IGMR 43]. Entre as diversas funções da homilia na celebração, assinala-se que ela *...alimenta a fé dos presentes acerca da Palavra que na celebração se converte em sacramento pela intervenção do Espírito Santo...* [OLM 41]. Na liturgia da assembléia, após a acolhida e meditação da palavra de Deus, *...os fiéis podem dar uma resposta cheia de fé, esperança e amor, de oração e entrega de si mesmos..., tanto no culto como na vida* [OLM 48].

4.1.2 A palavra exige a fé e a intensifica

A comunidade que se reúne em assembléia para a escuta da palavra e celebração do sacrifício, é já de per si uma comunidade reunida na fé. Isso, aliás, vemos manifestado na atitude com a qual a assembléia se prepara para escutar a mensagem do seu Senhor no evangelho. Pelo *Aleluia* ou verso antes do evangelho, *...a assembléia dos fiéis recebe e saúda o Senhor que vai falar, e professa a sua fé cantando* [OLM 23]. O canto de aclamação é já expressão da fé da comunidade, antes ainda que o Senhor lhe dirija a sua palavra.

Um outro artigo do OLM, tratando do papel dos fiéis na liturgia da palavra, dirá:

Na liturgia da palavra, pela fé com que escuta, também hoje a assembléia dos fiéis recebe de Deus a palavra da aliança, e deve responder a esta palavra com a fé para que se vá convertendo cada vez mais em povo da nova Aliança [OLM 45].

Observamos aqui como a acolhida e a resposta à palavra se realizam em intenso clima de fé. O mesmo pode ser observado de maneira bem mais clara, numa outra passagem do mesmo OLM: *A Palavra de Deus, para que seja acolhida e traduzida na vida dos fiéis, exige uma fé viva, que cresce continuamente ao escutar a Palavra de Deus proclamada* [OLM 47]. Instaura-se assim uma contínua e estimulante

circulação entre palavra de Deus e fé que se modula progressivamente sobre o princípio paulino «a fé vem da pregação e a pregação é pela palavra de Cristo» (Rm 10,17), o que dispõe os fiéis cada vez mais à alegre acolhida e à realização viva da eterna e operante palavra de Deus³⁶.

4.2 Uma acolhida-resposta na oração

A comunicação salvífica que é transmitida na liturgia da palavra da assembléia através da mensagem escriturística ou de sua atualização homilética, exige da comunidade celebrante, além de uma atitude de fé, um comportamento de oração. É em clima de oração que a palavra deve ser acolhida, também em clima de oração deve-se a ela responder.

A este propósito, o salmo responsorial, que é *...parte integrante da liturgia da palavra* [IGMR 36], além de conter em si mesmo a palavra de Deus dirigida a seu povo, é resposta orante da Igreja ao Senhor que na celebração, em especial pelas leituras, se comunica com o povo: *Por isso, é preciso instruir constantemente os fiéis sobre o modo de escutar a Palavra de Deus que nos é transmitida pelos salmos e sobre o modo de converter estes salmos em oração da Igreja* [OLM 19]. O seu canto contribui muito *...para compreender o sentido espiritual do salmo e para meditá-lo profundamente* [OLM 21; cf. n. 22]. Os salmos contêm estrutura dialogal; através de seu canto encontramos seja Deus que fala a seu povo reunido, seja o povo que como comunidade orante responde ao seu Senhor, comprometendo-se com a mensagem recebida.

Diante do Deus que fala na palavra, a atitude inicial e mais fundamental do fiel será a “escuta” e a “meditação” [cf. OLM 8], sempre sob a ação do Espírito do Senhor [cf. OLM 9]. Compreendendo, assim, a liturgia da palavra como momento intenso de meditação e recolhimento, nos dirá o OLM:

A liturgia da palavra deve ser celebrada de tal maneira que favoreça a meditação; por isso deve-se evitar a pressa, que impede o recolhimento. O diálogo entre Deus e os homens, que se realiza com a ajuda do Espírito Santo, requer breves momentos de silêncio, adequados à assembléia presente, para que neles a Palavra de Deus seja acolhida interiormente e se prepare uma resposta, por meio da oração [OLM 28].

Inimigo declarado do recolhimento e aprofundamento da mensagem na liturgia da palavra é a pressa, pois a palavra necessita de tempo e de silêncio para penetrar na vida do cristão e criar raízes no seu coração. Aquele que preside a celebração, em especial através da homilia, *...conduz seus irmãos a uma compreensão saborosa da Sagrada Escritura; abre as almas dos fiéis à ação de graças pelas maravilhas de Deus...* [OLM 41; cf. n. 48]. Outros momentos de resposta orante à palavra acolhida e meditada na celebração da eucaristia é a profissão de fé [cf. OLM 29] e a oração universal [cf. OLM 30; DO 4].

4.3 Uma acolhida-resposta na celebração

O OLM, interessando-se pela celebração da palavra de Deus que se realiza no seio da assembléia dos fiéis, aprofundará o significado litúrgico desta mesma palavra:

Na celebração litúrgica, a Palavra de Deus não se exprime sempre do mesmo modo, nem penetra sempre no coração dos fiéis com a mesma eficácia... Mais ainda, a economia da salvação, que a Palavra de Deus não cessa de recordar e prolongar, alcança seu mais pleno significado na ação litúrgica, de modo que a celebração litúrgica se converte numa contínua, plena e eficaz apresentação desta Palavra de Deus [OLM 4].

36. Cf. A.TRIACCA, *In margine alla seconda edizione* 259.

A celebração litúrgica pode assim ser definida como a “epifania” da palavra de Deus, lugar em que esta alcança a plenitude de seu significado. Existe mesmo uma relação profunda entre palavra de Deus e celebração litúrgica, entre mensagem e proclamação cultural. Sempre no OLM encontramos um outro artigo que nos oferece ainda a seguinte afirmação:

A Igreja ...impelida pelo exemplo de seu Fundador, nunca deixou de celebrar o mistério pascal de Cristo, reunindo-se para ler «todas as passagens da Escrituras que a ele se referem» (Lc 24,27) e realizando a obra da salvação, por meio do memorial do Senhor e dos sacramentos [OLM 10].

Celebrar a palavra de Deus em comunidade significa em primeiro lugar ler nas Sagradas Escrituras aquilo mesmo que ao Senhor se refere em proveito da salvação do homem que crê e celebra. As Escrituras, assim, nada mais fazem que desvelar à comunidade orante a santa vontade do Senhor.

Mas se poderia retrucar aqui que o mesmo sucede quando o fiel lê individualmente a palavra de Deus. Então, o que acrescenta a mais ler esta palavra na reunião da assembleia, sobretudo na reunião comunitário-eucarística? Não seria melhor lê-la em particular? Assim se evitariam os incômodos da escuta e as distrações possíveis de uma leitura em comum.

Todavia, este mesmo n° 10 do OLM continua mostrando vivamente onde se encontra a superioridade da leitura da palavra na comunidade eucarística: a reunião para a ceia do Senhor é o único lugar em que a palavra lida é também atualizada no âmbito da mesma celebração sacramental. A celebração eucarística faz que a mensagem salvífica que aí é proclamada, cantada, explicada, rezada, meditada, se transforme na e para a comunidade em palavra sacramental viva, atuante. Melhor ainda, a palavra de Deus que é tanto

«viva», quanto «eficaz» (cf. *Hb* 4,12), recebe força nova cada vez que na assembleia é liturgicamente anunciada. O leitor (ou o diácono) dando, por meio do seu ministério, voz ao texto escrito, torna-se, cada vez, verdadeiro profeta, apóstolo (e evangelista). A sua proclamação deveria, de um lado, re-propor a voz do hagiógrafo e, de outro, exprimir a fé segura de que o autor principal do texto é efetivamente o Espírito Santo³⁷.

Nesta linha, um outro artigo do OLM, citando a *Presbyterorum Ordinis* 4, vai completar assinalando a missa como momento de íntima unidade entre anúncio do mistério pascal, resposta do povo e oblação sacrificial:

A Palavra de Cristo reúne, faz crescer e alimenta o povo de Deus, «isso vale especialmente para a liturgia da palavra na celebração da missa, na qual o anúncio da morte e ressurreição do Senhor e a resposta do povo que escuta se unem inseparavelmente com a própria oblação, pela qual Cristo confirmou com o seu sangue a nova Aliança, oblação de que participam os fiéis com o desejo e com a recepção do sacramento» [OLM 44].

A assembleia de culto, portanto, é o lugar privilegiado da acolhida-resposta-atualização-realização da palavra de Deus. Na celebração a mensagem salvífica alcança o máximo de sua atualidade. Na celebração, mas em especial na eucaristia, o fiel consegue dar a máxima resposta ao diálogo redentor que Deus estabelece com as suas criaturas. A eucaristia é, portanto, uma celebração densa, plena e completa da palavra de Deus. Com outros termos, embora com a mesma inspiração, o n. 10 do OLM conclui dizendo:

Assim, a celebração da missa, na qual se escuta a Palavra e se oferece e se recebe a Eucaristia, constitui um só ato de culto divino com o qual se oferece a Deus o sacrifício de louvor e se realiza plenamente a redenção do homem [OLM 10].

37. Cf. I. SCICOLONE, *Il canto dei ministri nella liturgia: Bolletino Ciciliano. Rivista di musica sacra* 78 (1983) 27.

5. A ÍNTIMA RELAÇÃO ENTRE A PALAVRA E A IGREJA-ASSEMBLÉIA

Na parte que acabamos de concluir, vimos como são intensas as ligações entre a palavra de Deus e a celebração da Igreja. Aprofundemos um pouco mais esta idéia, procurando observar brevemente o que a palavra de Deus acrescenta propriamente de novo à celebração e à vida do povo da assembleia.

5.1 A palavra, apoio e força da celebração, constrói e faz crescer a Igreja

É a palavra do Senhor, anunciada e proclamada em cada celebração, quem edifica a inteira Igreja de Deus. Esta inimaginável riqueza da palavra de Deus é, por isso mesmo, comparada pelo OLM 3, a um inesgotável tesouro que vai distribuindo os seus dons em cada celebração. Mas, quanto mais oferece de si mesmo, tanto mais se enriquece de nova vitalidade, através de novas interpretações:

Nas diferentes celebrações e nas diversas assembleias das quais os fiéis participam de maneira admirável, exprimem-se os múltiplos tesouros da única Palavra de Deus... Deste modo, a mesma celebração litúrgica, que se sustenta e se apóia principalmente na palavra de Deus, converte-se num acontecimento novo e enriquece a palavra com uma nova interpretação e eficácia.

A celebração é claramente vista aqui como maravilhosa manifestação da única palavra de Deus, a qual, na medida em que é proclamada-cultuada na assembleia dos fiéis, torna-se o apoio e a força da mesma celebração, ...norma e ajuda de toda a vida [OLM 9].

Ora, dizer que a palavra de Deus proclamada na assembleia é o apoio e a força da celebração que aí se realiza é o mesmo que dizer que esta palavra é capaz de construir

admiravelmente a inteira Igreja de Deus, tanto em sua expressão local, como naquela universal. Neste sentido, o n° 7 do OLM já havia dito que *a Igreja cresce e se constrói ao escutar a Palavra de Deus...* Cada vez que na assembleia reunida para a celebração, a palavra de Deus é anunciada, a comunidade cresce e se edifica como verdadeira Igreja de Deus. A assembleia celebrante, além de ser o lugar privilegiado da proclamação da palavra de Deus, é também o ambiente de edificação e desenvolvimento da Igreja do Senhor em sua totalidade, sempre em virtude da viva e eficaz palavra que aí é anunciada.

Idéia semelhante nos é oferecida ainda num outro artigo da mesma ordenação das leituras da missa:

Com efeito, as Sagradas Escrituras são, sobretudo na proclamação litúrgica, uma fonte de vida e de força segundo o que diz São Paulo, quando afirma que o Evangelho é uma força de salvação para todo o que crê (cf. Rm 1,16), por isso, o amor às Escrituras contribui para o vigor e a renovação de todo o povo de Deus [OLM 47].

5.2 A palavra alimenta e enriquece a comunidade celebrante

A idéia do alimento e do enriquecimento que é fornecido aos que entram em contato com a palavra de Deus na celebração comunitária, é outro elemento importante que os nossos textos oferecem. Assim é que o Proêmio da IGMR, descrevendo o povo de Deus, dirá: *Este é o povo de Deus... nutrido por sua palavra....* [IGMR, Proêmio 5]. Trata-se de uma idéia muito simples, mas ao mesmo tempo muito rica. É Deus quem alimenta o seu povo, quem o nutre com o contínuo anúncio de sua palavra na assembleia de culto. A mesma palavra anunciada, que por sua vez conduz ao sacrifício eucarístico, leva o povo a crescer em santidade, em verdade, em vida. Daí o texto da Institutio sublinhar mais claramente: *De fato na missa se prepara tanto a mesa da palavra de Deus como a do Corpo de Cristo,*

para ensinar e alimentar os fiéis [IGMR 8; cf. OLM 10]. Tanto a palavra como o pão eucarístico instruem e nutrem os participantes da eucaristia.

Na IGMR 33, a palavra *...oferece nutrição espiritual... alimentado por ela (o povo) reza na oração universal pelas necessidades de toda a Igreja e pela salvação do mundo inteiro*. O sustento oferecido pela palavra dá forças à Igreja para realizar na celebração a sua oração comum. Outro elemento na liturgia da palavra capaz de alimentar profundamente o homem será a interpretação homilética da palavra de Deus, *...parte da liturgia e vivamente recomendada, sendo indispensável para nutrir a vida cristã* [IGMR 41].

Embora a palavra de Deus seja anunciada na celebração não sempre do mesmo modo e nem com a mesma eficácia, todavia *...é sempre viva e eficaz pelo poder do Espírito Santo, e manifesta o amor ativo do Pai, que nunca deixa de ser eficaz entre os homens* [OLM 4]. Embora não de forma única, a palavra de Deus jamais pára de trabalhar no coração, seja do indivíduo, que da inteira comunidade.

A consideração da palavra como alimento relaciona-se aqui com a SC 51, na qual se pede maior abundância de leituras bíblicas de modo a oferecer uma mais rica mesa da palavra de Deus aos fiéis na missa. Daí a inclusão das três leituras bíblicas nas eucaristias dos domingos e solenidades, que têm por finalidade levar os fiéis à compreensão da continuidade da obra salvífica, segundo a admirável pedagogia divina [cf. IGMR 318]. Não podemos, porém, a propósito, deixar de recordar aqui as visões descritas

em Jr 3,1-3 e Ap 10,8-11 nas quais, através de uma imagem de intenso significado, o rolo do livro é comido, com referência respectivamente à vocação de Jeremias e de João. Isso indica como toda vocação cristã para ser bem realizada, necessita ser fortificada pela palavra de Deus.

5.3 A palavra «forma», «informa» e «transforma» a assembléia

Observamos serem inúmeras as relações que ocorrem entre a palavra e a comunidade dos fiéis. Podemos dizer mesmo que a palavra, em sua dinâmica própria, **forma, informa e transforma** a comunidade litúrgica, em especial, aquela que se reúne para a celebração da eucaristia.

A palavra «forma» a Igreja-assembléia na medida em que, convocada pelo Espírito, é propriamente a palavra do Senhor quem apela e congrega os indivíduos para o culto, tornando-os um corpo uno e apto a celebrar a ação litúrgica. Segundo o pensamento dos Padres da Igreja, as diversas assembléias são efetivamente constituídas pela Palavra de Deus³⁸. S. Agostinho, da parte sua, já resumira isso ao afirmar, referindo-se aos Apóstolos: *Pre-garam a palavra da verdade e geraram igrejas...*³⁹, na certeza de que é propriamente a palavra quem gera e edifica a Igreja.

A palavra também «informa» a Igreja-assembléia, no sentido de que ela é quem propriamente dá forma à comunidade litúrgica, quem permite à assembléia de culto vir a ser aquilo mesmo que ela é⁴⁰. Assim, o povo ainda indeterminado, informe como a matéria, assume a sua feição própria de assembléia litúrgica, povo de Deus reunido, comunidade dos redentos, em virtude da pa-

38. Cf. A. TRIACCA, *La comunità si raduna* 43.

39. *Enarratio in Ps 44,23: Opere di Sant' Agostino* (= Nuova biblioteca agostiniana 25) 2ª ed. (Roma 1982) 1108.

40. Aplico aqui à realidade da comunidade litúrgica o conceito de hilemorfismo: a matéria é o princípio de indeterminação; a "forma", o princípio de determinação. A palavra, assim, é quem determina o que vem a ser a assembléia dos fiéis. A respeito do hilemorfismo, veja: F. TABORDA, *Sacramentos, práxis e festa. Para uma teologia latino-americana dos sacramentos* (Coleção Teologia e Libertação 5) 2ª ed., Loyola (S. Paulo 1990) 134-135.

lavra. Além do mais, a mesma palavra se faz presente ao longo de todo o processo formador: a palavra congrega os dispersos, reúne os que crêem na unanimidade da assembléia; a palavra edifica os reunidos, pois toda palavra proclamada e celebrada na comunidade se orienta ao esclarecimento e solidificação dos membros do único corpo de Cristo; a palavra abre a comunidade à consciência de ser a continuação e perpetuação das assembléias litúrgicas de todos os tempos, portadora daquela mesma esperança que já animava e comprometia a primeira comunidade cristã.

Mas a palavra ainda «transforma» a Igreja-assembléia, já que toda palavra proclamada e acolhida em espírito de fé e abertura tende a provocar uma intensa e substancial mudança interior nos ouvintes, impulsionando-os a uma vida de maior serviço e fraternidade no confronto com a sociedade dos homens e do mundo inteiro. A palavra de Deus escrita, que é proclamada na assembléia litúrgica, torna-se viva, ou melhor, «espírito e vida», mensagem de Deus para o «aqui» e o «hoje»⁴¹.

Em outros termos, este dinamismo de formação, informação e transformação da assembléia operado pela palavra de Deus, pode ser sintetizado com o que afirma A. Triacca:

*“A Palavra de Deus faz nascer a Igreja; a Igreja concentra-se na celebração; a celebração exercita e proclama a Palavra de Deus para levar a Igreja à consecução dos fins para os quais a Palavra de Deus veio a nós”*⁴².

6. OS LIVROS DA PROCLAMAÇÃO DA PALAVRA

Elemento de não pouca importância na assembléia são os livros dos quais se procla-

mam as leituras no culto. Deles também se interessarão os nossos textos de estudo. Desta maneira, o decreto *Cum nostra aetate*⁴³, já advertia sobre a apresentação exterior dos livros usados na liturgia, com as palavras: *A medida, a apresentação exterior e as características de impressão dos livros destinados ao uso litúrgico sejam tais a favorecer a beleza e o respeito devido aos livros litúrgicos* [CN 4]. Decoro e reverência são critérios a serem levados em conta na confecção das edições destinadas ao culto da assembléia.

A razão de uma tal veneração em relação ao livro litúrgico não deve ser buscada em questões puramente exteriores, ou num desejo exagerado de ritualismo ou cerimonialismo dos ministros, mas no próprio mistério que o livro significa e transmite à comunidade dos fiéis:

O texto litúrgico, enquanto documento ritual, é um meio de comunicação oral. Ele é, de início, um sinal sensível pelo qual os homens que rezam se comunicam entre si. Mas, para os crentes que celebram a liturgia, a palavra é, ao mesmo tempo, mistério: através dos termos pronunciados, é o próprio Cristo que fala a seu povo, e o povo responde a seu Senhor: é a Igreja que fala ao Senhor e exprime a voz do Espírito que a anima [CL 5].

O proêmio da IGMR inicia mostrando que o costume de preparar as pessoas, lugares, ritos e textos para a celebração da eucaristia é uma resposta da Igreja ao seu Senhor que, para a ceia pascal com seus discípulos, em que instituiu o sacrifício de seu Corpo e Sangue, ordenou fosse preparada uma sala ampla e mobiliada⁴⁴. E o texto da *Institutio*, tratando do anúncio do evangelho na missa como de algo que merece particular venera-

41. Cf. I. SCICOLONE, *La proclamazione della sacra Scrittura* 157.

42. A. TRIACCA, *Bíblia e liturgia* 139.

43. *De editione librorum liturgicorum* (“*Cum nostra aetate*”): Decreto da Congregação dos Ritos (27 de janeiro de 1966): AAS 58 (1966) 169-171.

44. *Quando ia celebrar com seus discípulos a ceia pascal, onde instituiu o sacrifício do seu Corpo e Sangue, o Cristo Senhor mandou preparar uma sala ampla e mobiliada* (Lc 22,12) [IGMR, Proêmio 1].

l i a
c
n
é
n
r
e
v
n
o
c

ção, conclui afirmando: *Realçam-no ainda os sinais de veneração prestados ao livro dos evangelhos.* [IGMR 35].

O artigo 79 da mesma IGMR faz ainda uma breve, mas significativa observação quando sugere: *Pode-se também colocar sobre o altar o livro dos evangelhos, distinto dos livros das outras leituras, se não for trazido na procissão de entrada.* Desta maneira, através da própria diversificação dos volumes, se indica a superior importância do evangelho em relação às outras leituras, bem como a diversidade dos ministros encarregados de proclamá-las. Além do mais, o ato de depositar o evangeliário sobre o altar por si só já revela com que espécie de atenção a Igreja venera o livro que contém os santos evangelhos. A seguir, o artigo 232 da IGMR vai ainda tratar dos sinais exteriores através dos quais os ministros da assembléia exprimem a sua atenção tanto ao altar, como ao livro dos evangelhos⁴⁵.

No OLM, esta preocupação com o livro litúrgico é especialmente ressaltada:

Os livros de onde se tiram as leituras da Palavra de Deus, assim como os ministros, as atitudes, os lugares e demais coisas, lembram aos fiéis a presença de Deus que fala ao seu povo. Portanto, é preciso

procurar que os próprios livros, que são sinais e símbolos das realidades do alto na ação litúrgica, sejam verdadeiramente dignos, decorosos e belos [OLM 35].

Os livros, como os ministros, gestos, lugares, etc. são, na ação ritual, sinais e símbolo das realidades superiores. Espera-se, portanto, que correspondam perfeitamente a esta sua função, exprimindo dignidade, decoro e expressiva beleza⁴⁶. No artigo seguinte do OLM, em que se busca a justificativa para a diversidade dos livros das leituras na própria tradição litúrgica tanto oriental como ocidental⁴⁷, continua insistindo-se sobre a honra devida ao evangeliário:

Assim, pois, é muito conveniente que também em nossos dias nas catedrais, nas paróquias e nas igrejas maiores e mais concorridas haja um Evangeliário, formosamente adornado e diferente do livro das demais leituras [OLM 36].

Um semelhante cuidado com o evangeliário deve-se ao fato que este livro “do qual se proclama o Evangelho na liturgia, é sinal de Cristo, Palavra do Pai, a quem o rito presta a veneração devida ao próprio Cristo”⁴⁸. O OLM ainda dá uma precisa, útil e oportuna orientação pastoral prática a respeito dos livros a serem usados no culto:

45. *Conforme o uso consagrado na liturgia, venera-se o altar e o livro dos evangelhos pelo ósculo. Mas, onde este sinal não se coadunar plenamente com as tradições ou a índole da região, compete à Conferência Episcopal estabelecer outro sinal para substituí-lo, certificando disso a Sé Apostólica* [IGMR 232].

46. A SC 122, que inclusive é citada no final deste artigo 35 do OLM, já havia se pronunciado sobre o papel das belas-artes e, em especial, das artes sacras como expressão das realidades divinas, quando afirmava: *Entre as mais nobres atividades do espírito humano contam-se com todo direito as belas artes, principalmente a arte religiosa e a sua melhor expressão, a arte sacra. Por sua própria natureza espelham a infinita beleza de Deus a ser expressa de certa forma pelas obras humanas. Tanto se destinam a Deus, a seu louvor e à exaltação de sua glória, quanto não é outra sua função, senão contribuir poderosamente na sincera conversão dos corações humanos a Deus.*

47. A este propósito assim se expressa uma parte do n° 113 da OLM: *Recomenda-se o antigo costume de editar separadamente o livro dos Evangelhos e das outras leituras do Antigo e do Novo Testamento.*

48. I.SCICOLONE, *La proclamazione della sacra Scrittura* 161. Este mesmo autor continua dizendo: “O evangeliário faz o seu ingresso na igreja levado com solenidade pelo diácono, é depositado ao centro do altar e beijado pelo bispo, transferido processionalmente ao ambão entre velas e incenso, beijado pelo diácono. (Em outros ritos, é beijado também pelos presbíteros concelebrantes e por um representante de toda a assembléia; no Oriente, com o evangeliário o bispo abençoa o povo). A teca do evangeliário se liga ao simbolismo do ambão, como o cálice e a patena ao simbolismo do altar: uma e outras, cada um a seu modo, contém a palavra de Deus que a nós se faz presente pelo Espírito Santo” (*Ibid.*). Para o que se refere à proclamação do evangelho ao longo da tradição da Igreja, veja: J.A.JUNGMANN, *Missarum sollemnia* 490-503.

Por último, os livros das leituras que se utilizam na celebração, pela dignidade que a Palavra de Deus exige, não devem ser substituídos por outros subsídios de ordem pastoral, por exemplo, pelos folhetos que se fazem para que os fiéis preparem as leituras ou as meditem pessoalmente [OLM 37].

O OLM nos artigos 111 a 118 oferece elementos sobre as possibilidades de adaptação e a respeito das edições dos lecionários e evangeliários. E na *Liturgicae instaurationes* encontramos também consideração quanto à dignidade que merecem as Escrituras que nas assembleias litúrgicas são proclamadas⁴⁹.

Tudo isso dizem os textos, e como vemos, dizem muito bem. Infelizmente, a realidade que estamos acostumados a observar em nossas igrejas e na prática concreta da maioria de nossas assembleias é bem outra. Não existe, por exemplo, nem em muitas línguas e nem mesmo em língua latina, um Evangeliário separado do livro de outras leituras, contrariamente ao que reclama a IGMR 79. Em inúmeros lugares o livro jamais é transportado em procissão e conduzido ao ambão, e tal acontece ou porque falta o diácono na comunidade, ou porque não se tem sensibilidade para isso, ou, o que é pior ainda, porque muitos nem sequer se convenceram da real utilidade de um ambão ou mesa da palavra na igreja, qual espaço próprio e legítimo da proclamação da palavra de Deus no meio da assembleia dos fiéis.

Não é raro se encontrar em nossas igrejas, até mesmo em igrejas importantes, livros litúrgicos totalmente desprezados em seu aspecto exterior, que os pastores continuam usando tranqüilamente, sem demonstrar a menor sensibilidade para o seu lamentável estado. É como se a apresentação exterior do livro da Palavra de Deus nada significasse para o conjunto dos fiéis que, na celebração litúrgica, escutam e celebram com devoção a santa Palavra do Se-

nhor. Em muitas igrejas, o uso do livro foi mesmo completamente abolido nos dias principais de convocação da assembleia, como os domingos e festas, e as leituras passaram a ser feitas aí diretamente de folhas avulsas, com total desrespeito para com a palavra de Deus. E em inúmeras vezes vê-se tais folhas serem solenemente incensadas, respeitosamente beijadas pelo presidente da celebração no final da leitura e até levantadas para que os fiéis aclamem com cantos de louvor a palavra que a partir delas foi proclamada no meio da comunidade. O uso de tais folhas na celebração, além de não expressar a devida honra com que a Igreja venera a palavra santa que na assembleia se faz salvação e vida para os fiéis, também não ajuda a celebrar dignamente os mistérios da fé, ridicularizando o culto litúrgico-eucarístico da comunidade, que é, como professamos, *cume e fonte* da inteira vida da Igreja.

No momento em que a palavra de Deus retorna ao centro da ação litúrgica da comunidade, em especial, ao coração da celebração eucarística, os textos emanados do magistério eclesial, de uma maneira clara e bastante forte, dão ênfase à sua escuta e manifestam o desejo de promover por diversos modos e em várias circunstâncias o seu culto. Passamos de uma época de escassez de anúncio da palavra de Deus, a uma outra, em que tais proclamações se fazem abundantes. Por isso mesmo podemos dizer que vivemos num providencial momento de intensa valorização da palavra, num rico e salutar tempo de passagem do Espírito Santo por sua Igreja.

Uma prova eloqüente destes novos tempos é, sem dúvida, os *praenotanda* da atual segunda edição do *Ordo lectionum Missae* de 1981, o qual se constitui num valioso tratado teológico e pastoral sobre a palavra liturgicamente proclamada. Nunca é demais afirmar que aí temos a melhor síntese de

49. Entre os textos sagrados que são proclamados na assembleia litúrgica, os livros da divina Escritura gozam de particular dignidade; é Deus que neles fala ao seu povo, e é Cristo, presente na sua palavra, que anuncia o evangelho [LI 2].

B
—
O
E
O
O
O
O
O
O

todos os documentos conciliares e pós-conciliares sobre a proclamação da palavra de Deus e talvez o único dentre eles em que o papel do Espírito Santo é suficientemente sublinhado, tanto na existência da Igreja como um todo, como na vida de cada fiel que ouve e cultua a palavra em comunidade.

É bem verdade que nem sempre os textos analisados demonstram uma suficiente abertura, nem são capazes de apoiar maiores avanços litúrgicos. Todavia, revelam uma boa vontade de fundo e desejo de fazer a Igreja crescer no âmbito da proclamação-celebração-vivência da palavra. E talvez este seja o maior mérito destes textos. A nível de sinal se insiste muito, por exemplo, no cuidado que deve cercar cada proclamação litúrgica da palavra de Deus, bem como na apresentação exterior dos livros aí utilizados, e isso é muito importante, justamente porque em não poucos casos o cuidado ou não cuidado exterior tem revelado atenção e respeito ou então desprezo ou pouco caso por pessoas, situações ou coisas que nos cercam.

Cabe a nós, pois, organizar de modo exemplar o anúncio e a celebração litúrgica da palavra de Deus nas nossas comunidades, na plena certeza de que se trata da santa, viva e eficaz palavra de Deus:

*Como a chuva e a neve descem do céu
e para lá não voltam, sem terem regado a terra,
tornando-a fecunda e fazendo-a germinar,
dando semente ao semeador e pão ao que come,
tal ocorre com a palavra que sai da
minha boca:
ela não torna a mim sem fruto;
antes, ela cumpre a minha vontade
e assegura o êxito da missão
para a qual a enviei (Is 55,10-11).*

Que nossas comunidades possam cada vez mais se conscientizar quanto ao sentido, função e riqueza da palavra de Deus anunciada e celebrada, colaborando assim para formar cristãos sedimentados e robustecidos na pluriforme mensagem que opera e conduz à vida.

QUESTÕES PARA AJUDAR A LEITURA INDIVIDUAL OU O DEBATE EM COMUNIDADE

1. Os movimentos bíblico e litúrgico deste século constituem "autênticos dons do Espírito em favor da Igreja neste nosso tempo". Como você e sua comunidade percebem a influência desses dons do Espírito na sua vida pessoal e comunitária, bem como na ação evangelizadora da Igreja e da Vida Religiosa?
2. Depois de uma leitura atenta do texto, procurem estudar e discutir em comunidade os critérios e as condições necessárias para que a proclamação da Palavra nas celebrações e a homilia alcancem seu objetivo básico: ser fonte de vida e alimento do compromisso de fé dos cristãos e cristãs de hoje.
3. Que pode ser feito na sua comunidade, na sua paróquia para que esses critérios e condições sejam mais conhecidos e mais levados à prática?



Prezado Assinante:

Rio de Janeiro, RJ
1 maio de 1998

Finalmente está pronto e ao seu alcance o livro **QUEM É JESUS**, coedição Publicações CRB, Rio de Janeiro, RJ, e Edições Loyola, São Paulo, SP. A primeira edição, de 1997, tinha apenas 48 páginas. Esgotou-se em três meses. Esta **segunda edição** tem 80 páginas. Não se trata, portanto, de reimpressão. O livro foi materialmente ampliado e melhorado, sem dúvida, no seu conteúdo e na apresentação gráfica. Convém conferir.

– **POR QUE ESTA INSISTÊNCIA NESTE TEMA, QUEM É JESUS?**

Um dos três elementos constitutivos da Vida Religiosa, ou seja, um dos elementos que aponta para sua identidade última, sua natureza mais íntima, sua realidade mais profunda, é a **Evangelização** que implica uma pluralidade de aspectos: presença, testemunho, pregação, conversão pessoal, formação da Igreja, catequese, diálogo inter-religioso, educação, promoção humana, transformação da sociedade... A *Evangelii Nuntiandi*, n° 17, apresenta, de modo autorizado e oficial, a sua complexidade.

Há, porém, um núcleo que dá sentido e orienta e dita os critérios e as modalidades segundo os quais tudo o mais deve ser realizado na Evangelização. É o **anúncio de Jesus Cristo**, de Nazaré, Filho de Deus, com o convite para um encontro com sua pessoa viva, sua doutrina, sua vida, suas promessas, seu Reino, seu Mistério. **Tudo precisa se fazer complementar e convergente rumo a esta única meta:** conhecimento, cada dia, mais profundo de Jesus Cristo, adesão de fé à sua pessoa, participação na sua vida.

A marca registrada de uma Evangelização autêntica é a sua **inculturação**. Diversos documentos eclesiais, sínodos continentais, exortações que lhes seguiram, se ocuparam extensivamente deste tema sublinhando a urgência, explicitando fundamentos teológicos, indicando caminhos de sua realização, individualizando campos e preferências de aplicação. Admiráveis iluminações teóricas. Mas no discurso da inculturação, em sua tematização, **o fundamental é a centralidade do mistério de Jesus**. O modelo e o critério de toda inculturação são a sua **ENCARNAÇÃO**, esta realidade histórica, de caráter único, irrepitível, definitivo para a salvação. O Verbo, pessoa divina e completa na Trindade, assume, como sujeito determinante, a humanidade e uma natureza que, purificada e redimida, lhe possibilita expressar-se historicamente.

– **Mas, então, por que esta insistência neste tema, Quem É Jesus?**

Querer Evangelizar, elemento da tríade constitutiva da Vida Religiosa, **querer inculturar** a fé, sem um aprofundamento deste mistério que é Jesus, sem a experiência de uma relação pessoal com ele, sem comunhão com seu corpo que é a Igreja, sobre ser inútil é, ainda, perigoso. Amiúde se percebem uma escassa referência às fontes da fé e uma limitada compreensão deste mistério que se deseja viver e comunicar. Na **Apresentação** desta segunda edição de **QUEM É JESUS**, escreve o Pe. João Roque Rohr, SJ, Presidente Nacional da CRB:

- Para se viver com densidade espiritual não comum a vida cristã, JESUS é o tema que não pode sair da moda e do cartaz no horizonte da pessoa religiosa e da comunidade de sua pertença. Quando se fala em **refundar** a Vida Religiosa, Ele é a inspiração. Trata-se de reencontrar para reviver este seu primeiro e único amor.

QUEM É JESUS, segunda edição ampliada e melhorada, 80 páginas. Adquirá o seu exemplar para ler, interiorizar e viver. É um livro para ler e rezar. Se pudesse, teria querido que o texto todo induzisse a passagem da teologia (!) à doxologia, da reflexão ao louvor diante deste mistério inefável que é o nosso Salvador.

MAIO – MARIA. Maria faz-nos pensar na Palavra acolhida na Anunciação, no anúncio alegre levado na Visitação, na Palavra meditada no Natal e progressivamente feita vida na participação do ministério público, plenamente realizada na união à paixão, morte e ressurreição. A ela confiamos nosso presente e os nossos projetos futuros de **refundação** da Vida Religiosa.

A **GRAÇA**, dom divino que **Jesus** nos mereceu; o **AMOR**, iniciativa livre, gratuita e preveniente do **Pai** que nos escolheu por filhos, realizem em nós uma **COMUM-UNIÃO** por obra do **Espírito Santo**. Filhos no Filho, clamemos no Espírito, Abá, papai. Amém. Com afeto e estima fraterna, subscrevo-me, ao seu inteiro dispor,

atenciosamente

Pe. MARCOS DE LIMA, SDB